

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

SAMANTA MIZUNUMA

**EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I:
A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL**

DISSERTAÇÃO

PONTA GROSSA

2017

SAMANTA MIZUNUMA

**EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I:
A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Siumara
Aparecida de Lima
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Bettina Heerd

PONTA GROSSA

2017

Ficha catalográfica elaborada pelo Departamento de Biblioteca
da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Ponta Grossa
n.34/17

M685 Mizunuma, Samanta

Educação científica no ensino fundamental I: a questão da educação sexual.
/ Samanta Mizunuma. 2017.
146 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Siumara Aparecida de Lima
Coorientadora: Profa. Dra. Bettina Heerd

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Programa de
Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. Universidade Tecnológica
Federal do Paraná. Ponta Grossa, 2017.

1. Ciências (Ensino fundamental). 2. Educação sexual. 3. Literatura
infantojuvenil. I. Lima, Siumara Aparecida de. II. Heerd, Bettina. III. Universidade
Tecnológica Federal do Paraná. IV. Título.

CDD 507



Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Campus de Ponta Grossa
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação Nº **121/2017**

EDUCAÇÃO CIENTÍFICA NO ENSINO FUNDAMENTAL I: A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL

por

Samanta Mizunuma

Esta dissertação foi apresentada às **14 horas e 30 minutos** do dia **10 de março de 2017** como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, com área de concentração em Ciência, Tecnologia e Ensino, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo citados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Profª. Drª. Vera Lucia Martiniak (UEPG)

Prof. Dr. Danislei Bertoni (UTFPR)

Profª. Drª. Siumara Aparecida de Lima
(UTFPR)
Orientador(a)

Visto do(a) Coordenador(a):

Profª. Drª. Eloiza Aparecida Silva Avila de Matos
Coordenadora do PPGECT-Mestrado

A FOLHA DE APROVAÇÃO ASSINADA ENCONTRA-SE NO DEPARTAMENTO DE
REGISTROS ACADÊMICOS DA UTFPR – CÂMPUS PONTA GROSSA

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela vida com saúde que me permite seguir em busca de meus sonhos e me possibilitou concluir este trabalho.

Agradeço aos meus pais Lila Mizunuma e Yoshiji Mizunuma por todo amor, cuidado, incentivo e por sempre valorizarem tanto os estudos e a leitura em nossa casa.

Agradeço aos meus irmãos, Erica Mizunuma e Bruno Kazunari Mizunuma, pela amizade verdadeira que temos e pela força que me dão para que continue seguindo atrás dos meus sonhos.

Agradeço ao meu noivo, Raphael Euclides Prestes Salem, por todo companheirismo, por todo amor, pela paciência nos momentos de ausência em que estava em estudo e por sempre me fazer acreditar no meu melhor, torcendo por cada conquista e comemorando-as ao meu lado.

Meu muito obrigada à minha orientadora, professora Dr^a. Siumara Aparecida de Lima, que, como já lhe disse em outro momento, soube, da melhor forma, mostrar-me o que é ser um orientador de verdade. Ensinou-me muito, não só nas questões ligadas ao trabalho de pesquisa em si, mas também para a minha vida profissional, principalmente na relação entre professor e aluno.

Agradeço à minha coorientadora, professora Dr^a. Bettina Heerd, por ter me auxiliado no decorrer desse trabalho com excelentes contribuições.

Agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Ponta Grossa e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Tecnologia, por ter me acolhido e me permitido realizar mais este sonho.

Agradeço à equipe gestora e de professores da Escola João Maria Cruz, pela compreensão nos momentos em que precisei reorganizar meus horários para poder cumprir com as atividades ligadas ao mestrado.

Agradeço à Secretária Municipal de Educação de Ponta Grossa, Professora Dr^a. Esméria de Lourdes Saveli e sua equipe, por possibilitar a realização desta

pesquisa com os professores e alunos da Rede Municipal de Ensino, e por me auxiliar no processo de aplicação de questionários.

Agradeço ao professor Dr. Danislei Bertoni e à professora Dr^a. Vera Lucia Martiniak pelas discussões e ricas contribuições neste trabalho de pesquisa.

Agradeço aos meus amigos, Priscilla, Aparecida, Miguel, Thiago, Stephanie, Felipe, Wagner, Suellen, Fernanda, Dayane, Fabiane, Jaqueline, pelo apoio e torcida para a concretização deste trabalho.

Agradeço à escola que me recebeu para as aplicações utilizadas nesta pesquisa.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho, etapa tão importante em minha vida.

“Não espere por grandes líderes;
Faça você mesmo, pessoa a pessoa.
Seja leal às ações pequenas
Porque é nelas que está a sua força.”
Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Esta pesquisa partiu do questionamento: “Que estratégias de ensino, usando a literatura infantojuvenil, criariam situações de desenvolvimento para uma Educação Sexual de qualidade?”. E assim, resulta em uma proposta de trabalho para os educadores desenvolverem a educação sexual, auxiliados pela literatura infantojuvenil, para o desenvolvimento da Alfabetização Científica. Para a investigação, pautou-se nas seguintes reflexões: Educação Sexual; Legislação Federal, Estadual e Municipal; O papel do professor e da escola na Educação Sexual; Consequências sociais da Educação Sexual no Ensino Fundamental Anos Iniciais (regular); Alfabetização Científica; Ensino de Ciências; Literatura infantojuvenil. O objetivo é propor uma estratégia de ensino sobre sexualidade contemplada na literatura infantojuvenil e prevista nas diretrizes curriculares municipais. Para isso, foram realizadas duas etapas de investigação em que, na etapa 1, participaram 144 professores da rede pública municipal e, na etapa 2, participaram 27 alunos do 3º ano, 16 alunos do 4º ano e 28 alunos do 5º ano. Foram desenvolvidas propostas de trabalho auxiliadas pela literatura infantojuvenil. Pautado na análise das intervenções, foi desenvolvido um caderno de orientações ao professor. Os resultados do estudo apontam a literatura como facilitadora do processo de ensino e aprendizado. Considerando as problemáticas envolvidas na temática, este pode ser um recurso que possibilite atingir os objetivos da Educação Sexual.

Palavras-chave: Ensino de ciências. Educação sexual. Anos iniciais. Literatura infantojuvenil.

ABSTRACT

This research started from the questioning: "What teaching strategies, using children's literature, would create situations of development for a high-quality sex education?" Thus, it resulted in a work proposal for educators to develop sex education, aided by children's literature, for the development of Scientific Literacy. The investigation was guided by the following reflections: Sex education; Federal, State and Municipal Legislation; The role of teachers and schools in sex education; Social consequences of sex education in the early years of regular primary schooling; Scientific literacy; Science teaching; Children's literature. The objective is to propose a teaching strategy on sexuality contemplated in the children's literature and provided for by law in the municipal curricular guidelines. For this, two investigation steps were carried out. Step 1 was attended by 144 teachers from the municipal public network, and step 2 was attended by 27 students from 3rd grade, 16 students from 4th grade and 28 students from 5th grade. Work proposals helped by the children's literature were developed. Guided by the analysis of the interventions, a notebook of guidelines was developed for the teacher. The results of the study point to literature as a facilitator of the teaching and learning process. Considering the issues involved in this matter, this can be a resource that can achieve the goals of Sexual Education.

Keywords: science teaching; sex education; early years; children's literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Muito além dos gêneros masculino e feminino.	21
Figura 2: Riscos Associados à Gravidez na Adolescência.....	40
Figura 3: “Para que serve o...?”.....	81
Figura 4: Atividade “Sistema Sensorial”.....	82
Figura 5: Somos todos iguais mesmo sendo diferentes.....	83
Figura 6: Família formada por mãe, padrasto e criança.....	86
Figura 7: Meninas brincando de carrinho.....	88
Figura 8: Menina jogando vídeo-game.....	89
Figura 9: Casal homoafetivo.....	90
Figura 10: O relacionamento sexual e o nascimento dos bebês.....	91
Figura 11: O namoro e a bolsa amniótica.....	92
Figura 12: A afetividade e o nascimento dos bebês.....	92
Figura 13: Fui trazido por um dinossauro?.....	93
Figura 14: A vida começa no átomo.....	100
Figura 15: Produção coletiva, desenvolvimento do bebê.....	100
Figura 16: “De onde viemos?”.....	103
Figura 17: Quadrinhos ensinando como tomar banho.....	105
Figura 18: Releitura da história em formato de quadrinho.....	105
Figura 19: Família formada por mãe e filha.....	106
Figura 20: Família formada por pai mãe filhas.....	106
Figura 21: Família formada por mãe e filhos.....	107
Figura 22: Ilustração desenvolvida em grupo “De onde viemos?”.....	109
Figura 23: Atividade Sistema Reprodutor Feminino.....	110
Figura 24: Atividade Sistema Reprodutor Masculino.....	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Indicadores da violência sexual.....	37
Quadro 2: Formas sociais de preconceito.....	46
Quadro 3: Sexualidade saudável.	47
Quadro 4: Princípios para uma Educação Sexual na Escola de respeito às diferenças.....	49
Quadro 5: Organização estrutural – tempos de aprendizagem.....	66
Quadro 6: Critérios de análise dos dados.	72
Quadro 7: Concepção dos professores frente às expressões de sexualidade nas escolas 1.....	75
Quadro 8: Concepção dos professores frente as expressões de sexualidade nas escolas 2.....	77
Quadro 9: Concepção dos professores frente as expressões de sexualidade nas escolas 3.....	78
Quadro 10: Tudo bem ser diferente.	87

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

AC	Alfabetização Científica
CDHM	Comissão dos Direitos Humanos e Minorias
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONAE	Conferência Nacional de Educação
DST	Doença Sexualmente Transmissível
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MAC	Métodos anticoncepcionais
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCUISV	Termo de Consentimento para Uso de Imagem e Som de Voz
VIVA	Vigilância de Violência e Acidentes

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS: DAS PRÁTICAS ESCOLARES ÀS AÇÕES EM SOCIEDADE	16
2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL: LEGISLAÇÃO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL. .	25
2.2 AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A CRIANÇA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	34
2.3 O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL	48
2.4 A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CIENTÍFICOS	49
2.5 ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO SEXUAL: LITERATURA INFANTOJUVENIL	57
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	64
3.1 DELINEAMENTO	64
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL ONDE SE REALIZOU A PESQUISA.....	65
3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	67
3.4 PERÍODO DE EXECUÇÃO	67
3.4.1 Contato Inicial com a Escola	68
3.4.2 Contatos com os Pais.....	68
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	70
3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	71
3.7 CRITÉRIOS DE ANÁLISES DOS DADOS	72
3.8 O PRODUTO.....	73
4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS	74
4.1 UMA BREVE ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS RELACIONADOS À PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA	74
4.2 EDUCAÇÃO SEXUAL: ANÁLISE DE UMA ABORDAGEM DE ENSINO COM O USO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL PARA A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO SEXUAL	80

4.2.1 Aplicações ao Grupo do 3º ano do Ensino Fundamental	80
4.2.2 Aplicações ao Grupo do 4º ano	94
4.2.3 Aplicações ao Grupo de 5º ano	104
5 CONSIDERAÇÕES	112
5.1 BENEFÍCIOS	114
5.2 LIMITAÇÕES	114
5.3 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	115
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE A – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	125
APÊNDICE B – TCLE PARA PROFESSORES E QUESTIONÁRIO	130
APÊNDICE C: MODELO DE PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	138
APÊNDICE D: TCLE (PARA OS PAIS)	140
APÊNDICE E: TCUISV (PARA OS PAIS)	146

1. INTRODUÇÃO

Durante o desenvolvimento de um projeto de leitura, surgiu uma polêmica diante do livro "Meus dois pais" de Walcyr Carrasco, o qual faz referências às questões de orientação sexual e às novas formações familiares. Toda a situação criada em torno do livro envolveu pais e professores, que diante de tal polêmica realizaram diferentes comentários e apontamentos, na maior parte delas, errôneas, em relação à Educação Sexual de acordo com a legislação educacional vigente.

A enorme repercussão com relação à presença de debates sobre Educação Sexual e "ideologia" de gênero nas escolas, a Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados solicitou por meio do Ofício nº 274/2015 que o Ministério da Educação (MEC) declarasse posicionamento em relação ao atual contexto desse assunto nos planos de educação, o qual foi divulgado por meio da Nota Técnica 18/2015. Nessa perspectiva, o documento emitido pelo MEC, legitima a importância dos conceitos de gênero e orientação sexual para as políticas educacionais, bem como reconhece o valor científico desses conceitos citando para isso o cadastramento de mais de mil grupos de pesquisa nessa área no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Apesar de existir um número considerável de leis que defendem e orientam a Educação Sexual dentro das escolas, essa atividade ainda não é efetivada especialmente com a criança pequena. Há várias situações recorrentes em nossa sociedade que poderiam ser amenizadas com ações preventivas: o abuso sexual infantil, a gravidez indesejada na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e as situações de preconceito em relação ao gênero e orientação sexual. Essa situação se agrava quando se considera que existe a banalização das questões sexuais pelas mídias e que a matriz curricular do município em que foi realizada a pesquisa apresenta-se evasiva no que diz respeito a essa temática.

Houve uma movimentação de todos os estados brasileiros na elaboração dos Planos Estaduais e Municipais de Educação, e durante análise para aprovação dos planos pelos governantes públicos responsáveis, apesar de o Estado ser laico, alguns estados e municípios retiraram as terminologias gênero ou LGBT, respondendo as pressões das bancadas evangélicas e apoiados por alguns grupos

católicos. De 13 Estados que aprovaram o Plano Estadual de Educação, 8 retiraram as terminologias, entre eles: Rio Grande do Sul, Paraná, Espírito Santo, Acre, Distrito Federal, Tocantins, Pernambuco e Paraíba.

Toda essa discussão social relacionada à temática da pesquisa demonstra sua relevância. Considerando isso, definiu-se como **problema da pesquisa**: “Que estratégias de ensino, usando a literatura infantojuvenil, criariam situações de desenvolvimento para uma Educação Sexual de qualidade?”.

Tem-se por **objetivo geral**: propor estratégias de ensino sobre sexualidade contemplada na literatura infantojuvenil e prevista nas diretrizes curriculares municipais. E ainda, como **objetivos específicos**: Compreender como os educadores da rede Municipal de Ensino da cidade de Ponta Grossa do Ensino Fundamental I, compreendem o trabalho sobre sexualidade em conformidade com o currículo de ciências; Investigar quais as contribuições da literatura infantojuvenil para a alfabetização científica na abordagem da sexualidade; Propor um caderno de orientações para educadores desenvolverem a Educação Sexual com abordagens científicas e o auxílio da literatura infantojuvenil.

O referencial teórico deste trabalho foi organizado no segundo capítulo **A Educação Sexual no Ensino de Ciências: das práticas escolares às ações em sociedade**, enfatizando questões ligadas às nomenclaturas da Educação Sexual e trazendo como autores Figueiró (2010) e Meyer (2013). Este capítulo foi subdividido em cinco seções:

Educação sexual: legislação Municipal, Estadual e Federal, apresentando um respaldo legal para uma temática repleta de tabus, através das leis vigentes na Constituição Federal e documentos da educação;

As consequências sociais da Educação Sexual para a criança dos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde se apresentaram questões como o abuso sexual infantil, a gravidez indesejada na adolescência, DST's, questões de gênero, a partir de autores como Ponzilacqua (2013), Braun (2002), Deslantes (1994), Fiedler (2016).

O papel do professor e da escola na Educação Sexual, no qual discutiu-se a relevância do papel do educador e da preocupação com as formações pessoais, abordando documentos legais da educação e também Furlani (2011).

Alfabetização e letramento científicos, discussões embasadas principalmente em Krasilchik e Marandino (2007), além de Chassot (2015), Souza e Sasseron (2015).

Ensino de Ciências e Educação sexual: literatura infanto-juvenil, nesta última seção, abordaram-se autores da literatura infanto-juvenil clássica que trazem questões de sexualidade para o mundo da criança, como Perrault (2010) e Grimm (2012); GRIMM, discutindo com autores que abordam o ensino de ciências com linguagem para crianças.

A **metodologia** de pesquisa utilizada nessa investigação, apresentada no terceiro capítulo, é a aplicada de observação participante, apresentando abordagens qualitativas e quantitativas. Foram investigados sujeitos em duas etapas, sendo que, na etapa 1, o grupo pesquisado foi de 144 educadores atuantes como professores no Ensino Fundamental I e, na etapa 2, foram 27 crianças do 3º ano, 16 crianças do 4º ano e 28 crianças do 5º ano.

No quarto capítulo, os **resultados** obtidos com a investigação da etapa 1 efetivam a necessidade de se pensar na formação dos professores e em materiais que possam dar suporte em seu trabalho em sala de aula. Na etapa 2, percebeu-se a relevância de se abordar o tema em uma linguagem acessível às crianças e presentes nos livros de literatura infanto-juvenil. Na etapa 3, foi desenvolvido o caderno de orientações aos educadores.

A pesquisa foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR), atendendo às orientações inerentes à Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Obteve-se aprovação sob o protocolo número CAAE: 37973014.9.00000.5547.

A pesquisa demonstra relevância no que diz respeito ao uso de estratégias de ensino que auxiliem o professor e os educadores em geral no ensino sobre sexualidade para a criança pequena.

2. A EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS: DAS PRÁTICAS ESCOLARES ÀS AÇÕES EM SOCIEDADE

Antes de adentrarmos à temática da pesquisa em si, faremos aqui um esclarecimento a respeito da nomenclatura utilizada neste trabalho. Optou-se já desde o título pelo termo Educação Sexual, e apesar de alguns documentos utilizados como referencial neste trabalho utilizarem do termo Orientação Sexual optamos por não o utilizar. Acreditamos que a “Orientação Sexual é uma terminologia adequada para referir-se à direção do desejo sexual (físico e emocional) do indivíduo, o qual pode ser homossexual¹, heterossexual² ou bissexual³, conforme definição dos estudiosos: Cavalcanti (1993), Sorj (1992) e Suplicy (1987)”. (FIGUEIRÓ, 1998, p.123). Existindo ainda a orientação assexual⁴ entre outras. Entendemos desse modo que a Orientação Sexual faz parte da Educação Sexual, no entanto são terminologias com significados diferentes.

Figueiró (2010) ainda delimita algumas diferenças entre os dois termos, fazendo relações diretas com o processo de ensino e aprendizagem, onde acredita que a Educação permite a participação direta dos alunos como sujeitos do processo enquanto que Orientação seria apenas um depositar de informações:

[...] considero que o próprio termo educação sexual é mais adequado, na medida em que abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou de orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução... Estas últimas denotam destaque na ação do professor. (FIGUEIRÓ, 2010, p. 188)

Salienta-se ainda que Educação Sexual “[...] é um termo que está em consonância com as estratégias consideradas fundamentais nesse processo, como debate aberto, discussões e educação por meio da participação em lutas sociais.” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 188). Compreendendo essas estratégias que dão fundamentação a Educação Sexual, faz-se necessário então, reconhecer que ela não diz respeito apenas às instituições escolares e seus educadores:

¹ Homossexual: seu interesse sexual é voltado para pessoas do mesmo sexo.

² Heterossexual: o interesse sexual nesse caso é direcionado a pessoas do sexo oposto.

³ Bissexual: atraem-se tanto por pessoas do mesmo sexo, como por pessoas do sexo oposto.

⁴ Assexual: não possui interesse sexual por outra pessoa, independente do sexo.

Todas as pessoas vão influenciando a criança, desde o nascimento, ao longo de toda a sua vida, na formação de suas ideias e valores sobre corpo, abraço, beijo, namoro, relação sexual, carinho, nudez, parto e assim por diante. De que forma podem exercer essa influência? Por meio de suas atitudes, falas, comentários, olhares, gestos, silêncios, enfim, de todo comportamento verbal e não verbal. Todas essas ações não planejadas, acontecidas no dia a dia, constituem, pois, a educação sexual *informal*. (FIGUEIRÓ, 2013, p. 20)

Por exemplo, em uma situação onde uma criança questiona um adulto querendo saber como nascem os bebês, a criança obtendo alguma resposta ou não sobre o assunto está recebendo uma Educação Sexual. Não importa se acontece uma discussão sobre o assunto ou não, quando ocorre ela pode ser tratada de forma negativa ou positiva dependendo da forma que for abordada. E se ela não ocorrer, a criança também estará sendo educada, no entanto ela poderá entender que é um assunto que não lhe diz respeito e que não deve ser levantado, mas não deixa de ser uma forma de Educação Sexual. Vindo ao encontro dessa discussão temos:

[...] a educação sexual ocorre desde que a criança nasce, através de todas as ações que presencia ou que é sujeita, mesmo que os pais ou outros não tenham consciência de que estejam educando. Serão essas ações, na maioria indiretas, que determinarão no indivíduo a vivência psíquica e prática da sua sexualidade e a percepção da sexualidade em geral. (SUPLICY, 1983, p. 48)

Assim, a Educação Sexual é de responsabilidade de todos aqueles com que a criança convive em seu meio familiar. No entanto, o papel da escola também se faz importante, para que exista um aprendizado formal das questões relacionadas à Educação Sexual e conceitos biológicos:

A educação sexual na escola visa colocar o diálogo sobre a sexualidade dentro da sala de aula, através de professores com o preparo adequado para bem desempenhar essa tarefa informativa e formativa que tem como finalidade transmitir à criança informações biológicas corretas sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua o conceito do sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito mútuo, à responsabilidade e ao prazer. (SUPLICY, 1983, p. 49)

Em se tratando da Educação Sexual infantil deve-se compreender que ela passa, necessariamente, por amor, respeito e pelo direito a apropriação do conhecimento. A igualdade de conhecimento possibilita a igualdade social, essas duas ações são indissociáveis. Dessa forma, a Educação Sexual infantil, tem por

objetivo auxiliar os sujeitos na busca pelo bem-estar, de modo a possibilitar que entendam e aceitem o próprio corpo por meio do conhecimento, do cuidado e da prevenção. Que a criança desenvolva sua autoestima, com condições para a busca de ajuda e informações quando isso se fizer necessário. Entender a sexualidade sem culpa, tabus ou preconceitos e dessa forma relacionar-se com os demais de maneira respeitosa e com responsabilidade.

Buscaremos aqui compreender outros termos que também geram algumas dúvidas: Sexo e Sexualidade. De acordo com as definições encontradas no dicionário Michaelis (2015) da língua portuguesa, temos:

sexo

se.xo

(**cs**) **sm** (*lat* **sexu**) **1 Zool** Conjunto de caracteres, estruturais e funcionais, segundo os quais um ser vivo é classificado como macho ou fêmea. **2** Conjunto de pessoas que têm a mesma organização anátomo-fisiológica no que se refere à geração: **Sexo masculino, sexo feminino.** [...]

sexualidade

se.xua.li.da.de

(**cs**) **sf** (**sexual+i+dade**) **1** Qualidade de sexual. **2** Conjunto de todos os caracteres morfológicos e fisiológicos, externos ou internos, que os indivíduos apresentam, conforme o sexo a que pertencem. **3** Condição de ter sexo. **4** Exaltação ou recrudescimento do instinto sexual. **5** Expressão do instinto sexual; atividade sexual.

A definição apresentada no texto parece superficial, e deixa muitas lacunas sobre seus significados. Sobre este assunto, existem muitos teóricos que apresentam uma definição desses termos, entre eles temos:

Sexo – É a diferença que existe entre os órgãos genitais do homem e da mulher. De acordo com a anatomia dos aparelhos de reprodução, a pessoa será identificada como macho ou fêmea.

Sexualidade – É um complexo energético, que vibra no corpo, na mente e no espírito da pessoa, cuja função específica é proporcionar o prazer erótico nos diversos tipos de relação sexual. Para ser melhor compreendida deve ser estudada sob o aspecto sensual; sentimentos e prazer, assim como o psicológico ou racional, que se refere ao poder da mente nos três estágios – id, ego, superego. (OLIVEIRA, 1995, p. 26)

Sobre esse assunto, autores defendem que a sexualidade não pode ser compreendida como “[...] sinônimo de sexo, é muito mais que isso: é energia que possibilita encontros, trocas e experiências; influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, tem a ver com a saúde física e mental do ser humano”. (FERREIRA; LUZ, 2009, p. 33). Corroborando com esta ideia, tem-se a

perspectiva de Figueiró (2004), a qual entende que o ato sexual está diretamente ligado as necessidades biológicas da relação com o prazer sexual. Já a sexualidade, inclui o ato sexual, mas aborda ainda a afetividade, o carinho, o prazer, o amor, os gestos, a comunicação, o toque e as relações íntimas. É a sexualidade que irá abordar os valores e normas morais que é aceita por cada sociedade especificamente. Considerando isso, “podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais.” (LOURO, 2000, p. 6).

A partir da abordagem dos autores referenciados, podemos entender então que o termo Sexo é caracterizado pela natureza biológica dos órgãos genitais que são divididos em masculino e feminino e nomeia também o ato sexual em si, como simples ato de prazer ou da reprodução humana. Já a sexualidade é um conjunto de ações que envolvem tudo o que está ligado ao ato sexual, mas também as relações, os sentimentos, questões psicológicas, o físico e o mental. Além disso, devemos considerar que:

A sexualidade é algo complexo e não pode ser separada dos aspectos social, político, cultural e econômico, tampouco associada apenas a determinadas fases da vida humana. Ela está presente desde a concepção até a morte. [...] não existe padrão ou uma relação biunívoca entre faixa etária e forma de vivência da sexualidade, pois ela difere de pessoa para pessoa. Entretanto algo é constante: sexualidade está sempre presente, pois, é a própria vida. (FERREIRA, LUZ, 2009, p. 35)

Dentro da perspectiva histórica as discussões e as vivências relacionadas ao ato sexual ou a sexualidade passaram por um processo de repressão, onde a relação de poder definia o que era certo e o que era errado.

[...] a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade. E qualquer tentativa para mudança poderia ser facilmente derrubada, devido ao teor político da questão. [...] a origem da Idade da Repressão, que surge paralelamente ao capitalismo, como parte da ordem burguesa. O sexo é incompatível com um bom desempenho profissional, pois no capitalismo o que se explora é a força de trabalho, a produção. Como admitir práticas que levem ao prazer e não à produção? (NUNES, 2000, p. 52-53)

Nunes (2000) cita Foucault, que afirma aquilo que observamos diariamente em nossa sociedade, que a sexualidade desde a época clássica esta enraizada pela proibição, pelo bloqueio e mascarada ou desconhecida. No entanto, o autor acredita

que essa situação não se mostrou de forma diferente anterior a esse período e que apesar do reconhecimento desse olhar repressivo ligado às questões de sexualidade, ela não sofreu grandes alterações, afirmando que a proibição da sexualidade, não é algo ilusório.

O ser humano é considerado um ser sexuado então se entende que isso faz parte de nós desde que nascemos. Existem várias interpretações e análises sobre a sexualidade infantil, porém a mais comum e conhecida delas, é a freudiana apresentadas por Nunes (2000):

- Fase Oral – que ocorre do nascimento ao primeiro ano de idade aproximadamente. Considera-se que o prazer neste período ocorre pela boca, através de atividades orais (morder, sorrir, chorar, sugar).
- Fase anal – está ocorre entre o primeiro e o terceiro ano de vida aproximadamente, e nesta fase o prazer da criança ocorre através do controle dos esfíncteres, através do controle das necessidades fisiológicas. É nessa fase que se considera que a criança passa a ter noções de higiene.
- Fase fálica – este período ocorre dos 3 aos 5 anos de idade aproximadamente. Nesta fase a criança transfere sua atenção para os órgãos genitais, considerando que tanto meninos e meninas possuem a mesma genitália. Nesta etapa a criança pode desenvolver o complexo de Édipo, onde o menino sente atração pela mãe e a menina pelo pai.
- Fase da latência – esta última fase ocorre dos 5 aos 10 anos aproximadamente. É caracterizado pelo desvio da libido da sexualidade para atividades aceitas em meio social, neste caso a criança passa a se ocupar gastando suas energias em atividades escolares e sociais.

Essa abordagem trata da sexualidade em todas as fases do desenvolvimento da criança. Dessa forma, sexualidade ganhou um pouco mais de espaço e visibilidade como analisamos, a partir dos estudos de Michel Foucault e Freud, no entanto ambas as abordagens estão fortemente ligadas aos aspectos biológicos das questões sexuais. No entanto a Educação Sexual diferente de como muitas vezes ela é pensada e discutida, vai muito além das questões ligadas ao biológico, ao sexo e ao ato sexual.

Reforçamos então que a sexualidade humana é indissociável do ser humano e por este motivo, Frasson (2012) afirma que é uma temática que suscita interesse, o desejo de desvendar o encantamento. Defende ainda que ninguém tem a

capacidade de desviar-se ou desligar-se de qualquer questão ligada à sexualidade, pois está faz parte do ciclo da vida, nas vivências que proporcionam prazer, na reprodução das espécies, ou até mesmo na construção histórica social dos indivíduos em diferentes culturas. Na figura 01 podemos observar algumas terminologias, que por vezes, são utilizadas de modo polissêmico ou ainda como equivalentes.

Figura 1: Muito além dos gêneros masculino e feminino.



Fonte: Braga (2015).

Tanto quanto esses termos abordados até o momento, outras terminologias que geram ainda muita confusão são o gênero⁵, identidade de gênero⁶ e a ideologia de gênero⁷.

O diálogo entre gênero e sexualidade tem evoluído paralelamente as transformações históricas das relações entre homem e mulher. O modelo predominante seguia um padrão de subordinação homem-mulher protagonizando a figura do patriarca e dessa forma era o aspecto biológico que determinava os papéis sociais e tinham caráter intransferível de um sexo a outro. Nessa perspectiva o

⁵ Gênero: classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. (JESUS, 2012, p. 25)

⁶ Identidade de gênero: refere-se ao gênero ao qual a pessoa se identifica. (JESUS, 2012, p. 24)

⁷ Ideologia de gênero: de acordo com FIGUEIRÓ (2016) essa terminologia não faz parte dos estudos científicos referentes a gênero, foi criado por pessoas que acreditam em papéis destinados ao homem e a mulher, de forma rígida. Para melhores esclarecimentos sobre a utilização desse termo ler: folha de londrina.

homem se dedicava as atividades consideradas socialmente importantes, enquanto a mulher cuidava da casa e da educação dos filhos. A mudança desse modelo começou a ocorrer a partir das lutas e movimentos pelos direitos da mulher, e continua até os dias atuais.

Originalmente a terminologia de gênero estava diretamente ligada às questões gramaticais. Ao qual diferenciava as palavras masculinas, femininas ou neutras. Atualmente quando buscamos sua definição no dicionário Michaelis (2015), já é possível encontrar com definições além das gramaticais:

gênero

gê.ne.ro

sm (*lat* ***generu**, por **genus**) . **4 Gram** Flexão pela qual se exprime o sexo real ou imaginário dos seres. **5 Gram** Forma do adjetivo ou pronome com relação ao gênero dos nomes a que se refere. **6** Agrupamento de indivíduos que possuem caracteres comuns. **7** Espécie, casta, raça, variedade, sorte, categoria, estilo etc. **8** Qualidade, espécie, modo. **G. feminino, Gram:** flexão das palavras femininas. **G. masculino, Gram:** o dos nomes que designam seres do sexo masculino, ou daqueles que se consideram como tais pela sua terminação.

De uma forma mais detalhada Meyer (2013) traz em quatro tópicos um detalhamento do conceito de gênero. Como primeiro declara: “Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos construímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.” (MEYER, 2013, p. 18). Como segundo item entende que: “O conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade.” (MEYER, 2013, p. 19).

Dando continuidade a conceptualização do termo reconhece que gênero “[...] traz implícita a ideia de que as análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações de poder – entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como “sujeitos de gênero.” (MEYER, 2013, p. 20). E ainda, finaliza afirmando que: “[...] o conceito de gênero propõe, como já destaquei, um afastamento de análises que repousam sobre uma ideia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla.” (MEYER, 2013, p. 20).

Para Louro (2014), quando tentamos compreender gênero como parte da identidade, adentramos na complexidade de um novo conceito: a identidade. Quando levamos em consideração os estudos feministas e culturais, reconhecemos que os sujeitos com identidades plurais, múltiplas; que passam por processos de transformações constantes, ou seja, não são fixas ou permanentes, mas podem ser contrárias. A autora ainda observa que, “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos que a constituem.” (LOURO, 2014, p. 27).

Dessa forma Louro (2013) defende que atender as questões de gênero remete a fugir dos padrões considerados normais, para caminhar em busca de uma versão tratada como excêntrica.

Conforme registra o dicionário, excêntrico é aquele ou aquilo que está fora do centro; é o extravagante, o esquisito; é, também, o que tem um centro diferente, um outro centro. Jogar com acepções dicionarizadas das palavras pode se mostrar um exercício interessante: pode nos ajudar a pensar sobre as formas como se estabelecem as posições de sujeito no interior de uma cultura – e, conseqüentemente, pode nos ajudar a pensar sobre as formas como a escola e o currículo realiza sua parte neste empreendimento. (LOURO, 2013, p. 46)

A normalidade nesse caso nos remete à identidade padrão e de referência em relação ao poder presente em nossa sociedade. Sobre esse aspecto, julga-se que “a identidade masculina, branca, heterossexual deve ser supostamente, uma identidade sólida, permanente, um referência confiável” (LOURO, 2013, p. 46). Dessa maneira, percebemos que este padrão é seguido em nossas escolas, em seu currículo e no currículo oculto.

Em coerência com esta lógica, em nossas escolas, as ciências e os mapas, as questões matemáticas, as narrativas históricas ou os textos literários relevantes sempre assumem tal identidade como referência. A contínua afirmação e reafirmação deste lugar privilegiado nos faz acreditar em sua universalidade e permanência; nos ajuda a esquecer de seu caráter construído e nos leva a lhe conceder a aparência de natural. Todas as produções da cultura construída fora deste lugar central assumem o caráter de diferentes e, quando não, são simplesmente excluídas dos currículos, ocupam ali posição do exótico, do alternativo, do acessório. (LOURO, 2013, p. 46)

Essas afirmações e reafirmações presentes nos discursos de sujeitos envolvidos com a educação têm nos dias de hoje passado por novas reflexões e

problematizações. No entanto essas reflexões acabam muitas vezes tornando-se apenas mero discurso político sem priorizar mudanças reais nas ideias e abordagens culturais a respeito do assunto.

É preciso abandonar a posição ingênua que ignora ou subestima as histórias de subordinação experimentadas por alguns grupos sociais e, ao mesmo tempo, dar-se conta da assimetria que está implícita na ideia de tolerância. Associada ao diálogo e ao respeito, a tolerância parece insuspeita quando é mencionada nas políticas educativas oficiais ou nos currículos. Ela se liga, contudo, à condescendência, à permissão, à indulgência – atitudes que são exercidas sempre, por aquele ou aquela que se percebe superior. (LOURO, 2013, p. 50)

A terminologia “gênero” pode ser entendida como a forma que a sociedade caracteriza e divide a mulher e o homem, entre masculino e feminino. “Gênero diz respeito ao modo como a masculinidade e a feminilidade são vividas, considerando-se que ambas são mutáveis ao longo da história, mutação essa que se dá socioculturalmente, [...], variando de cultura para cultura.” (FIGUEIRÓ, 2010, p. 129).

Existe uma confusão muito frequente de que o comportamento que o indivíduo apresenta irá definir sua orientação sexual⁸. Ou seja, considera-se nessa distorção de conceitos, entre orientação sexual e gênero, que meninos que apresentam características socialmente caracterizadas como femininas, irão optar por se relacionar afetivamente com pessoas do mesmo sexo. Da mesma forma, que meninas que não seguirem os padrões sociais e apresentarem características consideradas masculinas, irão ser homossexuais. Essa é uma noção simplista e linear da orientação sexual.

Na próxima seção, será apresentada a legislação federal, estadual e municipal, que dão suporte ao trabalho desenvolvido sobre a Educação Sexual.

⁸ Orientação Sexual: Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero. (Jesus, 2012, p. 26)

2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL: LEGISLAÇÃO FEDERAL, ESTADUAL E MUNICIPAL

Em 2010 ocorreu a Conferência Nacional de Educação (CONAE), a qual compõe um espaço democrático de discussão de atores sociais, possibilitando que estes expressem seus valores e suas posições sobre diferentes aspectos da sociedade em geral, apontando novas perspectivas para a educação nacional e para a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE). A CONAE teve por função social

[...] reconhecer o papel estratégico das instituições da educação básica e superior na construção de uma nova ética, centrada na vida, no mundo do trabalho, na solidariedade e numa cultura da paz, superando as práticas opressoras, de modo a incluir, efetivamente, os grupos historicamente excluídos: negros, quilombolas, pessoas com deficiência, povos indígenas, trabalhadores do campo, mulheres, LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), entre outros. (BRASIL, 2010, p. 29-30)

Observou-se no Eixo VI – Justiça social, educação e trabalho: inclusão, diversidade e igualdade, a abordagem quanto ao Gênero e à diversidade sexual. Dentro deste eixo elencaram-se 25 itens que buscam, por meio da educação, atender a promoção dos Direitos Humanos, quebrar paradigmas, assegurar a inclusão, garantir que as discussões sobre violência contra a mulher e a homofobia estejam presentes nas escolas como forma de prevenir qualquer tipo de violência relacionada ao gênero sexual, permitindo a presença dessas discussões de gênero em todos os ambientes escolares.

Em conformidade com a Conferência Nacional e o Plano Nacional de Educação, o governo federal, no ano de 2004, deu início ao projeto Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra LGBT e Promoção da Cidadania Homossexual, organizado pelo movimento LGBT e outras forças sociais e políticas. Partindo das ideologias desse programa, o Ministério da Educação (MEC) financiou o Projeto Escola Sem Homofobia, com recursos aprovados por Emenda Parlamentar da Comissão de Legislação Participativa. No entanto, apesar do grande investimento público financeiro para produção de material educativo das questões de gênero e sexualidade, em 2011 sobre forte pressão e críticas dos setores mais conservadores o projeto educativo foi desvinculado do

governo pela presidência. O Plano de implementação buscava propor como um de seus objetivos:

V – “Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e à não discriminação por orientação sexual” – o fomento e apoio a cursos de formação inicial e continuada de professoras/es na área da sexualidade; formação de equipes multidisciplinares para avaliar os livros didáticos, de modo a eliminar aspectos discriminatórios por orientação sexual e a superação da homofobia; estímulo à produção de materiais educativos (filmes, vídeos e publicações) sobre orientação sexual e superação da homofobia; apoio e divulgação da produção de materiais específicos para a formação de professores; divulgação de informações científicas sobre sexualidade humana. (BRASIL, 2010, p. 8)

Por meio desse item, percebe-se que a intenção que se tinha com esse projeto era o de desenvolver as relações pessoais de modo que os educandos passassem a respeitar as diferenças de orientação sexual e identidades de gênero presentes na escola. E assim tentar reduzir casos de violência, tanto nos ambientes escolares quanto na convivência em sociedade de um modo geral. No entanto, o material produzido pelo projeto ficou pejorativamente conhecido como “kit gay”, devido algumas observações e divulgações feitas por grupos religiosos da bancada evangélica e conservadores.

Em 2015 a revista Nova Escola teve acesso à parte do material (o caderno do educador e aos vídeos) e o divulgou em seu site para quem tivesse interesse. Ao analisarmos o caderno do professor, percebemos que ele aborda as orientações sexuais e identidades de gênero na sociedade e as relações que ocorrem dentro das escolas. Então, a partir desse material podemos compreender a importância e os objetivos de se desenvolver projetos dentro das escolas que abordem as orientações sexuais e identidades de gênero:

O Projeto Escola sem Homofobia visa contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro. Essa contribuição se traduz em subsídios para a incorporação e a institucionalização de programas de enfrentamento à homofobia na escola, os quais pretendemos que façam parte dos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino do Brasil. Dessa maneira, o Projeto Escola sem Homofobia vem somar-se aos legítimos esforços do governo em priorizar, pela primeira vez na história do Brasil, a necessidade do enfrentamento à homofobia no ambiente escolar. (BRASIL, 2010, p. 9)

O projeto atendia então, aos princípios de igualdade e respeito à diversidade da justiça. A meta principal do projeto seria o de contribuir para o reconhecimento da diversidade presente em nosso país. Como forma de compromisso com os direitos humanos e a formação de cidadãos, abrindo espaços para debates sobre essa temática nas escolas.

O caderno ainda pede atenção, pois ao se abordar essas questões permitem-se e incentiva-se o diálogo sem receio sobre as diferenças. Lembra também que a escola enquanto instituição pública é um espaço laico e por esse motivo deve estar aberta aos diálogos entre diferenças. Reafirma o papel social das escolas e reconhece a capacidade e o potencial desses espaços na busca e construção de uma sociedade melhor, onde democracia e igualdade tornem-se referência. Nesse sentido, entendem que “[...]o espaço escolar é um espaço relevante e que produz, reproduz, reafirma, desconstrói e legitima imagens e representações de gênero e sexualidade. Esse espaço é, no entanto, contraditório, pois, assim como pode reproduzir, pode também transformar” (FERREIRA; LUZ, 2009, p. 37). Portanto, ainda nessa perspectiva, “a escola, dessa forma, pode reproduzir papéis de gênero e modelos de sexualidade que oprimem, mas que também podem construir relações que libertem e nas quais a dignidade humana e a igualdade de direitos poderão ser princípios norteadores” (FERREIRA; LUZ, 2009, p. 37).

A interferência da comunidade religiosa conservadora nas questões referentes ao “kit gay” se mobilizaram durante o ano de 2015 com o objetivo de “forçar” uma retirada dos Planos Estaduais e Municipais de Educação de termos ligados ao gênero, apresentando argumentos contrários onde acreditam que a inclusão desses, desconstrói o modelo tradicional de família. Além disso, consideram que é o papel da família e não das escolas abordar as questões relacionadas a Educação Sexual. Essa situação ganhou tamanha repercussão, que foi relatada pelo autor britânico James Dawson (2015) em seu *best seller* infantojuvenil “*This book is gay*”, traduzido para o Brasil como “Esse livro é gay”.

Ainda ao se tratar de legislação, levantamos aqui a declaração dos direitos sexuais que foi organizada durante o 13º Congresso Mundial de Sexologia, e traduzido por Furlani (2011) que em seu Artigo 10 traz, “O DIREITO À EDUCAÇÃO SEXUAL INTEGRAL – Este é um processo vitalício que se inicia com o nascimento e perdura por toda a vida e deveria envolver todas as instituições sociais.” Reconhece-se esse direito como ponto inicial, em se tratando de direitos sexuais da

infância. E assim afirma, “mesmo que reconheçamos que os cursos de formação não habilitem, adequadamente, professoras/es para o trabalho de Educação Sexual na escola, a formação continuada pode e deve buscar suprir essa lacuna” (FURLANI, 2011, p. 28).

Assim, damos início às perspectivas legais e oficiais sobre a Educação Sexual e nos debruçamos agora à legislação referente ao papel da escola na formação dos sujeitos e à abordagem da Educação Sexual dentro das escolas. Temos aqui de documentos normativos:

- Constituição Federal (BRASIL, 1988);
- Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996);
- Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997a);
- Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997b);
- Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997c);
- Diretrizes Curriculares do Município de Ponta Grossa (PONTA GROSSA, 2015).

Traz-se então a Constituição Federal, que em seu 3º capítulo, seção I, que trata da educação, Art. 205, diz: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1988). Consideramos o ponto principal deste artigo, o desenvolvimento pleno da pessoa, o qual é tratado também na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no Art. 2º dos princípios e fins da Educação Nacional aborda que “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL, 1996). Questões essas que estão em consonância com os objetivos da Educação Sexual, como já abordado neste texto.

E ainda, nesse sentido citamos o “Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” onde, “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. (BRASIL, 1996). Reconhecendo o

trabalho com as questões de gênero como importantes para efetivação dos direitos garantidos no art. 5º, e considerando que quando se nega esse trabalho, nega-se também esse direito.

Sendo assim, tanto a Constituição Federal como a LDB elencam que a educação busca como objetivo a formação plena da pessoa/educando, e é pensando nessa plenitude, que se faz necessário o estudo do desenvolvimento de trabalhos dentro das escolas referentes às questões da Educação Sexual. Com o intuito de compreender que a Educação Sexual faz parte da formação integral do sujeito por ser parte indissociável da pessoa. Destacado dessa forma pelos PCNs

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (BRASIL, 1997c, p. 287).

Compreendendo que os Parâmetros Curriculares Nacionais, são materiais produzidos pelo Ministério da Educação, que tem por objetivo nortear a educação no Ensino Fundamental por todo o território brasileiro, orientando e garantindo melhorias na educação, nada mais coerente do que ter eles como referencial neste trabalho.

Considera-se relevante levantar apontamentos sobre a ética e a moral, na percepção dos documentos federais de educação nos PCN temas transversais, pois como já foi elencado o tema pesquisado é complexo, de grandes debates e muitas vezes o educador acaba colocando seus princípios a frente do papel na educação. Destaca-se neste ponto uma citação dos Parâmetros referente ao trabalho com a Ética, onde se levanta a importância do tema.

O homem vive em uma sociedade, convive com outros homens e, portanto, cabe-lhe pensar e responder à seguinte pergunta: “Como devo agir perante os outros?”. Trata-se de uma pergunta fácil de ser formulada, mas difícil de ser respondida. Ora, esta é a questão central da Moral e da ética.

Moral e ética, às vezes, são palavras empregadas como sinônimos: conjunto de princípios ou padrões de conduta. Ética pode também significar Filosofia da Moral, portanto, um pensamento reflexivo sobre os valores e as normas que regem as condutas humanas. (BRASIL, 1997a, p. 49)

Todo esse ponto destacado sobre a formação e o desenvolvimento moral e a socialização, ocorre na criança desde muito cedo pela família ou por aquele responsável. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental: Ética (1997a), a primeira fase do desenvolvimento moral da criança ocorre entre os três e oito anos de idade aproximadamente. Nessa etapa, a criança reconhece como autênticas regras que advêm dos pais (ou responsáveis). Entende que se esses são vistos como protetores e bons, a criança respeita suas regras com receio de perder seu amor. Ressalta ainda que a criança não compreende no íntimo os valores dessas regras, mas as segue, pois quem as dita é superior a ela.

A formação moral e ética da criança ocorre desde muito cedo, desta forma percebemos a necessidade da Educação Sexual com a criança pequena, já que essa irá interferir nas ações da vida adulta dessas crianças, podendo ela ser entendida como positiva se feito um trabalho de qualidade ou negativa se realizada de forma errônea.

É importante salientar, que essa formação ética e moral também ocorrem na escola. Porém o que muitas vezes acontece é que ambas as instituições, familiar e escolar, encarregam o outro nesse trabalho, não reconhecendo que é um trabalho conjunto. E em muitos casos acredita-se que existem questões que devem ser trabalhadas mais tardiamente, e erroneamente consideram que a criança terá mais maturidade, nas series finais do Ensino Fundamental, quando os valores e regras já se formaram na criança.

Ao realizar essas reflexões sobre ética, precisamos também citar a Educação Sexual ética e comprometida, por ser o foco principal desse trabalho, tratada por Maia et al. (2012) que acreditam que uma Educação Sexual ética e comprometida com a libertação dos indivíduos deve questionar e debater os padrões de normalidade transmitidos entre as gerações e que contribuem para a naturalização de comportamentos sexuais.

O Parâmetro Curricular que trata da orientação sexual (Educação Sexual) considera que: “Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano.” (BRASIL, 1997c, p. 73). Entendendo que por ser inerente, deve ser tratado de modo verdadeiro não com fantasias e mentiras as quais confundem os pensamentos das crianças, como trata o autor a seguir, ao fazer uma análise das ideias de Foucault.

[...] Foucault indicou o estabelecimento de um importante elemento por ele analisado, isto é, a colocação do sexo em discurso. Esta insistência discursiva constituiu, ao contrário daquilo que se acostumou a pensar sobre o silenciamento sobre o sexo e das práticas sexuais, a produção de um discurso verdadeiro sobre o sexo que, por sua vez, não poderia se calar. Tratava-se de falar sem corar-se, de falar racionalmente sobre o sexo, de utilizar um saber recém-produzido pelo discurso e pelas práticas institucionais da medicina e da psiquiatria, ou seja, tratava-se de falar a verdade do sexo. (NUNES, 2009, p. 3)

Ao compreender a importância da verdade, precisamos lembrar que o educando vem para a escola com conhecimentos prévios, não somente os transmitidos pela família como também por pessoas de seu meio social, como é explicado de modo claro nos PCN: “A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, pelas relações familiares. Assim, de forma explícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças assumam.” (BRASIL, 1997c, p. 83). Como também obtidos através das mídias e meios de comunicação. Sendo as mídias, muitas vezes os principais responsáveis pelas informações dadas as crianças sobre os gêneros e a sexualidade, pois a família geralmente sente dificuldade em tratar do tema, devido aos tabus criados pela sociedade.

A criança também sofre influências de muitas outras fontes: de livros, da escola, de pessoas que não pertencem à sua família e, principalmente, nos dias de hoje, da mídia. Essas fontes atuam de maneira decisiva na formação sexual da criança, jovens e adultos. A TV veicula propaganda, filmes e novelas intensamente erotizados. Isso gera excitação e um incremento na ansiedade relacionada às curiosidades e fantasias sexuais das crianças. [...]

Todas essas questões são trazidas pelos alunos para dentro da escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa. (BRASIL, 1997c, p.77)

Nesse sentido, a escola tem por função trabalhar não como único responsável pela formação sexual do aluno, mas sim como mais um pilar de apoio na construção de ideias e conceitos, de maneira crítica, reflexiva, formal e sistematizada. Como destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental: Orientação Sexual (1997), o papel da escola seria o de apresentar diferentes crenças, valores e pontos de vistas que encontramos na sociedade como um todo. Desse modo a Educação Sexual não busca substituir nem ao menos concorrer com o trabalho feito pelas famílias. É, no entanto, apenas uma formalização e sistematização do processo.

Quando nos debruçamos sobre as diretrizes curriculares do município de Ponta Grossa, como já se subentende por se tratar de questões legais de ordem federal, o município afirma adotar as mesmas documentações que destacamos neste trabalho, como norteadores do trabalho dos profissionais de educação:

[...] essas diretrizes curriculares estão ancoradas nas orientações nacionais vigentes, as quais iniciam com o Artigo 210 da Constituição Federal de 1988, que determina a fixação de “conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”; incluem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental; as Diretrizes Curriculares para a Educação Básica; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996 e, a Lei 13.005/2014 (PNE) que traça as metas e objetivos para a Educação brasileira, no decênio 2014-2024. (PONTA GROSSA, 2015, p. 7)

Nesse sentido, quando analisado mais profundamente as Diretrizes e Matrizes Municipais, observamos⁹ que apesar de elas estarem embasadas nos documentos federais a questões da transversalidade especificamente da Educação Sexual, nos deparamos com uma abordagem simplista e de possibilidade para diversas interpretações. Essa situação abre espaços para que o educador baseie-se em seus pré-conceitos e valores pessoais no momento de olhar para o documento ao qual irá se basear em seu trabalho, o que pode ser positivo ou não. Nesse sentido, entende-se a necessidade de maiores esclarecimentos para esse grupo específico de educadores, aqueles que têm os documentos municipais como norteadores de seus trabalhos.

⁹ Sobre essa discussão, publicou-se como parte dessa investigação, o artigo: MIZUNUMA, Samanta; LIMA, Siumara Aparecida de. A Educação Sexual no currículo de Ciências na Rede Municipal de Ensino de Ponta Grossa. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA, 4º., 2014, Ponta Grossa. **Anais IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia**. Ponta Grossa: Utfpr, 2014. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://www.sinct.com.br/anais2014>>.

Entende-se que apesar desses documentos serem apenas um norteador de todo um trabalho muito maior e específico desenvolvido dentro da escola, dentro de cada sala de aula e com cada aluno em sua individualidade. A preocupação que aqui se têm, deve-se ao fato da problemática do tema: Educação Sexual. Nesse sentido, justificaria uma preocupação com maior intensidade nos documentos norteadores dos educadores para com o trabalho desenvolvido nessa temática.

Quando analisado a forma como se organiza os conhecimentos de ciências, as Diretrizes Municipais procuraram seguir a forma como foi sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, de modo a destacar sua inter-relação entre os eixos e sua articulação com os temas transversais e as demais áreas do conhecimento. No entanto o eixo Ser humano e saúde se resumem em apenas um parágrafo do texto:

O eixo Ser Humano e Saúde orienta o professor a trabalhar os conteúdos referentes ao ser humano e seu desenvolvimento, bem como os cuidados que se deve ter com o corpo. Nesse sentido, é importante que o corpo humano seja visto como um todo integrado, que interage com o meio ambiente e que identifica a história de vida dos indivíduos. Além disso, o professor precisa fazer a articulação desse bloco com os demais eixos da área dos conhecimentos naturais, assim como relacionar com os conteúdos de outras áreas do conhecimento e temas transversais (PONTA GROSSA, 2015, p. 86).

Entende-se que esse parágrafo pode não ser suficiente para orientar o trabalho dos educadores, considerando a dificuldade de se desenvolver o trabalho com a criança pequena que muitas vezes é considerada inocente e “pura” para adentrar nos conhecimentos da sexualidade. Porém, as diretrizes fazem referência aos PCN, orientando de forma implícita que o educador deve basear-se nesse aspecto nas orientações lá estabelecidas de forma mais ampla.

Após as discussões atuais frente à temática da Educação Sexual e a orientação sexual nas escolas, cabe destacar alguns pontos importantes da manifestação do MEC com seu posicionamento em relação à temática, por meio da Nota Técnica nº 18/2015. Nas considerações iniciais, o documento Brasil (2015b) aponta três itens, onde: 3. Considera os conceitos parte importante da dimensão histórica, social, política e cultural das diferenças; 4. O conceito de orientação sexual diz respeito a todos os sujeitos; 5. Os conceitos de gênero e orientação sexual são acima de tudo conceitos científicos. “O conhecimento científico já produzido neste campo nos leva à compreensão de que o centro do debate não está em se a escola

deve ou não falar sobre gênero e orientação sexual, mas sim em perceber como ela já fala – onde, quando, por que caminhos e com que efeitos” (BRASIL, 2015b, p.4).

Enfim, toda a discussão apenas deixa clara a necessidade e urgência de se pensar na formação de todos os educadores responsáveis pela discussão da temática nas escolas:

Tudo isso evidencia o quanto é urgente ampliar estratégias de formação e gestão que permitam que gestores/as e profissionais de educação reflitam sobre como a educação escolar incide na produção de representações, práticas e identidades de gênero e sexualidade. Sobre como estes aspectos vêm sendo tratados no cotidiano da escola. Sobre suas implicações para o currículo, a prática pedagógica e a gestão escolar. (BRASIL, 2015b, p. 4-5)

Considerando a grande repercussão pública sobre o assunto, e as discussões sobre a presença ou não da Educação Sexual nas escolas, enfatizamos que apesar de todo o embasamento legal utilizado nesta revisão da literatura, as ações do professor ligadas a Educação Sexual de um modo geral, não necessitam que uma lei dite o que se deve ou não trabalhar em sala. Deve-se, no entanto, pensar nas ações desenvolvidas, considerando o envolvimento de sujeitos e suas características pessoais, o trabalho deve acontecer de modo a atender as necessidades desses sujeitos.

2.2 AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA EDUCAÇÃO SEXUAL PARA A CRIANÇA DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹⁰

Nesse momento considera-se importante ressaltar alguns pontos que tornam relevante o desenvolvimento de trabalhos ligados a Educação Sexual dentro das escolas além das exigências legais, pensando agora no papel social da escola. Cinco são os pontos de grande relevância social que justificam o desenvolvimento desse trabalho: o crescente registro de abuso sexual infantil contra a criança pequena de 0 a 9 anos de idade, a gravidez indesejada na adolescência (10 a 14 anos), a necessidade de controle das DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis),

¹⁰ Sobre esse assunto, publicou-se como parte dessa investigação, o artigo: MIZUNUMA, Samanta; LIMA, Siomara Aparecida de. Considerações sobre a importância da Educação Sexual para a criança pequena como forma de prevenção da violência. **Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED**. Año 2016, Número Extraordinario. ISSN Impreso: 0121-3814, ISSN web: 2323-0126 Memorias, Séptimo Congreso Internacional sobre Formación de Profesores de Ciencias. 12 al 14 de octubre de 2016, Bogotá.

as grandes discussões e repercussão voltada às questões de gênero e ainda a formação de sujeitos que desenvolvam na fase adulta uma vida sexual saudável.

Sobre esse aspecto, Dias e Pereira (2010) fazem referência a Convenção dos Direitos das Crianças, onde se defende o direito delas à vida, à saúde, à alimentação e à educação. Entende-se que a Educação Sexual é também um direito desses sujeitos, o qual permite a todos uma perspectiva positiva de sua sexualidade, formando pensamentos críticos para uma tomada de decisões responsáveis em sua vida sexual oportunizando a adoção de estilos de vida saudáveis.

Considerando o que já se confirmou em muitos estudos de que a falta de educação pode propiciar práticas de relações violentas, faz-se necessário pensar em uma educação onde os educandos tornem-se cidadãos que não propaguem a violência e ao mesmo tempo reconheçam que situações de violência não podem ser tratadas como “normais”, independente das relações que se tenha com o agressor ou do local em que está agressão ocorra. Neste sentido, vale destacar o velho ditado: “antes prevenir que remediar!” – haja vista que instaladas as situações de violência, sua erradicação é sempre bastante custosa – em todas as dimensões que se pretenda observar (PONZILACQUA, 2013, p. 17).

a. Abuso Sexual Infantil

A situação de abuso sexual está presente no mundo inteiro desde o início dos tempos, para Braun (2002) isso ocorre em diferentes culturas e classes sociais, não se tratando apenas dessa forma de violência podendo ela ser além da sexual, física, negligência, ausência de escola, de moradia e de assistência à saúde, e desse modo as crianças são sujeitas ao abuso de poder em todas as possibilidades. Essa afirmação pode ser comprovada com números, através dos dados do sistema VIVA (sistema de Vigilância de Violências e Acidentes – Ministério da Saúde), o qual aborda questões sobre a violência. Nos resultados apresentados referentes aos anos de 2009 e 2010, destacam-se neste trabalho as observações referentes às crianças de zero a 9 anos de idade.

Por meio dos relatórios do VIVA, percebe-se que predominam os atendimentos decorrentes de negligência (35,6%), de violência sexual (35,6%) e de violência física (32,8%) (BRASIL, 2013). Entende-se por:

Negligência: é a omissão; deixar de prover as necessidades e cuidados básicos para o desenvolvimento físico, emocional e social da pessoa. Ex.: privação de medicamentos; falta de cuidados necessários com a saúde; descuido com a higiene; ausência de proteção contra as inclemências do meio, como o frio e o calor; ausência de estímulo e de condições para a frequência à escola. O **abandono** é considerado uma forma extrema de negligência (MS, 2002).

Violência Sexual: é toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais, contra a vontade, por meio de força física, influência psicológica, uso de armas ou drogas (Código Penal Brasileiro). Ex.: jogos sexuais, práticas eróticas impostas a outros/as, estupro, atentado violento ao pudor, sexo forçado no casamento, assédio sexual, pornografia infantil, voyeurismo, etc.

Violência Física (também denominada sevícia física): são atos violentos com uso da força física de forma intencional, não acidental, com o objetivo de ferir, lesar ou destruir a pessoa, deixando, ou não, marcas evidentes no seu corpo. Ela pode se manifestar de várias formas, como tapas, beliscões, chutes, torções, empurrões, arremesso de objetos, estrangulamentos, queimaduras, perfurações, mutilações, etc. (Ministério da Saúde/MS, 2002; Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres/SEPM, 2005). (BRASIL, 2009, p. 51)

Consideram-se os dados apresentados relevantes para melhor compreender e reforçar a importância da Educação Sexual para orientar a criança, devido ao elevado número de registros de violência sexual. Observou-se através deles, que o “provável autor da agressão, em 62,5% dos atendimentos, tratava-se de apenas um agressor; e 18,5%, de dois ou mais, sendo 44,5% do sexo masculino, 23,2% do sexo feminino e 10,5% de ambos os sexos. A mãe foi a principal agressora (31,8%), seguida pelo pai (20,9%).” (BRASIL, 2013, P.130). Existe então a necessidade de se repensar algumas características comuns nas relações sociais, como por exemplo, a perspectiva sacra de que se tem da família. Devemos levar em consideração que “as estatísticas indicam, infelizmente, que certos lares são verdadeiras ditaduras familiares em violência sexual doméstica, permitindo, desta forma, que os abusos se perpetuem imunes às intervenções externas.” (BRAUN, 2002, p. 16).

Sobre esses dados vale destacar a fala de Ponzilacqua (2013), o qual ressalta que o espaço que entendemos como lar, o ambiente doméstico, que deveria ser ponto de referência de cuidado e proteção, acaba dando condições à crença de suposta tolerância de crimes. Aquele que agride sente-se confortável e seguro, pois se mantém em segredo suas ações violentas, dessa maneira, estabelece-se como movimento contínuo enquanto as vítimas não expõem os casos de violência.

É preciso compreender que não é uma realidade a denúncia, pois a criança quando se sente ameaçada pela violência, pode não falar por medo da violência

contra si ou contra alguém que amam, por medo da censura e/ou têm medo da ruptura da família (BRAUN, 2002.).

Dessa forma, as pessoas que estão em contato com a criança devem ficar atentas a possíveis sinais de violência. Sobre esses aspectos o quadro apresenta indicadores da violência sexual:

Quadro 1: Indicadores da violência sexual.

INDICADORES FÍSICOS DA CRIANÇA/ADOLESCENTE	COMPORTAMENTO DA CRIANÇA/ADOLESCENTE	CARACTERÍSTICAS DA FAMÍLIA
<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades de caminhar. • Infecções urinárias. • Secreções vaginais ou penianas. • Baixo controle dos esfíncteres. • Pode apresentar DST, enfermidades psicossomáticas. • Roupas rasgadas ou com roupas de sangue. • Dor ou coceira na área genital ou na garganta (amidalite gonocócica). • Dificuldades para urinar ou deglutir. • Edemas ou sangramento da genitália externa, regiões vaginal e anal. • Cérvix, vulva, períneo, pênis ou reto edemaciados ou hiperemiados; introito vaginal ou corrimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Vergonha excessiva. • Autoflagelação. • Comportamento sexual inadequado para sua idade, regressão a estado de desenvolvimento anterior. • Tendências suicidas. • Fugas constantes de casa. • Mostra interesse não usual por assuntos sexuais e usa terminologia inapropriada para a idade. • Masturba-se excessivamente. • Desenha órgãos genitais além de sua capacidade etária. • Alternância de humor retraída x extrovertida. • Resiste a participar de atividades físicas. • Relata avanços sexuais de adultos. • Resiste a se desvestir ou a ser desvestida. • Resiste a voltar pra casa após a aula. • Mostra medos de lugares fechados. • Tente mostrar-se "boazinha" • Ausência escolar por motivos insubstanciais. • Papel de mãe. • Conduta muito sexualizada. • Apresenta vestimenta inadequada ao clima. • Problemas físicos ou necessidades não atendidas. • Fadiga constante. • Pouca atenção. 	<ul style="list-style-type: none"> • Muito possessiva com a criança, negando-lhe contatos sociais normais. • Acusar a criança de promiscuidade ou sedução sexual: o agressor pode ter sofrido esse abuso na infância. • Acredita que a criança tenha atividade sexual fora de casa. • Crê que o contato sexual é uma forma de amor familiar. • Pode abusar de álcool ou drogas. • Sugere ou indica discórdia conjugal ou dificuldades de se relacionar com adultos. • Indica isolamento social ou a condição de família monoparental. • Mostra conduta impulsiva e imatura. • Tende a culpar ou outros por dificuldades da vida. • Tenta minimizar a seriedade da situação. • Estimula a criança a se envolver em condutas ou atos sexuais.

Fonte: DESLANTES (1994, p. 22). Prevenir a violência: um desafio para profissionais de saúde.

b. Gravidez na Adolescência

O próximo ponto abordado diz respeito à gravidez na adolescência, onde também se apresentam alguns dados numéricos que nos fazem refletir sobre o trabalho com a Educação Sexual da criança menor. “A Organização Mundial de Saúde considera o período da adolescência entre os 10 e os 19 anos. Caracteriza-se por um período de desequilíbrio, tudo está em mudança, tudo se torna contraditório, tudo parece incerto e duvidoso” (DIAS; PEREIRA, 2010, p. 2). Os pesquisadores Garcia, Abramovay e Silva (2004) apresentam através da pesquisa “Juventudes y Sexualidad” dados preocupantes referentes à gravidez na adolescência em uma região do Sul do Brasil, onde uma em cada dez meninas estão grávidas antes dos 15 anos. De modo, que em números seria mais provável que a menina adolescente se torne mãe do que conclua um curso superior na universidade.

Faz-se necessário destacar que: “A gravidez na adolescência é considerada um relevante problema de saúde pública, em virtude da alta prevalência em todo o país. A ocorrência de uma gravidez indesejada desestabiliza a vida dos jovens e acarreta sérias consequências econômicas e sociais, além de possíveis complicações para a mãe e o feto.” (SILVA et al., 2013, p. 531)

Essa fase da vida é quando ocorre o processo de transição entre a fase da infância e a vida adulta, o sujeito está passando por mudanças em todos os aspectos como o físico, psicológicos, emocionais, sociais, além disso, os jovens passam nesse período por novas experiências de vida, descobertas do corpo, prazer sexual, que geralmente ocorre com um companheiro e acaba tendo resultados como a gravidez indesejada.

A adolescência é um complexo período da vida do ser humano caracterizada por transformações sociais, psicológicas, anatômicas e hormonais que, juntamente com as novas experiências vivenciadas, definem a construção da personalidade de um futuro adulto, contribuindo para seu padrão comportamental e valores pessoais que se estabelecerão durante toda a vida. Por ser um período de intensas contradições psicológicas e sociais expressas por uma posição de confronto e de oposição aos valores, tradições e leis da sociedade como forma de elaborar sua identidade e sua autonomia frente aos adultos, esses sujeitos podem estar vulneráveis a comportamentos de vida não saudáveis, estando, portanto, mais expostos a danos à saúde. Nesse momento do ciclo vital, os adolescentes frequentemente não se submetem as normas da sociedade, sendo sua existência regida por suas próprias regras, o que pode favorecer

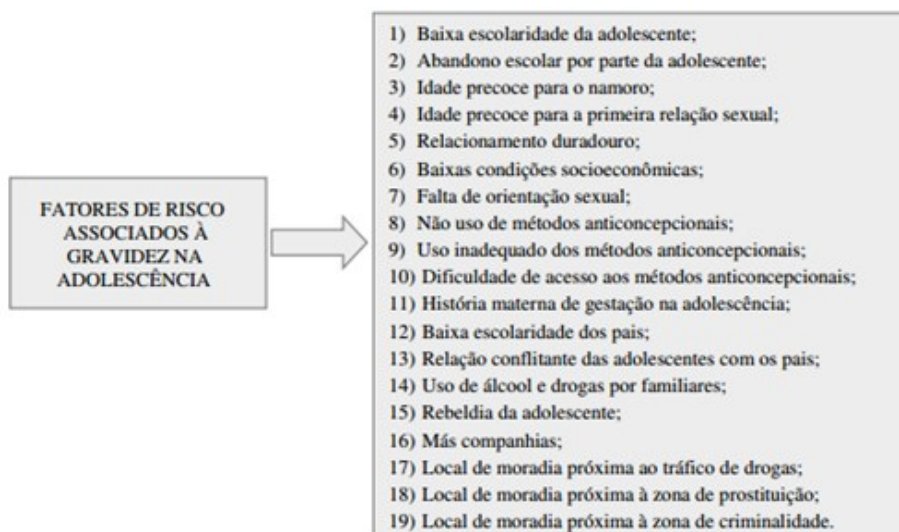
o uso de drogas, álcool e a prática de sexo inseguro. (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015, p. 31)

Quando o resultado desse processo é a gravidez indesejada, “a adolescente encontra-se despreparada nas suas condições física, psicológica, social e econômica para exercer o novo papel materno.” (SILVA et al. 2013, p. 532). Pois consideramos que a gravidez é “um fato precoce para essa etapa da vida, resultando em sérias implicações, como abandono das atividades escolares, riscos para o feto e para a mãe, conflitos familiares, discriminação social, afastamento de grupos de convivência, adiamento ou destruição de sonhos e planos.” (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015, p. 31).

Além disso, a gravidez na adolescência ainda representa uma das principais causas de morte de mulheres entre 15 e 19 anos de idade e é capaz de gerar consequências para os bebês, deixando estes mais vulneráveis a apresentar condições de risco como o baixo peso ao nascer e a morte por problemas infecciosos e/ou desnutrição no primeiro ano de vida. (SILVA et al., 2013, p. 532)

Vale destacar aqui a seguinte pesquisa, onde na figura 2 destacam-se 19 fatores de riscos associados à gravidez na adolescência. Dentre eles, salientamos os itens 1, 2 e 12. por estarem diretamente ligados à escola; ainda, os itens 3 e 4, pois tratam da iniciação das relações de forma precoce; e, por fim, o item 7, o qual se refere às questões da orientação sexual (Educação Sexual).

Figura 2: Riscos Associados à Gravidez na Adolescência.



Fonte: Silva et al. (2013, p. 535).

Quando nos preocupamos com a Educação Sexual iniciando no Ensino Fundamental I, reconhecemos que “a jovem que não estuda ou tenha abandonado os estudos tem mais chances de fazer parte das estatísticas de jovens grávidas, pois a baixa ou ausência de escolaridade pode influenciar na não aquisição de práticas preventivas”. (SILVA et al., 2013, p. 535-536). Embora não se possa entender a Educação Sexual no Ensino Fundamental I como uma solução de todos os problemas, ela pode ser entendida como uma possibilidade de reflexão sobre o assunto caso venha a ocorrer o abandono nos próximos anos escolares.

A educação sexual deve ser iniciada na infância e potencializada na adolescência, que é o período que ocorrem as primeiras relações sexuais (1). No entanto, ainda podem ser encontradas jovens que não receberam esse tipo de educação, como mostra os dados encontrados nos estudos analisados (Q-1 – E-II), em que 30% das adolescentes grávidas pesquisadas jamais tiveram qualquer orientação sexual e numa outra pesquisa (Q-1 – E-III) evidenciou-se que 16% das primigestas revelaram não ter recebido informações sobre sexualidade e fertilização. Essa desinformação sobre sexualidade e fertilização tem como consequência a não adesão aos métodos contraceptivos pelas adolescentes (9). (SILVA et al., 2013, p. 536)

Sabemos também que o número de abandono escolar é ainda muito grande em nosso país. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2002), aproximadamente 1 milhão de

estudantes abandonam o ensino médio na rede pública. No ensino fundamental, 2,9 milhões deixam a escola. À medida que na rede privada a taxa de abandono é de 1%, na pública é de 10,4%.”.

Dentre os fatores de risco encontrados, a partir dos estudos, foi possível concluir que a baixa escolaridade tem influência na gravidez precoce, uma vez que o fato da adolescente não frequentar a escola faz com que ela deixe de adquirir os devidos conhecimentos sobre educação em saúde; a idade precoce para o namoro e para a primeira relação sexual foram outros fatores de risco encontrados, visto a relação proporcional entre eles, ou seja, quanto mais cedo a jovem começa a ter um relacionamento, mais cedo ela também terá a sua primeira relação sexual e mais precocemente ela poderá engravidar. (SILVA et al., 2013, p. 537)

Ainda sobre as práticas de Educação nas escolas, os autores a seguir corroboram com o que já foi tratado, reafirmando a sua importância e ainda buscando falar da parceria entre escola e serviço de saúde:

[...] a educação sexual nas escolas assume papel fulcral na formação dos jovens adolescentes, a sua eficácia depende da articulação e estabelecimento de parcerias entre a escola e os serviços de saúde, o enfermeiro desempenha um papel importantíssimo como educadores para a saúde e agente promotor de estilos de vida saudáveis, nos quais se insere a prevenção da gravidez na adolescência. (DIAS; PEREIRA, 2010, p. 4)

Alguns autores buscaram tratar desse assunto relatando a percepção da própria adolescente grávida, onde em suas falas reconheceu-se que “os adolescentes consideram importante prevenir a gravidez, pois um dos prejuízos ocasionados por ela refere-se à perda da possibilidade de ter lazer” (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015, p. 34). Os autores ainda fazem análise.

[...] observa-se que os adolescentes identificam a necessidade da prevenção da gravidez, o que não significa que eles possuam conhecimento e sensibilização suficientes para implementar um comportamento contraceptivo adequado. Torna-se imperativo, portanto, considerar o impacto da iniciação sexual tão precoce, agravada pela falta de conhecimento, reflexão e consciência crítica sobre o comportamento do adolescente mediante o sexo (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2013, p. 35).

Quando reconhecemos a baixa escolaridade como fator de destaque entre os riscos mais frequentes de gravidez na adolescência, reforçamos que “o aborto entre adolescente revela uma lacuna entre o conhecimento e a utilização de métodos anticoncepcional, sendo, por vezes, utilizado como método contraceptivo”.

(FERREIRA et al., 2012, p. 197). Além disso, [...] no contexto das implicações da gravidez na adolescência, investigações têm mostrado que este evento pode repercutir em prejuízos na saúde do bebê, muitas vezes em maus tratos e rejeição do filho pelos adolescentes, além de conflitos familiares (FIEDLER, ARAÚJO e SOUZA, 2015, p. 34). Esses autores também concluem com suas pesquisas que

Tendo em vista o grande número de MAC¹¹ existente atualmente, percebe-se que as adolescentes da amostra conhecem um pequeno número de métodos que previnem a gravidez e que a camisinha não foi vislumbrada como MAC por todas as adolescentes, embora exista uma grande divulgação desse método na mídia, não só como método contraceptivo, mas também como recurso para evitar as DSTs. Percebe-se ainda a presença de uma adolescente que espontaneamente não revelou conhecer MAC algum, o que pode indicar a falta de informação sobre a contracepção ou a não compreensão da questão que lhe foi feita. (FERREIRA et al., 2012, p. 197)

Sobre esses aspectos, entende-se que “o simples conhecimento sobre contracepção não garante que a prevenção seja promovida e aponta questionamentos sobre a qualidade dos programas voltados para a saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes” (SOUZA; NÓBREGA; COUTINHO, 2012, p. 589). Nesse sentido Dias e Pereira (2010), corroboram com esse assunto, afirmando que a garantia de uma vivência sexual saudável para os adolescentes é um dos maiores desafios da escola, considerando que seja a instituição mais adequada para a transmissão de conhecimentos relacionado a vida sexual, mas que só atingirá resultados positivos se tiver parcerias com equipe específicas de saúde escolar.

O ambiente escolar representa um cenário oportuno e adequado para se trabalhar conhecimentos e mudanças de comportamento, pois é o local em que os adolescentes geralmente iniciam a vivência da sexualidade, expressam suas dúvidas, recebem informações e permanecem por um longo período do seu dia. Mas é importante ressaltar que sem a intersetorialidade entre os setores da saúde e educação, o processo torna-se fragilizado. (FIEDLER; ARAÚJO; SOUZA, 2015, p. 35).

Reafirma-se a necessidade então de um trabalho em parceria entre escola e especialista de saúde, trabalhando de forma conjunta. Assim, “a gravidez na adolescência se transforma num expressivo campo de intervenção da saúde sexual e reprodutiva, tanto no plano da prevenção como no da assistência e da promoção da saúde.” (SOUZA; NÓBREGA; COUTINHO, 2012, p. 595). Tornando-se esse fator

¹¹ MAC: métodos anticoncepcionais.

um dos relevantes tópicos da importância da abordagem da Educação Sexual com a criança pequena.

c. DST

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2001): “As Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) estão entre os problemas de saúde pública mais comum em todo o mundo, com uma estimativa de 340 milhões de casos novos por ano.”. Entende-se que “pela sua **magnitude, transcendência, vulnerabilidade e factibilidade de controle**, as DSTs devem ser priorizadas enquanto agravos em saúde pública” (BRASIL, 2005, p.11). Segundo dados do Governo Federal, o Brasil apresentou em seus registros, 656.701 casos de AIDS desde o início da epidemia, até junho de 2012. Somente em 2011, notificaram-se 38.776 casos da doença, apresentando uma taxa de incidência de 20,2 casos para cada grupo de 100 mil pessoas. Quando especificada a região do país, a incidência na região Sudeste apresentou queda, porém em todas as demais houve crescimento. Ao se pensar na faixa etária, a incidência, abrange a faixa etária de 25 a 49 anos de idade. Destaca-se que entre os jovens de 13 a 19 anos, o maior número de casos é registrado entre as meninas.

Consideramos a vulnerabilidade dos adolescentes para a busca de ações que promovam a saúde sexual, focando as DSTs. Considerando o exposto, pode-se afirmar que “a banalização do sexo e da sexualidade na mídia e no cotidiano dificulta a tarefa de educar, de associar sexo a afeto, responsabilidade e promoção da saúde e bem-estar” (FERNANDES et al., 2012, p. 32). Nesse contexto de dificuldade em se educar os pesquisadores ainda apresentaram resultados que destacam a grande necessidade de se desenvolver a Educação Sexual em todas as faixas etárias, considerando que

[...] a melhor forma de atuação destes projetos continua sendo no ambiente escolar, pois, além da grande dificuldade cultural em se falar de sexo e sexualidade em casa, muitos alunos, que também são pais, não possuem conhecimento adequado sobre as DSTs e conseqüentemente não conseguem orientar adequadamente seus filhos a respeito desse tema. (FERNANDES et. al., 2012, p. 33)

No entanto, essas ações dentro das escolas precisam estar em constante reflexão, já que de acordo com Cicco e Vargas (2012) quando olhamos para a educação da saúde na população brasileira, historicamente e até os dias de hoje elas acabam por expressar uma visão higienista, seguindo modelos biomédicos, em que ocorre a transformação de informações para a prevenção e controle de doenças, muitas vezes tornando responsáveis pelas condições em que se encontram os próprios sujeitos. Quando atentamos nosso olhar para a escola, dentro dessa perspectiva histórica, ela acaba por seguir esse mesmo modelo médico higienista, voltado apenas aos cuidados com a saúde, buscando nas crianças e adolescentes a propagação de comportamentos considerados adequados, para uma vida saudável. Assim lançou-se no país um programa que visa a

[...] promoção à saúde e de prevenção de DSTs, com ênfase na AIDS através da Política Nacional de DST/AIDS e do Programa Brasileiro de DST/AIDS, voltando suas ações também para o contexto escolar a partir do Projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas”. A incorporação destas práticas no cotidiano das escolas, por tentativas de aproximações entre as ações dos Ministérios da Saúde e da Educação, torna-se possível a partir do surgimento de vertentes teórico-críticas na análise das proposições de ações educativas no campo da saúde, ou no âmbito da denominada Educação em Saúde. A articulação entre os campos da Saúde e da Educação potencializou, portanto, o desenvolvimento de ações de promoção da saúde, que refletiram na inclusão de temáticas transversais como saúde e sexualidade no currículo das escolas, na produção e avaliação de material didático informativo para professores, alunos e comunidade escolar sobre temáticas da saúde e no desenvolvimento de políticas públicas voltadas aos adolescentes. (CICCO; VARGAS, 2012, p. 13)

Entende-se que o controle e a prevenção efetiva das DSTs ocorrerão, com trabalhos constantes de educação da saúde sexual, de todos os sujeitos sociais de modo que estes tenham um comportamento sexual que viabilize a saúde por meio de ações preventivas, como o uso correto de preservativos.

d. Questões de gênero

Outro ponto a ser destacado, envolve a questão de gênero, em que existe a necessidade de uma formação da criança pequena de modo a combater com a banalização na reprodução das desigualdades e da violência contra mulheres.

Evidencia-se, portanto, a necessidade de intervenção precoce e busca ativa dessa população, promovendo o acesso e a acessibilidade dos adolescentes aos serviços de saúde, nos quais sejam construídos espaços de diálogo aberto e apoio. Considera-se que esses serviços, em conjunto com a escola, família e comunidade, têm potencial para elaborar projetos de educação que combatam a banalização e a naturalização da violência nas relações afetivo-sexuais entre os adolescentes, que ocorre de forma diferente, mas bilateral, entre meninos e meninas. Em espaços de acolhimento e reflexão, pode-se colaborar também para evitar a reprodução de formas tradicionais de hierarquia e desigualdades entre os sexos, as quais produzem e legitimam muitas formas de violência de gênero. (SOARES; LOPES; NJAINE, 2013, p. 1128)

Quando abordamos na escola a questão de gênero segundo Silva e Guerra (2010), existe um discurso que resulta das experiências culturais que vivemos desde que nascemos, onde são atribuídas características específicas a cada gênero. Dessa forma são muitas vezes categorizados ou classificados sujeitos que fogem dos padrões sociais como: menino que brinca de boneca, menina que joga futebol, menino que dança ballet, meninas fortes ou meninos sensíveis.

Toda aquela abordagem impregnada nas escolas, em que os meninos acabam sempre recebendo os materiais azuis, e as meninas os de cor rosa, são questões que fazem referência a gênero e que reforçam aquilo que julgam correto das sistematizações culturais e históricas. A escola contribui para a manutenção da naturalização e discriminação das relações de gênero, o que pode levar a uma violência que é legitimada pela sociedade.

Sobre esse discurso presente nas escolas, foram feitas pesquisas que confirmam essa situação Wenets (2012) observou que:

As brincadeiras são generificadas e sexualizadas e ocupam diferentes espaços no pátio. Tais espaços são disputados, negociados ou impostos. Destaco, ainda, que a escola não se constitui um lugar homogêneo e harmônico, e a presente investigação permitiu que isso fosse visualizado. Ela é uma instituição na qual se disputam, se aceitam, se rejeitam e se impõem significados através de processos em que as crianças se encontram inseridas, participando de negociações culturais ou imposições muito complexas, que acontecem, também, nas brincadeiras do pátio escolar. (WENETS, 2012, p. 207)

Essa situação se propaga na sociedade de um modo geral quando reconhecemos as afirmações de Ponzilacqua (2013) ao declarar que em uma sociedade machista e de supremacia, prevalece um padrão de competição destacando-se uma tendência de ordem física, tais como a dominação, a sobrevivência e a reprodução, entendendo como virtudes masculinas atitudes que

envolvam a força e a violência. Assim, a “violência física faz reinar a “lei do mais forte”, oprimindo indivíduos ou grupos mais fracos ou desprotegidos.” (KODATO, PEREIRA e BORIN, 2013, p. 36).

A respeito da violência do homem com a mulher, Kodato, Pereira e Borin (2013) elencam os significados mais recorrentes nessas situações, divididas nas seguintes categorias: a) Violência e alcoolismo; b) História traumática; c) Exploração e opressão; d) Sexualidade, desejo e perversão; e) Delírio de ciúmes; f) Relações marcadas pela frieza e ausência; g) Filhos e exclusividade; h) Ruindade, crueldade e bondade; i) Percepção de si e do próprio corpo; j) Medo e futuro incerto; k) Reação e vingança.

Essas categorias citadas reforçam que a violência de gênero passa por um ciclo que se torna eterno de repetição, onde ou o agressor passou por situações violentas ou o agredido vivencia isso desde a infância acreditando que essas ações fazem parte de seu cotidiano, que são “normais”. Muitas vezes ainda, ao compreenderem sua existência na concepção cristã:

[...] essas mulheres produzem culpa intensa por odiarem figuras parentais; e num processo de autopunição acabam reproduzindo o ciclo da violência, pais violentos e alcoólatras acabam por eleger parceiros com as mesmas características. Uma representação catastrófica da existência ancorada numa autoimagem negativa, “uma coisa ruim”, como se essa mulher sentisse que só “merece esse tipo de homem”. (KODATO; PEREIRA E BORIN, 2013, p. 51)

Entende-se então que “[...] violência de gênero, discriminação contra a mulher e violação dos direitos humanos das mulheres precisam ser sempre analisados como fenômenos de subordinação, opressão e exploração que se reproduzem de formas interligadas e contínuas.” (SEVERI, 2013, p. 55). Sobre essas formas de violência e preconceito temos o seguinte quadro:

Quadro 2: formas sociais de preconceito.

SUJEITOS SOCIAIS	FORMAS DE PRECONCEITO
Mulheres	Sexismo, machismo, misoginia
Pessoas homossexuais, gays	Homofobia
Lésbica	Lesbofobia
Travestis, transgêneros, transexuais	Transfobia

Fonte: FURLANI, 2011, p. 24

Destacamos que essa preocupação deve estar voltada para os homossexuais, bem como os transgêneros, que também sofrem violência relacionada às questões de gênero. E mais uma vez a escola como formadora de opinião e de cidadãos precisa estar sempre atenta a essas especificações.

e) Formação de sujeitos que tenham na fase adulta uma vida sexual saudável.

Sobre este aspecto, Furlani (2011) traz um quadro de Debra Haffner (2005) – sexóloga, cofundadora e presidente do *Religious Institute*¹² (organização dedicada a saúde sexual, educação e justiça), classificando alguns itens onde a autora entende por:

Quadro 3: sexualidade saudável.

CRIANÇAS SEXUALMENTE SAUDÁVEIS:
<ul style="list-style-type: none"> • São aquelas que se sentem bem com seus corpos; • Que respeitam os membros da família e outras crianças; • Que entendem o conceito de privacidade; • Que tomam decisões adequadas à sua idade; • Que ficam à vontade para fazer perguntas; • Que se sentem preparadas para a puberdade.

Fonte: FURLANI, 2011, p.65 apud HAFFNER, 2005, p.20.

Entendemos então que os itens acima devem ser entendidos como objetivos a serem atingidos nos trabalhos realizados pelas escolas relacionados à Educação Sexual. Essa formação de uma criança saudável irá refletir em uma vida adulta sexualmente saudável. E só será efetivada em um ambiente escolar, que permita o diálogo entre os membros da comunidade escolar. Onde não se proíba a inclusão desse tema nas formações continuadas e reuniões dos professores, funcionários e pais dessa escola. Que o assunto seja tratado ao longo do ano letivo pelos educadores, sem que se espere uma situação mais problemática para se solicitar a

¹² Religious Institute: para maiores informações acesse: <http://religiousinstitute.org/>

presença de um profissional da saúde. Que o assunto seja tratado por todos de modo participativo e reflexivo.

2.3 O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Entende-se que a escola sem preparo e a formação dos educadores acabam em suas práticas reafirmando conceitos e definições de gênero, sexualidade, e orientação sexual tradicionalmente usado, e que por vezes estão carregados de preconceitos e discriminações. Por exemplo, associam o masculino, a força, coragem, valentia e superioridade em relação às mulheres. Já as meninas, por outro lado, devem ser boazinhas, educadas, meigas, dependentes, comportadas e, fraca. Os PCN entendem que:

É compreensível, entretanto, que, se relações de gênero que hierarquizam o masculino acima do feminino são uma construção social, isso significa que elas podem e devem ser retomadas e retrabalhadas e, assim, transformadas. Se as/os profissionais de educação tiverem sempre em seu horizonte a preocupação com a igualdade, estarão em condições de perceber as situações em que ela não é exercida plenamente – tanto na escola quanto na sociedade em geral – e poderão, desse modo, contribuir para uma reflexão crítica sobre tais relações, o que certamente conduzirá a práticas educacionais inclusivas e solidárias. (BRASIL, 2010, p. 22)

Em relação à sexualidade e à Educação Sexual, um importante meio de promoção de mudanças em conceitos equivocados é o espaço escolar, o qual Quirino e Rocha (2012) caracterizam sua pluralidade tanto em sua comunidade como de ideologia, considerando que ela pode submeter-se a dominação ou lutar contra ela. Afirmam, no entanto que historicamente ela tem feito a reprodução dos interesses do Estado.

Sobre esse aspecto, elaboramos um quadro baseado nos oito princípios apresentados por Furlani (2013), para uma Educação Sexual pautada no respeito às diferenças:

Quadro 4: Princípios para uma Educação Sexual na Escola de respeito às diferenças.

Princípio 1	A Educação Sexual deve começar na infância e, portanto, fazer parte do currículo escolar.
Princípio 2	As manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da “reprodução”.
Princípio 3	A descoberta corporal é expressão da sexualidade.
Princípio 4	Não deve haver segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas; portanto, a prática pedagógica da Educação Sexual deve acontecer sempre com coeducação.
Princípio 5	Meninos e meninas devem/podem ter os mesmos brinquedos.
Princípio 6	A linguagem plural, usada na Educação Sexual, deve contemplar tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento familiar/popular/cultural.
Princípio 7	Há muitos modos da sexualidade e do gênero se expressarem em cada pessoa; portanto eu posso ter alunos/as se constituindo homossexuais.
Princípio 8	A Educação Sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, direitos humanos.

Fonte: FURLANI, 2011, p.67-70.

O quadro apresenta oito princípios para quem pretende desenvolver trabalhos sobre essa temática na escola, os quais devem estar sempre sendo problematizados e repensados.

Entende-se então que o sujeito que tiver uma Educação Sexual adequada poderá tomar decisões e se responsabilizar por elas, reconhecendo seus limites e o dos outros. Sendo ainda capaz de fazer suas próprias reflexões sobre a cultura, a mídia e a sociedade seus sentimentos, valores e comportamentos ligados à sexualidade, evitando comportamentos intolerantes e discriminatórios que geram a violência na sociedade e até mesmo dentro das famílias. A escola deve aproveitar o fato de ser um espaço aberto à diversidade, formado por sujeitos atores e autores sociais, e utilizar-se disso para colocar em prática a mudança, reformular conceitos, e promover o cuidado, o respeito e a cidadania.

2.4 A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO CIENTÍFICOS

Busca-se, a partir desse tópico, compreender melhor os significados e as implicações da alfabetização científica (AC). Sendo assim, precisamos destacar primeiramente o que é alfabetizar e o que é estar alfabetizado, bem como letrar e estar letrado, em uma perspectiva inicial do estudo da língua e posteriormente

correlacionando com o ensino de ciências na perspectiva da alfabetização científica. Existem alguns autores que tratam dessas terminologias, para Carvalho (2011, p. 65): “Alfabetizar é ensinar o código alfabético, letrar é familiarizar o aprendiz com os diversos usos sociais da leitura e da escrita”. Desse modo o autor ainda esclarece sua função social, em que “[...] o letramento traz consequências (políticas, econômicas, culturais, etc.) para indivíduos e grupos que se apropriam da escrita, fazendo com que está se torne parte de suas vidas como meio de expressão e comunicação”.

Desse modo, o alfabetizar está relacionado ao ensino do código da língua escrita, e estar letrado vai muito além do decifrar códigos; é estar apto a discutir com o autor, compreendendo o que ele quer falar e, então, refletir com os seus próprios pensamentos e conhecimentos prévios, para só então formular um novo conceito ou um novo conhecimento.

Tornar-se letrado, ou formar-se leitor, é aprender sobre autores, seus modos de pensar, intenções, interlocutores, ideias e valores; é aprender sobre gêneros, sobre a forma pela qual os textos se organizam, a partir do título, obedecendo a certas convenções, e desdobrando-se parágrafo por parágrafo para exprimir ideias. É principalmente aprender a dialogar com os autores, refletindo sobre o que eles nos dizem e comparando as suas com as nossas próprias ideias. (CARVALHO, 2011, p. 70-71)

Sobre esses aspectos do estudo da língua, tem-se ainda a perspectiva da Rede Pública Municipal de Ensino, que por meio das Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental declara que:

A proposta da Secretária Municipal de Educação considera que a função da escola que atende alunos na 1ª fase do Ensino Fundamental é possibilitar-lhes, o desenvolvimento de habilidades e competências para a compreensão da leitura e da escrita, superando o entendimento de que alfabetizar é apenas ensinar a decodificação de textos. Essa compreensão está assentada em estudos que tratam do desenvolvimento da linguagem, enfatizado pelo PNAIC/2013 e afirmam que um trabalho sério para a aprendizagem da leitura e da escrita exige render-se à evidência da necessidade de constituir o seu ciclo de alfabetização, corroborando com o Art. 5 da Portaria 867, de 04 de julho de 2012, que expõe os objetivos dessa política de educação: I – garantir que todos os estudantes dos sistemas públicos de ensino estejam alfabetizados, em Língua Português e em Matemática, até o final do 3º ano do Ensino Fundamental; II – reduzir a distorção idade-série na Educação Básica; III – melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB); IV – contribuir para o aperfeiçoamento da formação dos professores alfabetizadores; V – construir propostas para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças nos três primeiros anos no Ensino Fundamental. (PONTA GROSSA, 2015, p. 18)

A proposta então fundamenta-se nos objetivos nacionais pela busca da alfabetização na idade certa, compreendendo a alfabetização na perspectiva do letramento. Destacamos aqui as afirmações de alguns autores que fazem observações sobre a relação entre a alfabetização e letramento na perspectiva da língua e a alfabetização e o letramento das ciências.

[...] ser “alfabetizado” é saber ler e escrever, mas ser “letrado” é viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ou seja, cultivando e exercendo as práticas sociais que usam a escrita. Se ampliarmos essa definição de letramento para o âmbito da ciência, entendemos que ser letrado cientificamente significa não só saber ler e escrever sobre ciência, mas também cultivar e exercer as práticas sociais envolvidas com a ciência; em outras palavras, fazer parte da cultura científica. (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 27)

Assim como no letramento da língua, estar letrado cientificamente permite que o sujeito torne-se ativo nas ações da sociedade em que vive. Ativo mas de forma consciente. Os mesmos autores reforçam ainda que

[...] apesar de a diferença entre os significados dos termos alfabetização e letramento serem importantes, entendemos que o primeiro já se consolidou nas nossas práticas sociais. Assim, consideramos aqui que o significado da expressão alfabetização científica engloba a ideia de letramento, entendida como a capacidade de ler, compreender e expressar opiniões sobre ciência e tecnologia, mas também participar da cultura científica da maneira que cada cidadão, individual e coletivamente, considerar oportuno. (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 30)

Sobre esse assunto, outro autor que levanta essa relação, o qual apresenta inicialmente uma abordagem dos termos com perspectivas linguísticas, onde cita que:

Em agosto de 2005, a França adotou o termo *littérisme* para se referir à habilidade de ler e entender um texto simples ou usar a escrita para receber ou transmitir informação. Um conceito equivalente ao que, na língua inglesa, é denominado *literacy*, quando este é usado para descrever a condição daqueles indivíduos que, efetivamente, podem fazer uso das habilidades de leitura e escrita. É válido destacar que, na língua inglesa, o termo *literacy*, pode ser usado tanto em referência ao aprendizado do código escrito quanto em relação à possibilidade efetiva de uso das habilidades de leitura e escrita. Portanto, é um termo que, em princípio, ao ser trazido para o português, pode receber o significado de *alfabetização* ou *letramento*. Todavia, é preciso estar alerta ao se optar por um dos dois termos, pois os linguistas no Brasil, assim como ocorre na França, atribuem a *alfabetização* e *letramento* sentidos diferentes. (TEIXEIRA, 2013, p. 798)

Esclarecendo, o autor faz uma correlação entre as questões de linguística e a abordagem científica.

Com base nessa perspectiva, argumentamos que a expressão *scientific literacy* estabelece vínculos entre ciência, leitura e escrita, colocando as três em um mesmo patamar de imprescindibilidade. Considerando que leitura e escrita são bens culturais que possibilitam a inserção nas sociedades grafocêntricas e que, também, são, nessas sociedades, habilidades cujo domínio é relevante para todos os indivíduos, interpretamos que a expressão *scientific literacy* transmite a ideia de que aprender ciências deveria ser algo tão imprescindível quanto aprender a leitura e a escrita, uma apropriação desejável para todos os seres humanos, a ser estabelecida como um fenômeno de massa. (TEIXEIRA, 2013, p. 801)

Apesar de se reconhecer a correlação entre ambas, destaca também as diferenças entre elas.

Entendemos que, nesta primeira instância, diferentemente do que acontece com a área de linguagem em relação aos processos de alfabetização e letramento, *scientific literacy* não teria sido empregado com a noção de domínio de um código, tampouco remetia às práticas de uso da ciência. Antes, sim, teria sido uma forma de destacar a relevância da popularização da ciência, de caracterizá-la com tão imprescindível quanto à leitura e a escrita, e, por decorrência, seu aprendizado deveria ocorrer em massa, atingindo todos os indivíduos. (TEIXEIRA, 2013, p. 802)

Esclarecendo essas questões das terminologias em linguística e ciências, passamos as ações mais práticas da alfabetização científica. Destacamos a educação científica na perspectiva de Chassot, (2003, p. 91) como “o conjunto de conhecimentos que facilitariam aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem.”. Tem-se ainda, a alfabetização científica como fator de inclusão social:

Há, toda via, uma outra dimensão em termos de exigências: propiciar aos homens e mulheres uma alfabetização científica na perspectiva da inclusão social. Há uma continuada necessidade de fazermos com que a ciência possa ser não apenas medianamente entendida por todos, mas principalmente, facilitadora do estar fazendo parte do mundo. (CHASSOT, 2003, p. 93)

Corroboram com essa ideia os autores a seguir fazem reflexões sobre o ensino de ciências e cidadania. Defendem a educação como instrumento de inclusão social, em qualquer faixa etária, contribuindo então para a superação do analfabetismo em diferentes esferas. Entende que existe a necessidade de uma adequação do currículo que atenda as questões sociais atuais.

A expressão “ciência para todos”, que para muitos resume essa postura, além de levar em conta experiências prévias, exige também seleção de tópicos que tenham significado para os cidadãos e possam servir de base e

orientação para suas decisões pessoais e sociais, principalmente as que envolvam questões éticas. (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 3-4)

Adentraremos neste ponto ao entendimento da AC dentro do ambiente escolar, onde primeiramente devemos reconhecer que esse processo se inicia com o nascimento do sujeito, assim como todo o seu processo educacional e segue com ele posterior a vida acadêmica.

[...] o processo de alfabetização em ciências é contínuo e transcende o período escolar, demandando aquisição permanente de novos conhecimentos. Escolas, museus, programas de rádio e televisão, revistas, jornais impresso devem se colocar como parceiros nessa empreitada de socializar o conhecimento científico de forma crítica para a população. (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p.17)

Do mesmo modo, Lorenzzetti e Delizoicov (2001) entendem que a definição de alfabetização científica parte do pressuposto de que o sujeito já tenha adquirido o código escrito. No entanto, os autores abordam uma percepção de certa forma contrária, com um olhar específico da alfabetização científica para o Ensino Fundamental I (população específica deste trabalho):

[...] complementarmente a esta definição, e num certo sentido a ela se contrapondo, partimos da premissa de que é possível desenvolver uma alfabetização científica nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, mesmo antes do aluno dominar o código escrito. Por outro lado, esta alfabetização científica poderá auxiliar significativamente o processo de aquisição do código escrito, propiciando condições para que os alunos possam ampliar a sua cultura. (LORENZZETTI; DELIZOICOV, 2001, p. 3 e 4)

Os autores Krasilchik e Marandino (2007, p. 21) acreditam que a AC está presente em nossos currículos escolares e que “[...] já nos acostumamos a ouvir expressões como difusão, divulgação, vulgarização, popularização e comunicação pública para designar as práticas de socialização do conhecimento científico”. Sobre esse assunto, fazem ainda referência aos quatro estágios de aplicação da AC nas escolas:

Nominal – O estudante reconhece termos específicos do vocabulário científico, como átomo, célula, isótopo e gene.

Funcional – O estudante define os termos científicos (como os exemplificados), sem compreender plenamente seu significado, conceituando genes como base hereditária, átomo como partícula da matéria etc.

Estrutural – O estudante compreende ideias básicas que estruturam o atual conhecimento científico, como é o caso do entendimento de que continuidade genética é mantida pela reprodução.

Multidimensional – O estudante tem uma compreensão integrada do significado dos conceitos aprendidos, formando um amplo quadro que envolve também conexões e vínculos com outras disciplinas, como por exemplo, o conhecimento da constituição, das vantagens e das desvantagens do uso de sementes transgênicas geneticamente modificadas. (BSCS¹³,1993 apud. KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 23-24)

Ao reconhecer a presença desses estágios no currículo escolar de nossos educandos, Krasilchik e Marandino (2007) percebem um conflito no último estágio citado, que seria basicamente o momento de reconhecer que o aluno está letrado em determinado assunto, podendo fazer relações e críticas e não uma mera memorização de conceitos. Esses autores ainda apontam três diferentes possibilidades para se definir a terminologia “alfabetização científica”.

“Alfabetização científica prática” permite que o indivíduo esteja apto a resolver, de forma imediata, problemas básicos, relacionados ao seu dia-a-dia. A “alfabetização científica cívica” torna o cidadão mais atento para a ciência e seus impactos, comprometendo-se assim com a formação para a tomada de decisões mais bem informada. Já a “alfabetização científica cultural” é, em geral, destinada a pequena parcela da população que se interessa por saber sobre ciência de maneira mais aprofundada. (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 24)

Em suma, as duas primeiras possibilidades refletem a resolução de problemas, a formação do cidadão ativo “a dimensão do público – entendido como sujeito ativo do processo de divulgação, e não só receptor de informações – é peça-chave de qualquer proposta atual de alfabetização científica.” (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 29) já a terceira é a divulgação científica em si, uma cultura da ciência. “A socialização do conhecimento é uma prática social que implica processos de tradução e de recontextualização, a fim de tornar os saberes produzidos acessíveis para os indivíduos” (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 32). Entende-se que existe a necessidade da participação da população na tomada de decisões de políticas públicas, no entanto para que isso ocorra faz-se necessária uma educação científica dentro e fora das escolas, para que tenham conhecimento

¹³ BSCS: Biological Sciences Curriculum Study é uma instituição sem fins lucrativos que desde 1958 fomenta a compreensão da ciência e da tecnologia por meio do desenvolvimento de materiais didáticos e da suporte para o uso efetivo desses recursos (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 23-24).

sobre fazer julgamentos e assim fazer parte efetivamente da sociedade de forma democrática.

No mundo contemporâneo, promover acesso ao saber científico – ou seja, realizar a alfabetização científica cultural de qualidade – é dever de diversos tipos de profissionais e responsabilidade de toda a sociedade. Essa alfabetização não pode ter mais a informação como centro e ponto de partida. O público, seus conhecimentos, suas concepções, suas necessidades devem sim nortear as escolhas sobre o que e como realizar a alfabetização científica. As diferentes culturas entram num possível diálogo, em que há respeito e reconhecimento mútuo e no qual se cria o potencial de ampliação de visões de mundo e de seus integrantes. (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 33)

Assim, a alfabetização científica não difere em nada da alfabetização do código da língua, entendendo que ambos buscam principalmente a inclusão social dos sujeitos de modo que eles tornem-se ativos de forma consciente na sociedade em que vive. Nessa perspectiva temos ainda os autores a seguir, que em suas compreensões:

[...] “alfabetização científica” para designar as ideias que temos em mente e que objetivamos ao planejarmos um ensino que permita aos alunos interagirem com uma nova cultura, com uma nova forma de ver o mundo e seus acontecimentos, podemos modifica-lo e a si próprios através da prática consciente propiciada por sua interação cerceada de saberes, de noções e conhecimentos científicos, bem como das habilidades associadas ao fazer científico. (SOUZA; SASSERON, 2012, p. 596)

E como anteriormente afirmamos que a AC é um processo da vida, acreditamos na importância de se reconhecer que assim como para Souza e Sasseron (2012), o sujeito alfabetizado cientificamente não necessita ter todo o conhecimento referente às ciências, isso não ocorre nem mesmo com os próprios cientistas. Seus conhecimentos devem ser amplos para reconhecer as transformações e implicações das ciências na sociedade. Nesse sentido, o foco do estudo não são apenas seus métodos e conceitos, mas também a natureza das ciências e suas ações e atuações em sociedade e em relação ao ambiente. Dessa forma:

A aprendizagem científica também é um processo de transição dialógica de uma linguagem abstrata e comum para uma linguagem científica, com suas características particulares, sendo que as linguagens não são excludentes, e sim complementares, em vista de suas significações simbólicas. Nessa

perspectiva, o professor tem papel importante para construir e incentivar o uso da linguagem científica em seu trabalho docente. (SOUZA; SASSERON, 2012, p. 596-597)

Sobre o ensino de ciências é preciso compreender que ao se assumir como alfabetização as práticas pedagógicas devem ser pensadas entendendo que elas “envolvem e desenvolvem: atividade intelectual, pensar crítico e autônomo, mobilização consciente e intencional de recursos cognitivos e metacognitivos.” (TEIXEIRA, 2013, p. 10). Nessa construção se fazem necessárias várias mudanças, entendendo e reconhecendo a íntima relação entre processo de leitura e escrita e por consequência elaborar e desenvolver uma pesquisa científica.

Neste sentido, quando fazemos a correlação entre a temática principal deste trabalho de pesquisa e a AC entendemos que a efetivação da Educação Sexual nas escolas com a criança pequena por meio da literatura, permite uma contextualização significativa das atividades de leitura na sala de aula. Essas ações seriam a prática de uma relação muito íntima do letramento na perspectiva da língua e do letramento na perspectiva das ciências.

[...] o trabalho com as ciências, articulado ao processo de aquisição da língua materna, pode contribuir para que as atividades de leitura e escrita sejam contextualizadas e repletas de significados para os alunos. Essa tarefa solicita iniciativas docentes para o uso sistemático de diferentes gêneros textuais em sala de aula. A ação do professor, como um leitor mais experiente, é imprescindível para inserir os alunos em práticas sociais de leitura e escrita, favorecendo a aprendizagem gradativa das crianças, tanto no que se refere à aprendizagem da língua materna, quanto em relação às questões subjacentes ao ensino de ciências e alfabetização científica. (VIECHENESKI; LORENZETTI, 2012, p. 861)

Dessa forma, devemos considerar as ciências e a realidade dos alunos como um mundo conectado, que o aprendizado da leitura e escrita pode ocorrer em conjunto com o ensino de ciências, possibilitando até mesmo aqueles que não dominam a língua possam aprender os conteúdos específicos de ciências. Dentro desta discussão têm-se ainda a percepção dos autores a seguir, de que:

Ao ensinar ciências às crianças, não devemos nos preocupar com a precisão e a sistematização do conhecimento em níveis de rigorosidade do mundo científico, já que essas crianças evoluirão de modo a reconstruir seus conceitos e significados sobre os fenômenos estudados. O fundamental no processo é a criança estar em contato com a ciência, não remetendo essa tarefa a níveis escolares mais adiantados (ROSA; PERES; DRUM, 2007, p. 362)

A abordagem científica é entendida por aqueles que estão diretamente ligados às ciências, os quais compreendem a linguagem científica e tratam-na com muito orgulho, e ainda consideram que todos que fazem uso dela devem ter total domínio das terminologias científicas. “A terminologia científica não deveria ser vista simplesmente como uma maneira diferente de nomear fenômenos, por duas razões.” (BIZZO, 2002, p. 23). E ainda:

[...], se ela é vista como um código, trata-se de um *código de compactação e não de um código criptográfico*. O código de compactação tenta juntar informação, agregando significados. O código criptográfico, por outro lado, procura esconder significados. Muitas vezes os dois códigos são confundidos, mas as diferenças são profundas. A terminologia científica não é apenas uma formalidade, mas uma maneira de compactar informação, de maneira precisa, que não se modifique com o tempo ou sofra influências regionais ou da moda de cada época. (BIZZO, 2002, p. 23 - 24)

Sendo assim, devemos considerar que “existe profunda diferença semântica entre a terminologia utilizada no contexto científico e na vida cotidiana.” (BIZZO, 2002, p. 24). No entanto, dentro do contexto escolar, percebemos hoje a busca pela socialização do conhecimento científico. “Isso não significa que as escolas devam apresentar conhecimentos científicos à maneira como ocorre em congressos de cientistas. A escola apresenta aproximações [...]” (BIZZO, 2002, p. 27-28).

É importante entender que as aproximações feitas pela escola, não precisam e não seguirão modelos padrões de um congresso científico, por exemplo, pois irá atender a uma faixa etária diferente da de uma comunidade científica. Assim, o trabalho a ser realizado deve alfabetizar, onde o educador será o difusor dos conteúdos científicos, mas sem fugir do lúdico que convém a essa fase da vida. Para tanto, utilizou-se nesta investigação da literatura infantojuvenil, buscando atingir de forma lúdica as crianças envolvidas.

2.5 ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO SEXUAL: LITERATURA INFANTOJUVENIL

Reconhecer que a escola deixa de lado os conteúdos de ciências, priorizando o conhecimento da língua portuguesa e da matemática, diminuindo a importância do conhecimento científico de certa forma fragmentam o aprendizado do aluno, pois este não desenvolve o trabalho fazendo relações entre os diferentes tipos de conhecimentos. Isto nos leva a entender que a escola, os educadores e a sociedade precisam assumir que a criança se afirma como sujeito no hoje, e também a desmistificar a ideia de que a criança não tem capacidade ou é imatura demais para compreender, como explicam de maneira mais clara os autores citados:

É comum ouvirmos a afirmação de que a criança representa o futuro da nação, o que conota sua negação como sujeito de ação no presente e, por conseguinte, longe do conhecimento científico. Não ensinar Ciências nas séries iniciais, sobre o argumento de que a criança não tem capacidade mental, é uma forma de colocá-la à margem do conhecimento construído e reconstruído historicamente, bem como desconhecê-la como sujeito histórico. É com base nesse argumento que acreditamos ser de essencial importância que a escola de ensino fundamental comunique os conhecimentos científicos, ou seja, ensine ciências. A escola é instituição formalizada que tem como alguns de seus objetivos sistematizar e difundir o conhecimento produzido pela sociedade, e as crianças, por fazerem parte da mesma, têm direito ao acesso a esse tipo de saber construído ao longo do processo histórico. (PANIAGO; REIS, 2005, p. 5)

Nesse sentido, entendemos que muitos professores do Ensino Fundamental I, entendem que é necessário que o aluno aprenda a ler e escrever antes de aprender ciências. No entanto, existe a necessidade da desconstrução dessa ideia, pois o aprendizado pode ocorrer de forma integrada e a grande riqueza das temáticas de ciências é atrativa e por este motivo de grande relevância no trabalho de desenvolvimento do ler e escrever.

Os pesquisadores Menegazzo e Stadler (2012), apontam que quando ensinamos ciências encontramos uma variedade de textos científicos ou não que tratam dos diferentes temas estudados. Consideram o trabalho com a leitura, interpretação e o uso de textos diversificados relevantes no ensino de Ciências, de modo que através da compreensão daquilo que foi lido o aluno torne-se sujeitos críticos.

Se a linguagem das Ciências é difícil para os alunos, então devemos utilizar sua própria linguagem como ponto de partida e de envolvimento, acolhimento, porém, incluindo, gradativamente os termos científicos relacionados, para que os alunos estabeleçam relação entre eles e tenha acesso ao mundo Científico, não sendo assim, marginalizado e excluído das

informações ali presentes e veiculadas ao mundo. (MENEGAZZO; STADLER, 2012, p. 147)

Entende-se então, que a partir do trabalho com o livro de literatura infantojuvenil atenderemos a criança em um primeiro momento utilizando de sua própria linguagem, abrindo dessa forma espaço para a inclusão da linguagem científica das questões de sexualidade.

Considerando que o produto a ser desenvolvido partirá da literatura infantojuvenil que já existente sobre o assunto, analisaremos aqui como têm sido esta trajetória dos livros infantis, ou seja, como a Educação Sexual tem sido abordada nesses materiais.

Os clássicos da literatura infantojuvenil: “Contos de fadas” (do latim *fatum*, destino, fatalidade) foram publicações de registros da oralidade de povoados, onde em alguns casos aproveitavam-se daquele momento de prazer para instruir a criança sobre a vida e seus perigos. Assim, “encantados, recebiam uma grande bagagem de conhecimento doméstico, aquisição moral e linguística.” (SILVA, 2013, p.78)

A citação a seguir serve como exemplo destas intenções de instruções dadas pelos adultos, que por meio de um jogo de palavras apresenta os perigos da vida. Destacada da obra original do clássico:

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa e foi se enfiar na cama, onde ficou muito espantada ao ver a figura da avó na camisola. Disse a ela:
“Minha avó, que braços grandes você tem!”
“É para abraçar você melhor, minha neta.”
“Minha avó, que pernas grandes você tem!”
“É para correr melhor, minha filha.”
“Minha avó, que olhos grandes você tem!”
“É para enxergar você melhor, minha filha.”
“Minha avó, que dentes grandes você tem!”
“É para comer você.”
E dizendo estas palavras, o lobo malvado se jogou em cima de Chapeuzinho Vermelho e a comeu. (PERRAULT, 2010, p. 80-81)

A instrução tem continuidade na história, quando é apresentada sua moral, onde fica claro a preocupação daquele que contava a história em instruir as crianças, ou os jovens sobre pessoas que podem parecer amigáveis, mas ser muito perigosos.

Moral

Vemos aqui que as meninas, e sobretudo as mocinhas lindas, elegantes e finas, não devem a qualquer um escutar. E se o fazem, não é surpresa que do lobo virem jantar. Falo “do” lobo, pois nem todos eles são de fato equiparáveis. Alguns são até amáveis, serenos, sem fel nem irritação. Esses doces lobos, com toda educação, acompanham as jovens senhoritas pelos becos afora e além do portão. Mas ai! Esses lobos gentis e prestimosos são, entre todos, os mais perigosos. (PERRAULT, 2010, p. 82)

Neste sentido, o autor da obra infantil, aborda questões percebidas até a atualidade, como foi destacada em uma análise da história por Silva (2013) a situação abordada na história é recorrente em nossa sociedade atual, podendo ser comprovada em qualquer delegacia de polícia ou material de divulgação científico específico: o abuso sexual infantil.

Existe uma infinidade de obras da literatura infantojuvenil clássica, que abordam a temática da sexualidade infantil. Outro exemplo não tão conhecido em seu original é a Rapunzel, que em sua relação com o príncipe acaba engravidando e é banida da torre da bruxa.

De início Rapunzel levou um susto, mas não demorou a gostar tanto do príncipe que combinou que viesse visita-la todos os dias e ela o puxaria para cima. Assim viveram alegres e a fada não percebeu nada por um bom tempo, até que um dia Rapunzel disse a ela: “Sabe, senhora Gothel, as minhas roupas estão tão apertadas que não estão querendo servir mais em mim”. “Ah, menina maldita, o que sou obrigada a ouvir”, disse a fada, fora de si, vendo que havia sido enganada. Então ela agarrou os lindos cabelos de Rapunzel, deu-lhes algumas palmadas com a mão esquerda e com a mão direita apanhou a tesoura e rip, rip, rip, os cabelos estavam cortados. Depois banuiu Rapunzel para um deserto onde ela passou apuros e onde, depois de um tempo, deu à luz gêmeos, um menino e uma menina. (GRIMM; GRIMM, 2012, p. 75)

O trecho em destaque aborda outra situação que também é comum na sociedade atual: a gravidez indesejada na adolescência. Muitas vezes meninas sem pensar nas consequências ou sem reconhecê-las acabam por engravidar e ter uma nova perspectiva de vida, geralmente sem uma estrutura psicológica e financeira adequada para a criação e geração de uma nova vida e com o corpo em desenvolvimento.

De acordo com o entendimento das Diretrizes Curriculares: ensino fundamental (2015), recentemente a literatura infantojuvenil ainda era considerada secundária pelo adulto, onde era percebida como um brinquedo ou com a função de entretenimento. A literatura infantil sendo valorizada e vista como importante para a formação da consciência cultural é ainda recente. Dessa forma, passou-se a investir

na relação entre o texto literário e a realidade, sendo uma excelente forma de abordagem das situações e problemas relacionados ao ser humano e suas relações sociais.

Retomamos aqui para a discussão sobre a literatura abordando a questão no ensino e as publicações atuais. Em um dos livros selecionados para uso na sequência didática: “Mamãe, como eu nasci? – Educação sexual para crianças de autoria de Marcos Ribeiro (2011), o prefácio é feito pelo educador Paulo Freire, o qual lembra de como foi em sua infância falar de questões da sexualidade, ao mesmo tempo em que parabeniza o trabalho do autor e trata da importância da abordagem dessa temática.

[...] A geografia da coxa estava muito molhada de “pecado”. Minha geração podia falar livremente até o joelho. A de minha mãe tinha parado no tornozelo.

Com seu livro para criança, Marcos Ribeiro ajuda a história. Fala do corpo sem pudores falsos. Fala da boniteza do corpo, da gostosura do corpo. Fala de como o corpo se gera no corpo e nasce do corpo.

Livrinhos assim deveriam multiplicar-se. (FREIRE, 2011 apud RIBEIRO, 2011, p. 3)

Uma fala como está, não poderia ser diferente quando se trata de um educador que defende uma educação libertadora, em que se procura desenvolver nos educandos sua consciência crítica, baseada no diálogo. A situação que aqui observamos diz respeito ao histórico da Educação Sexual no Brasil, que segundo Batista (2008) existem muitas marcas entre os educadores, os quais abordam o tema de forma repressora, preconceituosa, repletos de mitos e tabus e com pouca ou nenhuma abertura para o diálogo, por consequência dos fatores sociais, formação pessoal e a interferência religiosa em nosso país.

Entendemos que com o uso do livro e da literatura infantojuvenil, será possível atingir as necessidades das crianças diante do assunto abordado. O uso da literatura apresenta vantagem, por ser um meio de acesso à criança, por meio do imaginário, atender as suas necessidades e saciar suas dúvidas. O uso de diferentes abordagens lúdicas já foram consideradas relevantes e defendidas em outras pesquisas, no entanto sem o enfoque da literatura:

Percebe-se que abordando a sexualidade com diferentes modalidades didáticas como jogos, sessões de filmes, discussões, o aluno se sente mais envolvido no processo, sendo protagonista da sua aprendizagem. A sexualidade ficou mais próxima da sua realidade e ele percebe que os

acontecimentos de sua vida são semelhantes aos dos colegas. Trabalhando a sexualidade na sala de aula tenta-se minimizar os “tabus” que geram muitas dúvidas, as crenças e mitos que os atormentam no dia a dia e proporciona-se a reconstrução de conceitos relacionados à sexualidade. (SOARES; CAETANO; SOARES, 2014, p. 8)

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a luta com maior ânimo destacada é sem dúvida voltada para ensino da leitura e da escrita. Como foi percebido na pesquisa de Nigro e Azevedo (2011), a importância dada ao Ensino de Ciências está em média inferior à voltada para Língua Portuguesa. Uma alternativa para essa problemática seria:

O uso dos livros paradidáticos na educação constitui uma riquíssima fonte de conhecimento e emoções. Os livros de literatura infantil exercem um papel instigante nas crianças. Por meio do lúdico, permite que elas se percebam como seres humanos, e criem seus próprios questionamentos a respeito de si mesmas e do mundo que as rodeia (FARIAS, 2007, p. 97).

Dessa forma, concordamos com o teórico consultado, José (2009), o qual acredita que o livro infantil pode ser entendido como um brinquedo, isto percebido no cuidado gráfico das ilustrações e na união da palavra com a arte. Sendo assim, pode proporcionar à criança um aprendizado rico, com a presença do lúdico, da imaginação e do faz de conta, respeitando a criança.

A literatura, em prosa ou verso, tem o poder de, brincando com a violência e com o medo banaliza-los. Faz a criança superar os medos através da musicalidade das palavras, do lirismo mais puro, da ternura mais doce e do lúdico mais brincalhão. Cantiga de ninar, trovas populares, trava-línguas, são poéticas que adoçam qualquer infância. (JOSÉ, 2009, p. 28)

A literatura apresenta-se um papel social de grande relevância, entende-se que através do livro, o sujeito pode realizar reflexões e é papel da escola dar subsídios para que o aluno possa vir a compreender a relação entre ensino e linguagem.

Tanto o funcionamento social da literatura quanto o da leitura não pode ser considerado um fenômeno unilateral e diretivo da produção de sentidos, mas um processo simbólico plural e reflexivo de compreensão da realidade. Na relação com o saber, ambos os processos operam sob os processos de significação, e, portanto, a escola como uma instituição produtora do conhecimento precisa promover reflexões acerca da relação de sentidos entre o ensino e a linguagem. (PALCHA; OLIVEIRA, 2014, p. 103)

Segundo Kirkchof, Bonin e Silveira (2013), a literatura de um modo geral já apresentou muitos estereótipos sobre as diferenças, fator que vem sendo mudado com a publicação de materiais de origem “própria”, como exemplos a literatura indígena redigida pelo índio e a literatura africana coletada dentro da cultura afro. Nos últimos anos, as diferenças seguindo a linha do “politicamente correto”, invadiram o universo da literatura infantojuvenil. Dessa forma, foram publicados vários materiais como forma de divulgação de informações, das regras morais e “receitas” de como agir com cada diferença em suas especificidades. Dentre essas diferenças, destacam-se os preconceitos de gênero, etnias, idade e deficiências.

Vale ainda destacar o papel do governo nesse trabalho com a literatura, que por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola¹⁴, inseriu, nos acervos de distribuição de livros para as escolas públicas, materiais específicos e de qualidade que abordam diferentes temáticas e diferentes gêneros textuais.

¹⁴ Para acesso ao acervo completo: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo são apresentadas as características da metodologia utilizada para a investigação e a resolução do problema de pesquisa. Ressalta-se que o projeto da pesquisa passou por avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e foi aprovado sobre o número CAAE:37973014.9.00000.5547 (Apêndice A).

3.1 DELINEAMENTO

Compreendeu-se que a metodologia que melhor se enquadra a essa investigação é a pesquisa aplicada de observação participante. Moreira e Caleffe (2008) afirmam que a pesquisa aplicada é frequentemente utilizada na pesquisa educacional, com o objetivo de resolver um problema ou, como nesta pesquisa, no desenvolvimento de um novo produto. Os autores também são referências em relação à observação participante, a qual consideram como uma prática que possibilita ao pesquisador fazer parte de um determinado grupo social, para assim compreender como é ser integrante deste grupo. Neste sentido, são realizados registros escritos dos eventos observados para melhor compreender a possível resolução do problema desta pesquisa, por meio da aplicação do produto desenvolvido.

Esses registros foram analisados sob as abordagens qualitativa e quantitativa. Segundo Moreira e Caleffe (2008, p. 73), essas abordagens podem ser realizadas em conjunto:

[...] a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação. [...] A pesquisa quantitativa, por outro lado, explora as características e situações de que dados numéricos podem ser obtidos e faz uso da mensuração e estatísticas. (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 73)

A investigação foi desenvolvida em três etapas, sendo elas:

- Etapa 1: levantamento da percepção dos educadores, aplicação de questionário (Apêndice B) aos professores da Rede Pública Municipal de Ensino da cidade de Ponta Grossa-PR, e análise dos dados e situações elencadas pelos educadores; Vale destacar que a primeira etapa constitui-se como uma forma de argumentação para corroborar a ideia de que os professores necessitam de formação e material de apoio para desenvolver a Educação Sexual, mas esta etapa não se constitui como foco principal do estudo.
- Etapa 2: elaboração de planos de intervenção, escolha de livros da literatura infantojuvenil e atividades, escolha da escola através de contato com a equipe da Secretaria Municipal de Educação, aplicação aos alunos para coleta de dados por meio do protocolo de observação participante (Apêndice C) e análise dos dados, e da abordagem realizada com os alunos;
- Etapa 3: desenvolvimento do produto – “Caderno de orientações ao Professor: a literatura infantojuvenil e a Educação Sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental”.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL ONDE SE REALIZOU A PESQUISA

Para a etapa 1 desta pesquisa, o local de realização pode ser descrito como: escolas da rede pública municipal de educação, que fazem parte da Secretaria Municipal de Educação (SME).

Já a etapa 2 da pesquisa foi aplicada em uma das escolas da rede pública municipal da cidade de Ponta Grossa, de escolha da equipe da Secretaria Municipal de Educação, localizada em um bairro mais afastado, carente e marcado pela violência na comunidade, e até mesmo contra o próprio prédio escolar. Durante o ano de 2015, a escola estava passando por reformas tanto do espaço físico, quanto do Projeto Político Pedagógico.

A escola funciona como um todo em período integral, atendendo a crianças do último período da Educação Infantil, até o 5º ano do Ensino Fundamental I. O atendimento ocorre no período das 7 horas e 45 minutos, até as 16 horas e 45 minutos.

O ensino na escola segue as indicações presentes nas Diretrizes Curriculares Municipais (PONTA GROSSA, 2015), o qual orienta que o trabalho nas escolas integrais seja organizado da seguinte forma:

Quadro 5: Organização estrutural – tempos de aprendizagem.

ESCOLAS DE TEMPO INTEGRAL –SME/PONTA GROSSA		
Ciclo	Cargas Horária	Atividades
1º Ciclo de Aprendizagem	16 horas	<ul style="list-style-type: none"> • Homem, meio ambiente e a sustentabilidade • Cidadania e diversidade cultural • Acompanhamento pedagógico • Linguagens • Corpo e movimento
	20 horas	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdos curriculares das áreas de conhecimento – Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Sociais e Conhecimentos Naturais.
2º Ciclo de Aprendizagem	20 horas	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdos curriculares da áreas de conhecimento de Língua Portuguesa, Matemática, Conhecimentos Sociais e Conhecimentos Naturais.
	16 horas	<ul style="list-style-type: none"> • Homem, meio ambiente e a sustentabilidade • Cidadania e diversidade cultural • Acompanhamento pedagógico • Linguagens • Ludicidade • Corpo e movimento

Fonte: Ponta Grossa, 2015, p. 21.

A escola em questão, no entanto, seguia o modelo destinado ao 2º Ciclo de aprendizagem apresentado no quadro 5, onde se desenvolviam os conteúdos curriculares com todas as turmas dos dois ciclos de aprendizagem no período matutino, e desenvolviam-se projetos voltados às demais temáticas no período vespertino. O estudo foi realizado pela pesquisadora nesse segundo momento.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Para a etapa 1 da investigação, o grupo pesquisado foi de 144 educadores atuantes como professores ou em alguns casos como pedagogos, nos 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental I. Sendo um grupo composto por diferentes formações acadêmicas: licenciatura em pedagogia, educação física, história, letras, geografia, matemática, normal superior e até serviço social.

Para a etapa 2 desta investigação, o grupo pesquisado foi de educandos dos 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I. Como esta etapa da investigação aconteceu com crianças, só participaram da pesquisa aquelas cujos pais ou responsável legal permitiram sua participação nas atividades desenvolvidas pela pesquisadora, por meio da assinatura do TCLE (Apêndice D) e TCUISV (Apêndice E). Os grupos foram assim formados:

- 3º ano (crianças com oito anos completados durante o ano), das duas turmas de 29 e 30 alunos, formou-se um grupo com 27 crianças, sendo elas 13 meninas e 14 meninos;
- 4º ano (crianças com nove anos completados durante o ano), das duas turmas de 22 e 30 alunos, formou-se um grupo com 16 crianças, sendo elas 10 meninas e 6 meninos;
- 5º ano (crianças com 10 anos completados durante o ano), das duas turmas de 24 e 24 alunos, formou-se um grupo com 28 crianças, sendo elas 15 meninas e 9 meninos;

3.4 PERÍODO DE EXECUÇÃO

A aplicação dos questionários, referente à etapa 1, ocorreu no período de março de 2015 a abril de 2015.

A realização da pesquisa em campo, referente à etapa 2, ocorreu no segundo semestre de 2015, em um período de duas semanas, no período vespertino que é destinado a projetos nas escolas de período integral na cidade.

3.4.1 Contato Inicial com a Escola

Antes de passar à etapa 2, a pesquisadora, em um primeiro momento, retomou o contato com a equipe da Secretaria Municipal de Educação, que já estava colaborando com a pesquisa, para apresentar os livros que seriam trabalhados com as crianças e para que decidisse qual era a escola em que gostaria que fosse desenvolvida a pesquisa, já que se tinha optado por não desenvolver na escola em que a pesquisadora trabalha, pois neste ambiente haveria alguns pontos que poderiam vir a interferir no processo de pesquisa.

A equipe fez uma análise dos livros, e solicitou a substituição do livro “Mamãe como eu nasci? - Educação Sexual para crianças” de autoria de Marcos Ribeiro, que seria trabalhado com o grupo dos 5º anos, destacando que o conteúdo do livro era muito importante, mas devido algumas imagens, pudesse gerar conflito com os pais. O livro foi substituído pelo livro “De onde viemos? – Explicando às crianças os fatos da vida, sem absurdos” de autoria de Peter Mayle e Arthur Robins, que já seria trabalhado com os 4º anos, e foi estendido então ao grupo dos 5º anos com maior aprofundamento no conteúdo.

Passados contatos da escola, a pesquisadora então contatou a escola, que já havia sido informada pela equipe da Secretária do trabalho o que seria feito, para organização das datas a serem realizadas as reuniões com os pais, e o trabalho com os alunos. A equipe pedagógica da escola, pedagoga e diretora, foram muito compreensivas com essa etapa da pesquisa.

3.4.2 Contatos com os Pais

Devido à temática do projeto ter gerado muitas discussões nos últimos tempos, e a pesquisa ser realizada com crianças pequenas, foi necessário realizar reuniões com os responsáveis para que autorizassem ou não a participação das crianças no projeto.

Buscou-se, nas reuniões, apresentar a pesquisa, a importância de se desenvolver a Educação Sexual com as crianças, destacando nesse ponto as diversas formas de violências que podem vir a ser prevenidas se a criança

reconhece o seu corpo, suas partes e funções, bem como as diferenças entre as pessoas. Ressaltando que é um conteúdo que faz parte do currículo escolar.

As reuniões ocorreram em três dias da semana, organizadas juntamente com a equipe pedagógica para que melhor atendessem aos responsáveis:

- Quarta-feira (04 de novembro de 2015): alunos do 3º ano;
- Quinta-feira (05 de novembro de 2015): alunos do 4º ano;
- Sexta-feira (06 de novembro de 2015): alunos do 5º ano.

Como a presença dos pais na escola é um desafio para todas as escolas, apesar do cronograma preestabelecido, permitimos que os responsáveis estivessem presentes no horário mais conveniente aos seus horários de trabalho, com isso tivemos uma mescla de todas as turmas em todos os três dias.

No primeiro dia de reunião, apenas 30 pais dos 59 convidados compareceram à reunião para os devidos esclarecimentos sobre as atividades a serem desenvolvidas. Todos os presentes analisaram os livros a serem utilizados. Não houve questionamentos maiores, apenas se o que se estava propondo seria realizado na própria escola e em período de aula. Dos pais presentes, apenas 14 assinaram os documentos, dos quais 2 que eram professoras na própria escola. Um dos responsáveis solicitou auxílio na assinatura dos documentos por não saber ler apenas escrever o nome. Tanto a pesquisadora quanto a equipe gestora da escola percebeu que a grande quantidade de documentos a serem assinados possa ter intimidado aos responsáveis. A pedagoga da escola comentou que as crianças cujos responsáveis que não assinaram, são as que mais necessitam de reflexões e orientações sobre a Educação Sexual.

No segundo dia de reunião, todos os responsáveis presentes assinaram, sendo que uma parte era do 3º ano, e a outra do 4º ano. Houve questionamentos sobre o que seria tratado sobre as questões de gênero, se seria abordado que eles podem ser o que quiser (preocupação dos pais com a homossexualidade). Foram esclarecidos pela pesquisadora destacando-se que, nessa situação específica, seria tratado sobre respeito e que meninos e meninas podem fazer as mesmas atividades.

No terceiro dia de reunião, dois pais não assinaram a autorização. Outros dois pais questionaram sobre o livro “Mamãe botou um ovo!” perguntando se as crianças não desenvolveriam maior interesse no assunto através das imagens apresentadas pelo livro. A pesquisadora esclareceu que são cenas presentes em filmes e

programas de televisão, e que eles têm acesso fácil a esse tipo de imagens, mas que nesse projeto eles não teriam apenas acesso às imagens e haveria diálogo para a orientação sobre o assunto.

A mãe que questionou não assinou, porém o pai assinou e afirmou: “Ela vai aprender tudo isso de qualquer forma, melhor que aprenda antes na escola do que na rua”. A responsável que realizou o questionamento passou o restante do tempo que passamos com os pais lendo os livros apresentados, ao final da reunião veio até a pesquisadora e disse: “Não quero que me entenda mal, mas eu tenho trabalhado com meus filhos em casa. Esses dias até pedi para a pedagoga um livro sobre o assunto. Porque esses dias um menino perguntou para o meu filho se ele já tinha contado para o pai que era gay, e ele ficou muito nervoso.” Acabou relatando que fez uma explicação em casa, de que homossexual não pode existir porquê de acordo com o entendimento dela o corpo não permite, reafirmando o posicionamento da pedagoga de que aqueles que não participaram talvez fossem os que mais precisassem de Educação Sexual.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os instrumentos de coleta de dados foram questionários cujos resultados foram quantitativos sobre determinados assuntos, assim como também resultaram dados qualitativos por meio da análise do discurso e das observações realizadas durante a observação participante realizada.

O pesquisador qualitativo chega ao estágio da análise formal após ter passado por um processo de análise informal, que deve ter proporcionado ao pesquisador algumas ideias e linhas gerais de questionamento para dar prosseguimento à pesquisa. No processo mais formal da análise o pesquisador deve usar uma abordagem indutiva – os dados são explorados em termos de unidades de significado. O pesquisador qualitativo busca padrões, temas, consistências e exceções. (MOREIRA; CALLEFE, 2008, p. 220)

Os dados quantitativos da pesquisa foram obtidos por meio da análise de questionários aplicados aos professores da rede pública municipal de Ponta Grossa. Já a coleta de dados qualitativos, foi obtida através das observações e registros

realizados pela pesquisadora em protocolo de observação, além do registro das atividades.

3.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a metodologia de pesquisa da etapa 1, foi feita aplicação de questionário aos professores de 3º (terceiro), 4º (quarto) e 5º (quinto) ano da Rede Municipal de Ensino de Ponta Grossa (APÊNDICE B). Esta proposta inicial teve por objetivo, compreender como esses educadores percebem a Educação Sexual e a Sexualidade de seus alunos nos últimos anos do Ensino Fundamental I. A fala desses professores será representada pela letra (P), seguida de um número demarcado na tabulação dos dados e podendo ser do 1 ao 144.

Na realização da coleta de dados dessa etapa 1, foram distribuídos 250 TCLE, juntamente com os 250 questionários, com o auxílio da equipe da Secretaria Municipal de Educação, a qual repassou as informações à equipe pedagógica de todas as escolas. Retornaram com a intenção de participar efetivamente da pesquisa 144 questionários.

Foi elaborado um protocolo de observação (APÊNDICE D) para coleta de dados na etapa 2, baseado em Moreira e Caleffe (2008), para registros e posterior análise dos encontros realizados com os alunos. “O objetivo da análise de dados obtidos na observação participante é passar dos relatos do que as pessoas fazem e dizem para explanações de como e por que fazem o que fazem e dizem o que dizem (HITCHCOCK; HUGHES, 1995, p. 139-143, apud MOREIRA; CALLEFE, 2008, p. 221). As falas dos alunos foram identificadas pela letra (A), seguida do número e podendo ele ser do 1 ao 71.

3.7 CRITÉRIOS DE ANÁLISES DOS DADOS

Esta seção visa elencar os elementos que serão analisados nesta pesquisa. A fim de compreender melhor os critérios de análises de dados, apresenta-se um quadro com as especificações de cada etapa da pesquisa:

Quadro 6: Critérios de análise dos dados.

ETAPA	CRITÉRIOS PARA ANÁLISE
Etapa 1	<ul style="list-style-type: none"> • Concepção da sexualidade nas escolas por meio da fala dos educadores; • Tabus e proibições; • Comunicação aos órgãos competentes.
Etapa 2	<p>Educação Sexual:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de crianças sexualmente saudáveis¹⁵; • Princípios de Educação Sexual pautada na diferença¹⁶. <p>Alfabetização Científica (Karsilchik e Marandino, 2007):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nominal; • Funcional; • Estrutural; • Multidimensional. <p>Contribuição da literatura:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Utilização da linguagem da criança para o ensino de ciências; • O lúdico presente na literatura, como forma de acesso a conteúdos entendidos como complexos.

Fonte: a autora (2016).

Se o pesquisador não elaborou as categorias previamente, é muito importante que ele perceba os dados como um todo e somente após essa percepção desenvolva categorias [...] (MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 87). Assim, os critérios de análise surgiram a partir dos dados da investigação, o que se compreende como pertinente tanto nas pesquisas com aplicação de questionários, quanto nas com protocolos de observação participante.

¹⁵ Quadro 1: sexualidade saudáveis.

¹⁶ Quadro 2: princípios para uma Educação Sexual na Escola de respeito às diferenças.

3.8 O PRODUTO

Foi desenvolvido como produto resultado deste trabalho de investigação um **CADERNO DE ORIENTAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL COM ABORDAGENS CIENTÍFICAS E O AUXÍLIO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL.**

O caderno foi organizado da seguinte forma: em um primeiro momento foram esclarecidas algumas terminologias e dadas orientações para que o professor se aprofunde nesses conhecimentos; em seguida, foram apresentadas algumas questões que justificam o trabalho possibilitando ao professor um momento de reflexão sobre o assunto; em sequência foram elencadas algumas possibilidades do uso da literatura infantojuvenil no trabalho a ser realizado pelo professor, subdividido nas seguintes categorias:

1. Conhecendo o corpo
2. Desenvolvimento do corpo
3. Cuidados com o corpo e higiene
4. Família: as formações familiares são inúmeras e devem ser todas reconhecidas
5. Gênero /Orientação Sexual/ Diversidade
6. Abuso sexual infantil
7. Como são feitos os bebês
8. Gravidez na adolescência
9. Sexualidade

Ao final do Caderno essas categorias voltam a aparecer no acervo de livros selecionados. No Caderno, além dos livros, são feitas indicações de filmes, documentários, músicas entre outros materiais para abordar a temática.

4. RESULTADOS E ANÁLISES DOS DADOS

4.1 UMA BREVE ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS RELACIONADOS À PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA

Nesta seção, será apresentada uma breve análise da percepção dos educadores da rede pública municipal da cidade de Ponta Grossa, destacando principalmente as experiências e vivências dos educadores com situações ligadas à sexualidade da criança que se encontra no Ensino Fundamental I (regular) e as resoluções ou atitudes tomadas diante da situação. A intenção dessa sessão é que sirva de argumento para discutir a visão dos educadores sobre a Educação Sexual para, na segunda etapa, fundamentar as ações pedagógicas e atividades a serem desenvolvidas com os alunos.

O primeiro item do questionário diz respeito à formação inicial do professor, dentre os professores pesquisados não foram declaradas formações específicas de Ciências. O maior número de licenciados foi em Pedagogia, seguido pelo curso de Letras, Normal Superior, História, Matemática, Educação Física, Geografia. Um dos cursos declarados não é das licenciaturas: Bacharelado em Serviço Social.

Ainda em relação à formação, 72% possuem especialização, mas 27% não possuem. Já quando questionados sobre o mestrado, os números se invertem, e 84% dos pesquisados declaram não possuir.

Quando questionados se durante a graduação participaram de alguma formação específica na área de Ciências, 60% declararam que sim e 38% declararam não ter. Quando questionados sobre a formação inicial ser suficiente para o desenvolvimento da prática dentro da sala de aula, 78% dos pesquisados fizeram declaração negativa. Dos educadores pesquisados, 80% declararam lecionar a disciplina de ciências.

Reconhecer que o grupo pesquisado apesar de não possuir formação específica na área de Ciências leciona a disciplina, faz com que se reflita sobre a importância de se preocupar com a formação continuada desses profissionais de modo que eles possam desenvolver esse trabalho com qualidade efetiva.

A partir do questionamento a respeito do desenvolvimento da Educação Sexual em sala de aula, obteve-se 47% das respostas afirmativas, 52% negativa e

1% não declarou. Sobre essa resposta, no entanto, dos 47% que afirmaram desenvolver a Educação Sexual na escola, 54,72% declararam desenvolver apenas nos 5º anos, quando interpretam ser o momento que está presente o conteúdo na grade curricular, destacando que o trabalho acontece tratando do sistema reprodutor.

O questionamento seguinte: “5. Já vivenciou alguma situação na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamentos, atitudes ou falas dos alunos)?”, resultou em 69% dos sujeitos pesquisados afirmando ter vivenciado casos na escola. Destacam-se dentre esses casos: questionamentos; beijos entre alunos; alunos que se sondam no banheiro; relatos de cenas sexuais em novelas; bilhetes com desenhos e frases sexuais; relatos de pais ou familiares homossexuais; masturbação em sala de aula; mostrar o órgão genital para os colegas.

O último questionamento feito diz respeito às atitudes tomadas frente à situação presenciada e citada na questão anterior. Sobre essa questão, muitas das respostas se apresentaram com argumentos genéricos, onde afirmaram que a ação tomada foi tratar a situação naturalmente. Afirmou-se, de modo geral, utilizar-se do diálogo, com as crianças, com os pais, e quando necessário comunicado ao conselho tutelar.

A preocupação, neste caso, não é com respostas com argumentos genéricos, mas as seguintes colocações, ao responder aos questionamentos apresentados no quadro a seguir:

Quadro 7: Concepção dos professores frente às expressões de sexualidade nas escolas 1.

	“5. Já vivenciou alguma situação na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamentos, atitudes ou falas dos alunos)?”	“6. Quais foram as atitudes tomadas frente à situação citada?”
P 12	Sim / Os alunos falam sobre sexualidade, comentam sobre cenas de novelas e filmes, até coisas em que relatam coisas relacionadas a sexualidades de suas famílias. Essas situações sempre causam constrangimento e dificuldades de se entrar num consenso entre os alunos e a família dos mesmos.	Conversar com os alunos e geralmente se proíbe que eles falem no assunto e procura-se evitar envolver os pais. Eles somente serão chamados se a situação for mais séria.

Fonte: autoria própria, dados da investigação (2016).

Quando acontece a proibição, como na fala: “geralmente se proíbe que eles falem no assunto”, o que ocorre e é desconsiderado muitas vezes pela escola e seus educadores nessas situações é uma Educação Sexual *informal*. Entendendo que todas as pessoas influenciam a criança, “por meio das atitudes, falas, comentários, olhares, gestos, silêncio, enfim, de todo comportamento verbal e não verbal. Todas essas ações não planejadas, [...], constituem, pois, a Educação Sexual informal.” (FIGUEIRÓ, 2013, p. 20). No entanto, quando tratada como proibição, ela não permite o diálogo necessário na Educação Sexual, que possibilitaria “transmitir à criança informações biológicas corretas sobre a sexualidade, ao mesmo tempo em que acentua o conceito do sexo ligado ao bonito, ao afeto, ao respeito mútuo, à responsabilidade e ao prazer.” (SUPLICY, 1983, p. 49)

Quando o educador proíbe que a criança fale no assunto, ela irá tratar do assunto como algo proibido, não irá procurar tirar dúvidas, ou até mesmo contar por possíveis situações de violência que possa estar passando, já que é um assunto que não deve ser tratado, um assunto proibido. Essa atitude talvez seja uma das piores para resolver uma situação assim. Só afastará a criança de uma pessoa que poderia orientá-la corretamente. Outra questão importante nesta fala é o fato de procurar não envolver os pais na situação, demonstrando a grande barreira criada na relação família-escola em se tratando desse assunto.

Ainda sobre esse aspecto, a Revista Nova escola trata da negação da Educação Sexual, pautado no discurso de “inadequação do tema”, trazendo a seguinte reflexão: **“será que o educador não está deixando de ser um elemento transformador para se tornar um instrumento de atrofia pessoal e social?”** (VILELA¹⁷, 2014). Assim, devemos nós professores pesquisadores refletir sobre essa situação destacada.

¹⁷ Maria Helena Vilela, diretora executiva do Instituto Kaplan onde coordena a área de Educação Sexual.

Fica claro na resposta apresentada a seguir, a importância de se tratar do assunto de forma oposta a relatada pelo P12:

Quadro 8: Concepção dos professores frente as expressões de sexualidade nas escolas 2.

	“5. Já vivenciou alguma situação na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamentos, atitudes ou falas dos alunos)?”	“6. Quais foram as atitudes tomadas frente à situação citada?”
P 58	Sim / Meninos que contaram o que faziam, fora da escola, um com o outro, além de ter adulto envolvido na situação. Como tratava o conteúdo com naturalidade, passei confiança para que os mesmos pudessem contar o que estava acontecendo. Tudo foi repassado a órgãos competentes que tomaram providências.	Como já disse anteriormente, repassei a órgãos competentes que tomaram as devidas providências.

Fonte: Autoria própria – dados da investigação (2016).

O educando somente contou a situação que passava, possivelmente porque o educador transmitia segurança, e conversava sobre o assunto. Os órgãos responsáveis devem ser informados, e, como muitas vezes a criança não sabe como e a quem recorrer, a escola e seus professores que passam grande parte do tempo com as crianças são grandes responsáveis como uma ponte de acesso, tanto através de denúncias como quando observam possíveis atitudes suspeitas das crianças, como em falas onde relatam realmente o que acontece a elas, como foi o caso da P58.

Esse ponto destacado retoma a ideia de que: é preciso compreender que não é uma realidade a denúncia, pois a criança quando se sente ameaçada pela violência, podem não falar por medo da violência contra si ou contra alguém que amam, por medo da censura e/ou têm medo da ruptura da família (BRAUN, 2002).

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2012) destaca também, que o abuso sexual ocorre diariamente com milhares de crianças e adolescentes. Considera-se a denúncia como forma de visibilidade, o que possibilita a busca por ações de prevenção e proteção. Defende-se ainda a importância do assunto ser debatido nas escolas, comunidades, família, serviços de saúde e demais setores da sociedade de forma constante e incansável.

A Unicef apresenta algumas possibilidades de órgãos aos quais pode-se recorrer em casos de suspeita de violência sexual contra a criança e adolescente:

- Conselhos Tutelares;
- Varas da Infância e da Juventude;
- Delegacias de proteção à criança e ao adolescente e as Delegacias da Mulher;
- Disque 100 (Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual contra crianças e adolescentes).

Outro discurso comum entre as pessoas pode ser observado na fala a seguir:

Quadro 9: Concepção dos professores frente as expressões de sexualidade nas escolas 3.

	“5. Já vivenciou alguma situação na escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamentos, atitudes ou falas dos alunos)?”	“6. Quais foram as atitudes tomadas frente à situação citada?”
P 90	Sim / Essas situações ocorrem de diversas formas independente da idade, principalmente os alunos que apresentam uma situação financeira precária, ou com alunos que a família desestruturada, com históricos de situações de prostituição, uso de drogas, tráfico, detenção.	Conversas individuais. Conversas com a turma. Comunicado aos pais ou responsáveis. Leitura de livros ou textos com o tema discutido, levando a perceber o lado positivo.

Fonte: Autoria própria – dados da investigação (2016).

Ao destacar a fala: “principalmente os alunos que apresentam uma situação financeira precária”, comete-se um erro que pode ser percebido com frequência nas falas das pessoas. No entanto, acreditar que a sexualidade se aflora mais em situações financeiras inferiores, é um erro muito comum, e acaba muitas vezes sendo um problema, pois se acredita que os que se encontram em situação financeira melhor estejam “protegidos” e não correm riscos relacionados à sua intimidade.

Trata-se de um fenômeno mundial, que não está associado apenas à pobreza e à miséria. Ao contrário do que muita gente imagina, a exploração sexual atinge todas as classes sociais e está ligada também a aspectos culturais, como as relações desiguais entre homens e mulheres, adultos e crianças, brancos e negros, ricos e pobres. Ao avaliar esse fenômeno, é preciso considerar ainda fatores como a dimensão territorial do Brasil e a densidade demográfica, pois a situação se apresenta de diversas maneiras em cada região. (FIGUEIREDO, 2006, p. 55)

Dos 144 participantes dessa etapa 1 da investigação, 44 declararam não ter vivenciado alguma situação envolvendo questões de sexualidade. Dentre elas, uma ainda declarou: P 109 “Não. Nada que mereça grande destaque.”. As respostas negativas apresentadas nos mostram a falta da compreensão dos educadores diante das questões que envolvem a sexualidade, e em entender que “[...] a Educação Sexual ocorre desde que a criança nasce, através de todas as ações que presencia ou a que é sujeita, mesmo que os pais ou outros não tenham consciência de que estejam educando.” (SUPLICY, 1983, p. 48)

As 100 restantes afirmaram ter vivenciado e descreveram a situação. Nas descrições apareceram: falam de “palavrões”, questionamentos, ilustrações, beijos, comentários de filmes ou novelas, exibição e toques das partes íntimas próprias e dos colegas, piadas, namoros, bilhetes obscenos, falta de conhecimento do próprio corpo, comentários da gestação na família, alunos especiais que apresentam a libido acentuada, masturbação em sala de aula, pais em relação homoafetiva, relatos de atividades sexuais (abuso) na família ou fora da escola, a própria polêmica que deu origem a essa investigação (Livro: “Meus Dois Pais”), meninos e meninas tentando ir ao banheiro do outro, meninas taxadas de masculinas por terem comportamento socialmente caracterizado como dos meninos, aluno que pensava como menina e não queria usar cueca era constantemente agredido verbalmente pelos colegas, alunas se prostituindo com o consentimento da família.

As atitudes tomadas diante da situação se destacaram as falas: conversas para orientação, conversas sérias, conversas isoladas, proibição do assunto, repressão dos envolvidos, encaminhados a equipe gestora, conversa com os pais, comunicação aos órgãos competentes. Palavras que estiveram presentes entre muitas das falas: naturalidade, naturalmente, natural, utilizadas de forma genérica para tratar do assunto.

Enfim, esses foram alguns dos pontos relevantes abordados na resolução dos questionários e serviram de suporte para nortear a elaboração do Caderno de Orientação ao Professor, que foi desenvolvido como resultado desta pesquisa.

4.2 EDUCAÇÃO SEXUAL: ANÁLISE DE UMA ABORDAGEM DE ENSINO COM O USO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL PARA A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA NA EDUCAÇÃO SEXUAL

4.2.1 Aplicações ao Grupo do 3º ano do Ensino Fundamental

Para o trabalho realizado com o 3º ano, iniciou-se com a apresentação da pesquisadora e da temática a ser estudada durante as explicações, o que já havia sido realizado pelos professores, equipe pedagógica e pelos próprios pais que ao autorizarem a participação dos filhos, comunicaram a eles o que seria realizado.

O grupo participante nesta etapa foi composto por 27 crianças.

Para o primeiro dia de trabalho foi escolhido o livro “**Xii! Meu corpo está crescendo!**”, de Graciela Repún. Buscou-se, ao desenvolver as atividades e reflexões, atingir os seguintes conteúdos: ser humano e saúde, conhecimento do corpo, percepção do ambiente, órgãos dos sentidos (sistema sensorial), ciclo de vida e as diferenças no corpo das pessoas.

Entendendo que o sistema sensorial é um dos primeiros conhecimentos sistematizados e desenvolvidos pelas escolas, que estão relacionados ao conhecimento do corpo, o livro traz esse conhecimento de forma muito mais simplificada. No entanto, durante a leitura da história, as crianças foram transformando os conceitos do quadro apresentado no livro “Para que serve o...?”:

Figura 3: “Para que serve o...?”



Fonte: REPÚM, Graciela. **Xiii! Meu corpo está crescendo!** 1ed. São Paulo: Planeta, 2012.

Simultaneamente à leitura, os conceitos foram transformados, do lúdico apresentado no livro para terminologias científicas:

- Nariz – olfato;
- Língua – paladar;
- Mãos e pés – Tato (Destacado que todo o nosso corpo tem esse sentido e não apenas as mãos e os pés, que podemos sentir o toque frio de uma pedra de gelo que toque a nossa barriga, por exemplo, e assim com o restante do nosso corpo);
- Orelhas - audição;
- Olhos – visão.

A terminologia “Sistema Sensorial” foi apresentada aos alunos como algo novo, pois quando trabalhado anteriormente com eles pela professora da turma, foi utilizado apenas os órgãos do sentido. Por ser conteúdo que é trabalhado de forma sistematizada nas escolas desde a Educação Infantil, percebeu-se na interação e fala dos alunos que “o estudante tem uma compreensão integrada do significado dos conceitos aprendidos” (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 23-24), ou seja, sobre

esse assunto específico o educando demonstrou atingir ao estágio Multidimensional da AC.

Figura 4: Atividade “Sistema Sensorial”.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Quando analisada a figura 4, que foi a atividade desenvolvida como registro do conteúdo trabalhado, se considerado apenas o registro sem os posicionamentos dos alunos durante a realização da atividade, se reconhece apenas o desenvolvimento da AC funcional (KRASILCK; MARANDINO, 2007). O educando, nesta situação, apenas busca fazer a classificação completando a atividade sem, no entanto, refletir sobre o que está fazendo, onde, por exemplo, questiona-se se é apenas o paladar que pode ser utilizado quando apresentada a figura do bolinho.

Além dessa primeira parte, o livro aborda também as fases da vida e as diferenças nas características físicas e de personalidade das pessoas. Nesse ponto, foi proposto que os alunos procurassem em revistas fotos que representassem as fases da vida, analisando as diferenças e as mudanças que ocorrem de uma para a outra.

Foi elaborado o desenho do contorno de uma das crianças, completado pelas figuras que haviam selecionado. Também foi elaborada pelas crianças a seguinte

frase que representaria a discussão e elaboração do cartaz: “Somos todos iguais mesmo sendo diferentes” conforme se pode observar na figura 05:

Figura 5: Somos todos iguais mesmo sendo diferentes.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Nessa proposta, além de trabalhar o corpo, desenvolveram-se atitudes de respeito às diferenças, buscando atender ao “Princípio 8: A Educação Sexual pode discutir valores como respeito, solidariedade, direitos humanos.” (FURLANI, 2013, p. 67-70). Além disso, o desenvolvimento de crianças sexualmente saudáveis: “... aquelas que se sentem bem com seus corpos” (HAFFNER, 2005, p.20 apud FURLANI, 2011, p. 65). Pontos atingidos nesta proposta e percebidos no decorrer do desenvolvimento da atividade e principalmente na construção da frase “Somos todos iguais mesmo sendo diferentes” título do cartaz, que foi elaborado pelos alunos da turma.

Percebeu-se, nas construções das crianças, que toda a abordagem feita durante esse dia, já vem sendo trabalhada pela escola. No entanto, vale ressaltar que principalmente a segunda parte, quando se discutiu a diversidade, deve-se sempre reforçá-la, pois aborda o respeito com o seu corpo e com o do outro.

As crianças ainda questionaram, ao final deste dia, se a pesquisadora não iria falar da educação sexual. Retomamos aqui aos princípios elaborados por Furlani (2013), em que no “Princípio 2: As manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da reprodução e o princípio 3: A descoberta corporal é expressão da sexualidade.” (FURLANI, 2011, p. 67-70). Demonstra-se, com o questionamento feito, que mesmo os mais novos têm a noção geral de que o que envolve a sexualidade é basicamente o ato sexual.

O segundo dia foi escolhido para tratar dos conteúdos seguintes: cuidados com o corpo e higiene; modos de transmissão e prevenção de doenças contagiosas; aspectos importantes para a prevenção da saúde, higiene pessoal e ambiental. Para isso, foi escolhido o livro “**Sai sujeira! – cuidados com o corpo e higiene**” escrito pelos autores Mick Manning e Brita Granstrom.

A leitura do livro é simples e convida seus ouvintes a interagir com a história, onde a cada trecho, e a cada parte do corpo que é realizada a higiene e finaliza-se com a frase: “Sai, sujeira!” e a partir da terceira repetição a leitora foi acompanhada neste dia pelos ouvintes. A proposta realizada, tendo esse retorno, retoma a questão do livro de literatura visto como um “brinquedo”, onde “os livros de literatura infantil exercem um papel instigante nas crianças” (FARIAS, 2007, p. 97).

Durante a contação da história, um dos alunos da turma deu risada quando usado o termo “bumbum”. Essa é uma situação comum em sala de aula e ainda mais quando trabalhado o corpo, demonstrando o tabu relacionado ao assunto, já

que utilizar um termo que tem por intenção social “minimizar” outro termo tratado pelas crianças como “palavrão” para designar a zona das nádegas: bunda, ainda gera situações assim.

Para minimizar uma situação como essa, faz-se necessário dar continuidade ao trabalho proposto sem, no entanto focalizar na situação do riso. A situação faz parte pela construção e caracterização social do tema, mas se o educador, no entanto, demonstra firmeza e segurança no trabalho realizado, a discussão do tema irá fluir normalmente.

Foi realizado com esse grupo, um bingo dos termos que apareceram no livro: micróbios, glândulas, infecção, parasitas, placa bacteriana, tênia, território, oxiúros, piolho, lêmnea. Os termos foram escritos no quadro e as crianças receberam um papel que foi dobrado de modo a ficar dividido em nove partes, e assim cada criança deveria preencher cada uma delas com um dos termos citados. Diferente de um bingo de numerais nessa atividade são cantadas as definições de cada um dos termos e a criança tem que marcar o termo correto.

Destaca-se aqui que quando o aluno põe em prática as questões de higiene pessoal está demonstrando a AC prática, onde se “permite que o indivíduo esteja apto a resolver, de forma imediata, problemas básicos, relacionados ao seu dia-a-dia” (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007, p. 24). Já a apresentação e uso dos termos apresentados no livro pode ser reconhecida no estágio de aplicação da AC definida por Krasilchik e Marandino (2007) como nominal: o educando reconhece o vocabulário científico; e funcional: realiza a definição dos termos de forma simples.

Não se apresentaram dificuldades de compreensão desses conteúdos. No entanto, entende-se que apenas com os registros não se tem a certeza de que isso realmente se efetivou, pois serão suas ações e atitudes futuras nas práticas sociais que irão demonstrar essa efetivação.

O terceiro dia foi destinado aos seguintes conteúdos: autoconhecimento; reconhecimento de si próprio como membro de vários grupos (famílias, étnico-cultural, escolar, vizinhança, religioso, recreativo, etc.); grupo de convivência família, o grupo com o qual o aluno vive (família), diferentes tipos de família (composição), importância de pertencer a uma família, atividades individuais e coletivas (rotina familiar), os usos e costumes da família, o desenho da casa e da rua. Para o desenvolvimento desses pontos, foi utilizado como suporte “**O livro da família**” de autoria de Toddy Parr.

Após a leitura da história, solicitou-se que os alunos retratassem por meio de desenhos sua família, e destacasse cinco palavras que representassem família para elas.

Figura 6: Família formada por mãe, padrasto e criança.



Fonte: Autoria própria – dados da investigação (2016).

Considerou-se nessa atividade o desenvolvimento da criança sexualmente saudável: “Que respeitam os membros da família e outras crianças” (HAFFNER, 2005, p. 20 apud FURLANI, 2011, p. 65). A percepção desse desenvolvimento acontece quando, ao se apresentarem as diferentes formações presentes no próprio grupo social no qual está incluída, a criança passa a reconhecer a estrutura familiar muito além da formação: pai, mãe e filhos; e assim reconhece que, independente da formação que tem, família é amor, carinho, um pouco de briga às vezes, entre tantas outras definições apresentadas pelos próprios alunos.

O livro escolhido para o quarto dia de projeto foi o “**Tudo bem ser diferente**”, autoria de Toddy Parr. Buscou-se através dele atingir aos seguintes conteúdos: temas transversais, ética, pluralidade cultural, valores e atitudes e convívio escolar.

A história trata das diferenças, fazendo brincadeiras com características como

a cor da pele, ou alguma deficiência utilizando de uma ilustração minimalista que brinca com as cores com personagens humanos e também animais.

O autor do livro afirma que: “Tudo bem ser diferente. Você é especial e importante apenas por ser como você é.” (TODDY PARR, 2009, p. 30)

Discutiu-se sobre as diferenças, enfocou-se que todas as pessoas são diferentes. A pesquisadora escreveu no quadro “tudo bem menino” e “tudo bem menina”, e assim eles foram citando as atitudes e atividades que consideravam ser de um ou do outro grupo.

Quadro 10: Tudo bem ser diferente.

“TUDO BEM MENINO”	“TUDO BEM MENINA”
Jogar bola	Brincar de boneca
Brincar de carrinho	Passar maquiagem
Brigar	Lápis da Barbie
Fazer bagunça	Pular corda

Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Após a elaboração do quadro 10, primeiramente foi explorado cada item citado e indagado se as meninas não realizavam essas atividades também. Jogar bola é uma atividade que as meninas também podem fazer sem problema e nesse ponto a professora pesquisadora e pesquisadora regente comentam com os alunos que jogavam futebol quando mais novas e que não tinha mal nenhum nisso. Com relação às brincadeiras, foi enfatizado com os alunos que, quando uma criança brinca, ela está reproduzindo atividades realizadas por adultos e, de certa forma treinando para realizá-las futuramente, como dirigir um carro e cuidar dos filhos. Ou seja, são atividades que tanto os homens como as mulheres fazem e podem ser percebidas dentro de casa na relação familiar, e também na escola, onde os professores, em grande maioria mulheres, dirigem seus carros.

Com relação à ação de brigar, citada pelas crianças, foi destacado pela pesquisadora ser uma ação que não deve representar ou estar ligada a nenhuma pessoa, independente do gênero, que violência não é algo bom. Discutindo então a diferença entre briga e as várias modalidades de luta esportiva, que tanto meninas quanto meninos podem praticar.

A maquiagem também não precisa ser considerada uma atividade apenas direcionada as meninas, para deixar mais claro para os alunos, foi explorado o período da adolescência quando são muito comuns as espinhas e assim alguns meninos e meninas tentam esconder as marquinhas utilizando maquiagem. Além disso, foi tratada da maquiagem artística observando-se que no teatro, no cinema, ou na televisão existem diferentes tipos de maquiagens. Percebeu-se pelos olhares, que a questão da maquiagem se apresentou com maior barreira de aceitação.

E ainda o pular corda como uma excelente atividade física independente de ser menino ou menina, e por fim o lápis da Barbie ou de qualquer personagem é questão de gosto, e a gente pode gostar do que a gente quiser.

Nesse ponto foi proposto às crianças pensar em algo que completasse a frase: “Tudo bem ser...”. Sendo assim, algumas crianças fizeram reproduções daquilo que foi discutido em sala como nos desenhos abaixo:

Figura 7: Meninas brincando de carrinho.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Figura 8: Menina jogando vídeo-game.



Fonte: autoria própria – dados da investigação.

A atividade proposta nesta etapa atendeu aos seguintes princípios: “4 Não deve haver segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas; portanto, a prática pedagógica da Educação Sexual deve acontecer sempre com coeducação. 5 Meninos e meninas devem/podem ter os mesmos brinquedos” (FURLANI, 2011, p. 67-70).

A criança que fez a ilustração que mais chamou a atenção estava em sala de cabeça baixa e a pesquisadora se aproximou e perguntou o que estava fazendo, ela com muita vergonha e talvez até com um pouco de receio de ser repreendida pelo seu desenho, levantou a cabeça para mostrar seu desenho. Na descrição do desenho ela havia escrito: “Tudo bem ser veado”, aproveitou-se a colocação da aluna para colocar que veado é um animal, e que é um termo pejorativo que não deveria ser usado para descrever aquele casal de namorados, e que ela poderia utilizar o termo “gay”, o qual ela solicitou ajuda na escrita, pois apresentava dificuldades para escrever corretamente.

Figura 9: Casal homoafetivo.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

A situação em si chamou a atenção pela escolha da criança, já que com o trabalho realizado e na própria história do livro, a orientação sexual não entrou em discussão, ou seja, é muito provável que ela tenha trazido isso da própria realidade, alguém da família, algum amigo próximo ou até mesmo das mídias, e ela ao mesmo tempo em que teve por intenção apresentar a situação como algo que “tudo bem”, demonstrou que já percebe a situação como um problema em nossa sociedade.

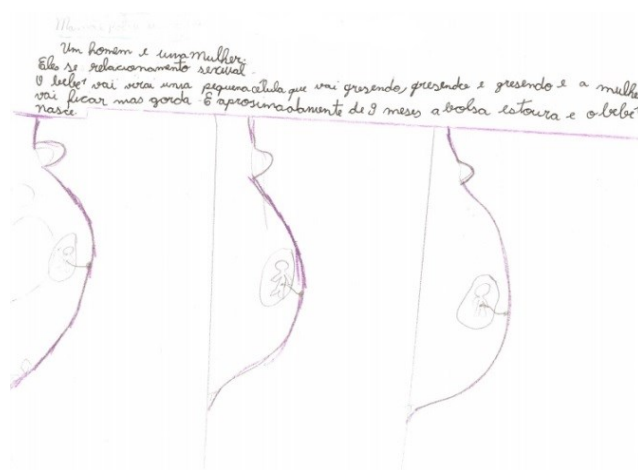
Percebeu-se nessa proposta um pouco de resistência por parte de algumas crianças ao transformar a discussão em algo que fosse tudo bem meninos ou meninas fazerem sem julgamentos. A professora da turma que acompanhou o trabalho participou das discussões e demonstrou seu posicionamento quanto às posições sociais de homem e mulher na sociedade, que todos devem ser tratados como iguais. No entanto ao perceber a resistência nos alunos, reconhecemos que é um assunto que desse estar sempre em pauta nas discussões em sala de aula, para real desconstrução de estereótipos.

E por fim, o trabalho com o 3º ano se encerrou com o livro “**Mamãe botou um ovo! – Como são feitos os bebês.**” de autoria de Babette Cole, utilizado para desenvolver os seguintes conteúdos: temas transversais, saúde e educação sexual. Reforçamos aqui que “A literatura, em prosa ou verso, tem o poder de, brincando

com a violência e com o medo banaliza-los. Faz a criança superar os medos através da musicalidade das palavras, do lirismo mais puro, da ternura mais simples e do lúdico mais brincalhão” (JOSÉ, 2009, p. 28).

O aluno fez a seguinte descrição de como ocorre a gravidez: “Um homem e uma mulher. Eles se relacionam sexualmente. O bebê vai virar uma pequena célula que vai crescendo, crescendo e crescendo e a mulher vai ficar mais gorda. E aproximadamente com nove meses a bolsa estoura e o bebê nasce.”. Nessa primeira descrição, é destacado o ato sexual como ponto inicial para se engravidar.

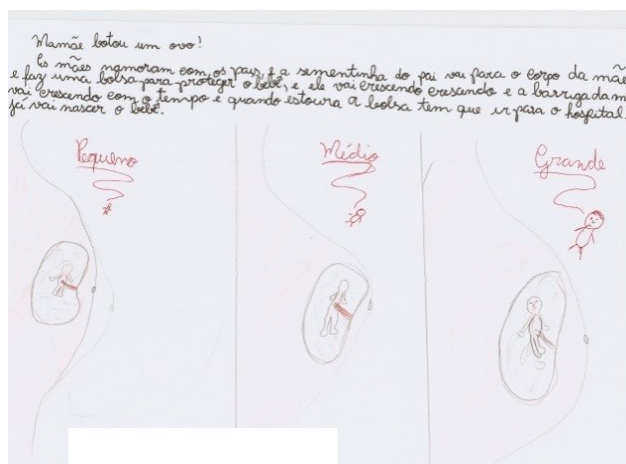
Figura 10: O relacionamento sexual e o nascimento dos bebês.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Já nessa segunda abordagem, a criança trata como namoro: “As mães namoram os pais e a sementinha do pai vai para o corpo da mãe e faz uma bolsa para proteger o bebê, e ele vai crescendo e crescendo e a barriga da mãe vai crescendo com o tempo e quando estoura a bolsa tem que ir para o hospital e já vai nascer o bebê.”.

Figura 11: O namoro e a bolsa amniótica.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Vale destacar o conhecimento prévio das crianças sobre o assunto, já que em nenhum momento foi falado no livro sobre a bolsa amniótica, e foram as crianças que trouxeram o termo para discussão em sala, demonstrando que elas estão em contato direto com o assunto, pois convivem com a gravidez dentro de casa, na família, na comunidade onde vivem, e uma questão muito comum nas mídias de acesso fácil a qualquer criança.

Nesse desenho abaixo a criança fez a ilustração destacando além da gestação da mãe a relação afetiva no envolvimento entre homem e mulher para se “fazer um bebê”.

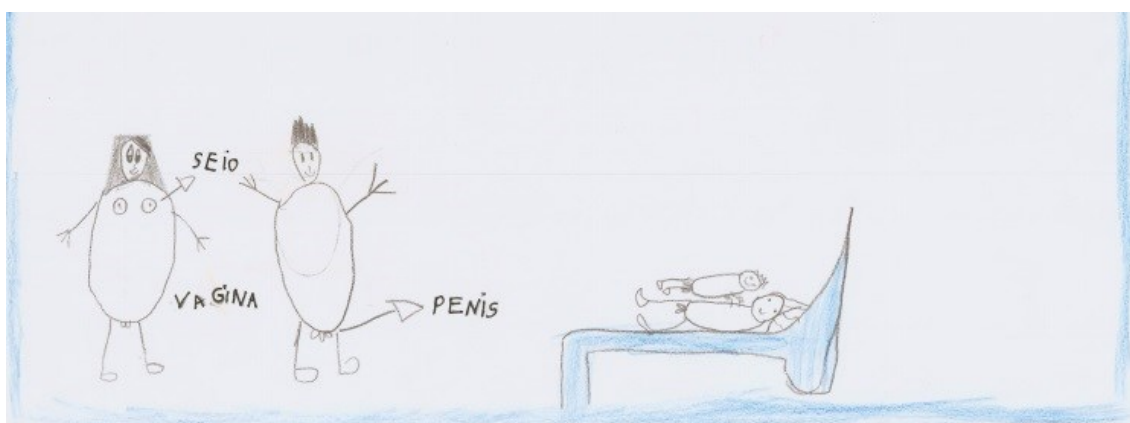
Figura 12: A afetividade e o nascimento dos bebês.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

No geral as crianças lidaram muito bem com as questões trabalhadas, e tentaram da melhor forma transpor isso no papel. No entanto uma delas que já havia participado de outras propostas de Educação Sexual, fato relatado pela mãe durante a reunião de autorização de participação, ao fazer a ilustração optou por desenhar as fantasias que contam apresentadas no livro e não a realidade, desenhando então um dinossauro. A professora da turma que acompanhava os trabalhos chamou a atenção da criança e pediu que refizesse o desenho. O fato de a criança ter desenhado essa parte do livro não quer dizer que ela não tenha compreendido a história, talvez a criança apenas goste muito de dinossauros e tenha resolvido representa-los, pois no fim ele apagou e refez o desenho da seguinte forma:

Figura 13: Fui trazido por um dinossauro?



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Retomamos aqui o “princípio 6 A linguagem plural, usada na educação sexual, deve contemplar tanto o conhecimento científico quanto o conhecimento familiar/popular/cultural.” (FURLANI, 2011, p. 67-70). E ainda, “percebe-se que abordando a sexualidade com diferentes modalidades didáticas como jogos, sessões de filmes, discussões, o aluno se sente mais envolvido no processo, sendo protagonista da sua aprendizagem.” (SOARES; CAETANO; SOARES, 2014, p. 8). Entendemos que o trabalho realizado com a história permitiu reconhecer tanto o conhecimento científico, nas nomenclaturas apresentadas sobre o Sistema

Reprodutor e a reprodução humana, quanto os demais conhecimentos como integrantes do processo.

4.2.2 Aplicações ao Grupo do 4º ano

O grupo participante nesta etapa foi composto por 16 crianças, o que com o decorrer das atividades percebeu-se como um fator muito positivo, pois se permitiu ao grupo ter mais espaço para se expressar e dialogar com a pesquisadora, questionando e participando de todas as atividades de uma forma mais intensa.

Dando início ao trabalho com o 4º ano, foi feita a apresentação da pesquisadora e do trabalho que ia ser realizado durante aquela semana que estaríamos juntos. Neste primeiro dia então o livro a ser trabalhado foi o “Sai sujeira! – Cuidados com o corpo” – de autoria de Mick Manning e Brita Granstrom, buscando atingir aos seguintes conteúdos: cuidados com o corpo e higiene; aspectos importantes para a preservação da saúde; higiene pessoal e ambiental.

Como a história acontece com a preparação de algumas crianças para uma festa e a cada etapa de higiene (cortar as unhas, limpar os ouvidos, escovar os dentes, a higiene após o uso do banheiro e assim por diante), era realizada a leitura da seguinte frase: “Sai, sujeira!”, na terceira parte todos os alunos já repetiam junto com a leitura da história interagindo de forma muito positiva com a história.

Como é de preocupação de muitos educadores, ocorreu um momento de risos com a leitura da seguinte frase – “Os oxiúros são bichinhos minúsculos que fazem o seu bumbum coçar.”, demonstrando e reafirmando a dificuldade que os sujeitos têm de abordar qualquer questão relacionada ao corpo, onde a palavra “bumbum” é percebida como motivo de piadas por ser compreendida como uma “palavra proibida”, como um “palavrão”. Essa situação específica não foi valorizada pela pesquisadora no momento da leitura do livro, tentando assim desconstruir nos educandos a vulgarização do assunto tratado.

Reconhecem na realização das atividades realizadas com esse livro os seguintes princípios da educação sexual: “Princípio 2 As manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da “reprodução” Princípio 3 A descoberta corporal é expressão da sexualidade” (FURLANI, 2011, p. 67-70).

Durante a apresentação de alguns conceitos e novos cuidados com o corpo na finalização da história, a mesma citação do livro voltou a aparecer. No entanto, não houve risos; podemos perceber dessa forma a importância do preparo do professor para abordar o assunto, e principalmente a confiança para não demonstrar aos alunos vergonha, ou insegurança que dariam motivos à continuidade de risos e de possíveis piadas.

Foi realizada, como síntese integradora, uma dinâmica com balões como a brincadeira conhecida como “batata quente”, nesse caso, quando a criança ficava com o balão na mão quando a música parasse teria que responder a uma pergunta sobre os cuidados com o corpo. Foram utilizadas como base o glossário de palavras úteis presentes na própria história contada: cera de ouvido, micróbios, glândulas, infecção, parasitas, placa, tênia, território, oxiúros entre outras palavras e ações. Com essa atividade pode-se perceber que as crianças assimilaram bem os conceitos e termos ligados a higiene e todos os cuidados com o corpo.

A pesquisadora, no entanto, reforçou que não bastava saber explicar tudo isso, que para saber que eles aprenderam seria perceber na prática que estavam aplicando os conhecimentos sobre os cuidados com o corpo e higiene. Assim, destaca-se a AC prática (KRASILCHIK; MARANDINO, 2007), que possibilita a resolução imediata de problemas ligados ao seu dia-a-dia, no entanto são práticas que devem estar em constante avaliação.

Sobre a proposta específica vale destacar que a pesquisadora percebeu que o educando que mais necessitava dessas orientações faltou nesse dia, e no dia seguinte quando retomamos o que foi trabalhado antes de iniciarmos o próximo trabalho, esse aluno ouvindo sobre os cuidados com as unhas começou a tentar “limpa-las” com a boca roendo as unhas, o que obviamente era totalmente anti-higiênico, mas demonstrou a preocupação da criança com o assunto e o pouco que ouviu sobre. A pedagoga então chamou os responsáveis e fez uma orientação individual com a família sobre os cuidados com o corpo e higiene do aluno e da família.

Para o segundo dia de encontro com o 4º ano, foi preparado o livro **“É tudo família – sobre a filha da nova namorada sobre o irmão da ex-mulher do papai e outros parentes”** de autoria de Alexandra Maxeiner e Anke Kuhl, tradução de Hedi Gnadinger. Esse livro buscou atingir aos seguintes conteúdos: autoconhecimento; reconhecimento de si próprio como membro de vários grupos

(famílias, étnico-cultural, escolar, vizinhança, religioso, recreativo, etc.); grupo de convivência família, o grupo com o qual o aluno vive (família), diferentes tipos de família (composição), importância de pertencer a uma família, atividades individuais e coletivas (rotina familiar), os usos e costumes da família, o desenho da casa e da rua.

Para o desenvolvimento das atividades desse dia, a pesquisadora foi informada pela equipe de gestão de que um dos educandos passava por uma situação mais delicada, em que era criada pelo irmão mais velho, pois ambos os pais estavam presos por envolvimento com o tráfico de drogas. Contou que o pai foi preso primeiro e a mãe assumiu a venda de drogas sendo presa na véspera do Natal do ano anterior. Entende-se desse modo que o livro de literatura, “por meio do lúdico, permite que elas se percebam como seres humanos, e criem seus próprios questionamentos a respeito de si mesmas e do mundo que as rodeia.” (FARIAS, 2007, p. 97).

Após a leitura do livro, a pesquisadora apresentou uma ilustração representando sua família e fez uma apresentação da mesma citando cinco palavras que representavam família para ela. Solicitou-se então que as crianças fizessem o mesmo. A primeira etapa de desenho foi tranquila, já na segunda parte a criança da situação citada acima apresentou resistência em fazer a apresentação, apesar de todos os colegas terem conhecimento de tudo, mas com o decorrer das apresentações dos colegas sentiu-se mais segura e solicitou sozinha sua vez de apresentar, relatando o mesmo que a equipe já havia comunicado.

O trabalho realizado com esse livro proporcionou aos educandos reconhecer as diferentes formações familiares que estão presentes na sociedade atual. Assim, podendo se reconhecer como pertencentes de uma família independente de sua estrutura de formação. Os alunos perceberam que dentro do próprio grupo ao qual pertencem estão formadas diferentes modelos de família, podendo ser:

- Pai, mãe e filhos;
- Tia, pai (padrasto), mãe e filhos;
- Primos e irmãos apenas;

E assim reconhecendo que família não necessariamente precisa seguir um padrão de formação, mas como declararam que ela representa o amor, o respeito, a

alegria, união, felicidade, carinho e também um pouco de brigas, discussões e bagunça.

Para o terceiro dia de atividades, o livro a ser trabalhado foi o **“Menino brinca de boneca?”** de autoria de Marcos Ribeiro. Esse livro foi escolhido para tratar dos seguintes conteúdos: temas transversais, ética, pluralidade cultural, valores e atitudes e convívio escolar.

O livro trabalhado provoca os leitores à discussão de início ao fim. Quando iniciado a leitura, o discurso presente na fala das crianças dizia que o futebol, por exemplo, era um esporte para meninos, que as meninas geralmente não participam dos jogos e se o fazem quando levam boladas saem chorando e reclamando para a professora.

Então a discussão é levantada a partir das seguintes perguntas: “Por que é bom ser menino? Por que é bom ser menina?” (RIBEIRO, 2011, p.18) e cada criança responderia a pergunta para o grupo. Sobre as respostas obtidas vale ressaltar os seguintes diálogos:

- A1: “É bom ser menina porque dá para beijar no rosto de outras meninas, das amigas. Se for menino as pessoas pensam coisas erradas.”
- A2: “Meninos são mais fortes e mais aventureiros.” Essa resposta teve reação imediata de uma das meninas que disse: A3: “Está duvidando que eu não sou?”
- A4: “Meninas são mais organizadas que os meninos. E meninos pensam que podem fazer o que quiser, deixam todo o peso de casa para as meninas, até arrumar o quarto do irmão.” Outra menina rebateu: A3 “Eu não arrumo o quarto do meu irmão, ele que arrume sozinho!”
- A5: “Meninas não fazem muita bagunça.”
- A6: “As meninas são mais caprichosas.”
- A7: “Aquela menina é que nem pia, ela vive na diretora porque é barraqueira e fica brigando com os outros.” Sobre essa fala outra criança questionou: A8: “O que é barraqueira?”, e foi respondida por outra criança: A7 “É ser que nem piá!”

Percebemos que no discurso das crianças já se faz presente muito do discurso dos adultos a respeito do que é considerado ser menino e ser menina.

Reafirmamos aqui que na educação sexual: “Não deve haver segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas; portanto, a prática pedagógica da Educação Sexual deve acontecer sempre com coeducação.” (FURLANI, 2011, p. 67-70) A abertura para que os educandos colocassem seus pontos de vista permitiu que a pesquisadora fosse abrindo espaço para novos olhares a respeito de cada situação abordada.

O livro ainda tratou sobre homens que choram, isso faz parte do ser humano, e que não passam a ser “menos homem” se demonstrarem os seus sentimentos. Foi reforçado que todos somos diferentes, e que as diferenças existem porque simplesmente as pessoas são diferentes e não porque são homens ou mulheres. Abriu discussão sobre o uso de brincos em meninos, como um direito de escolha e de gosto, em seguida foi apresentada uma linha do tempo com as mudanças de moda através dos tempos.

Quando o livro citou os homens que participam das atividades de casa como cozinhar, foi lembrado do programa de televisão “Master Chef Jr.” onde os chefes que fazem a avaliação do programa são dois homens e uma mulher, e dentro do grupo de crianças participantes tinham meninos e meninas, demonstrando que essa não é uma tarefa apenas das mulheres. No entanto, uma criança comentou que ainda assim acreditava que era uma tarefa feminina, e uma outra criança desconstruiu essa ideia falando que seu pai cozinhasse muito melhor que sua mãe.

Durante a leitura da frase: “É verdade que as meninas costumam preferir brincadeiras mais calmas como bonecas, danças e jogos.” (RIBEIRO, 2011, p.34). Uma menina logo afirmou: A3 “Não, não é. Eu gosto de brincar de carrinhos!”. Da mesma forma quando feita a leitura: “É verdade também que os meninos costumam preferir brincadeiras mais movimentadas, mais brutas, jogos futebol, disputas.” (RIBEIRO, 2011, p. 34). Um dos meninos falou: A6: “Eu brinco de casinha com a minha prima, brinco de pet shop”. Destaca-se aqui que: “meninos e meninas devem; podem ter os mesmos brinquedos” (FURLANI, 2011, p. 67-70) e a reconhecimento das crianças em relação a isso.

O livro então faz um processo de síntese do conteúdo trabalhado, fazendo novos questionamentos, que foram respondidos na coletividade do grupo:

“Falando com as garotas: Você acha que as meninas são mais frágeis do que os meninos?” (RIBEIRO, 2011, p. 36).

Resposta do grupo: “Sim! ”.

“Você conhece meninas que são mais espertas do que os meninos? E tem alguma coisa errada nisso?” (RIBEIRO, 2011, p. 36).

Resposta do grupo: “Sim! Não!”.

“E você, o que tem vontade de fazer, mas, pelo fato de ser menina, acha que não fica bem?” (RIBEIRO, 2011, p.3 6).

Resposta do grupo: “Jogar bola, brincar de carrinho, jogar videogame, brincar de motinho.”

“Falando com os garotos: Você acha que os meninos devem ser sempre brutos?” (RIBEIRO, 2011, p. 37).

Resposta do grupo: “Não!”.

“Você conhece algum garoto mais emotivo, mais sensível, como as meninas? Tem alguma coisa errada nisso?” (RIBEIRO, 2011, p. 37).

Resposta do grupo: “Mais ou menos. Não!”.

“E você, o que tem vontade de fazer, mas, pelo fato de ser menino, acha que não fica bem?” (RIBEIRO, 2011, p. 37).

Resposta do grupo: “Brincar de boneca!” Um dos meninos ainda comentou: A6 Eu brinco, mas eu sei que falam que é coisa de menina.”

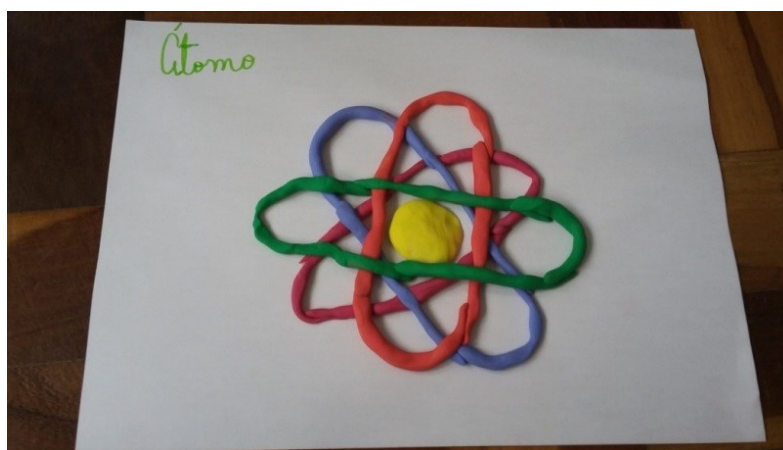
Ainda retoma questões feitas no início do livro, para agora, depois de todas as discussões e apresentações feitas através do livro, as crianças apresentassem um novo olhar sobre tudo o que foi trabalhado. Entenderam que meninos podem sim brincar de boneca, como eles mesmo destacaram. Assim como as meninas podem jogar bola, soltar pipa ou brincar de bolinha de gude.

Reforça a questão do respeito em que ,ao falar que devemos conversar com outras pessoas sobre tudo que foi conversado, lembra que: “É preciso respeitar a opinião deles, mesmo que você não concorde.” Assim atende ao princípio da Educação Sexual o qual acredita que ela “[...] pode discutir valores como respeito, solidariedade, direitos humanos.” (FURLANI, 2011, p.67-70).

No quarto dia de aplicação, o livro trabalhado foi “De onde viemos?” – de autoria de Ely Rubens Barbosa. Este livro em questão foi selecionado para tratar dos seguintes conteúdos: corpo humano, célula e tecido. Reconhecendo assim que “se a linguagem das ciências é difícil para os alunos, então devemos utilizar sua própria linguagem como ponto de partida e de envolvimento, acolhimento, porém, incluindo, gradativamente os termos científicos[...] (MENEGAZZO; STADLER, 2012, p. 147).

Foi solicitado que os alunos se dividissem em grupos e montassem uma sequência com a formação do bebê apresentada no livro, a qual eles retomaram oralmente enquanto a pesquisadora registrava no quadro: átomo, molécula, célula, óvulo e espermatozoide, embrião e bebê. Para tornar o trabalho ainda mais lúdico optou-se pelo uso da massa de modelar, o que torna qualquer atividade mais prazerosa.

Figura 14: A vida começa no átomo.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Figura 15: Produção coletiva, desenvolvimento do bebê.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Entende-se que com a proposta trabalhada pode se atingir aos seguintes estágios da AC definidos por Krasilchik e Marandino (2007) nominal: onde o aluno reconhece as terminologias; funcional: onde o aluno consegue definir os termos de forma simples; estrutural: em que o aluno consegue compreender que a formação do bebê ocorre pelo processo de desenvolvimento átomo, molécula, célula, óvulo e espermatozoide, embrião. Demonstrados no processo de construção da atividade e na apresentação da sequência para o grupo.

Por fim, o último dia de aplicação ficou destinado ao trabalho com o livro **“De onde viemos? – explicando os fatos da vida sem absurdos.”** – de autoria de Peter Mayle e Arthur Robins. Este livro foi selecionado para trabalhar com os seguintes conteúdos: reprodução humana, corpo humano, cuidados com o corpo e atitudes de valorização de sua saúde.

Logo no início do livro, o autor faz um jogo com as respostas dadas por alguns adultos quando questionados sobre a origem dos bebês:

“Foi a cegonha que me trouxe, numa entrega especial.”

“Um gato me trouxe de noite.”

“Papai me encontrou no bar.”

“Mamãe me encontrou no hospital.”

“Fui presente de Natal das fadas.”(MAYLE, 2016, p. 1-2)

Essas respostas para as crianças do 4º ano foram levadas na brincadeira e comentaram que sabiam que os bebês vinham da “barriga”. A partir desse ponto, passa para a desconstrução das fantasias relacionadas a como são feitos os bebês. O primeiro tópico traz que gente pequena é feita por gente grande, e na ilustração aparece um casal sem roupa o que gerou nesse primeiro momento alguns risinhos diante da situação. A atitude da pesquisadora quanto a isso, foi de não valorizar a situação e dar continuidade a leitura, assim como foi feito no primeiro dia de trabalho com a situação do “bumbum”.

Sobre esse assunto trabalhado a turma toda participou fazendo questionamentos durante e após a leitura do livro. Quando falado que o corpo necessita estar preparado para que um bebê se desenvolva dentro da mulher, que existe uma idade certa para que isso aconteça, pois, o corpo muda com o decorrer dos anos de vida, uma das crianças levantou uma história que assistiu na televisão

onde uma criança foi abusada por alguém e que como era muito nova ela morreu no parto da criança.

Após a leitura do livro, foi entrado na questão do abuso sexual, mostrando um vídeo para que as crianças fiquem atentas a determinadas situações. Ao término do vídeo foi falado ao grupo da importância de qualquer suspeita de qualquer situação incomoda relaciona a isso, deveriam procurar um adulto para falar sobre o assunto. Que a escola era uma boa opção, que poderiam falar com a professora, pedagoga ou diretora. Então algumas das crianças relataram não ter esse tipo de confiança nessas pessoas, questionando se a pesquisadora não iria ficar na escola, pois caso precisassem saberiam que poderiam conversar com ela.

A pesquisadora respondeu as crianças que não estaria ali, mas que apesar de muitas vezes os professores, a pedagoga e a diretora serem muitas vezes mais rígidas, elas fazem tudo para o bem delas e que sim elas deveriam ser consideradas como ponto de segurança para qualquer situação de risco.

Vale ressaltar aqui que foram trazidos pelas crianças vários termos além dos trabalhados no livro e alguns questionamentos importante sobre termos presentes na história:

- (A10) “O que é 'Cesária'?”
- (A13) “Como são feitos os gêmeos?”
- (A4) “O que é o cordão umbilical?”
- (A7) “O que é o gozo?”
- (A5) “Por que tem bebê que nasce prematuro?”
- (A7) “Tem bebê que precisa do fórceps para nascer!”

Esse grupo de alunos do 3º ano demonstrou, ao menos com a pesquisadora, os seguintes itens de uma criança sexualmente saudável: “que ficam à vontade para fazer perguntas e que tomam decisões adequadas à sua idade” (apud HAFFNER, 2005, p.20 apud FURLANI, 2011, p.65).

Por fim, solicitou aos alunos que produzissem um livro com a releitura da história trabalhada neste dia.

Figura 16: “De onde viemos?”



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Nesta representação através de desenhos podemos destacar pontos importantes da educação sexual: a presença da AC Nominal, quando a criança apresenta os termos corretos para os órgãos masculino e feminino, além dos termos como óvulo e espermatozoide e ainda apresenta a relação afetiva que pode estar envolvida na situação.

Reconhece-se, aqui, que a abordagem com livros paradidáticos na educação constitui uma riquíssima fonte de conhecimento e emoções (FARIAS, 2007, p. 97). Assim, se percebemos que a linguagem científica é difícil para a criança, “então devemos utilizar sua própria linguagem como ponto de partida e de envolvimento, acolhimento, porém, incluindo, gradativamente os termos científicos relacionados, para que os alunos estabeleçam relação entre eles e tenha acesso ao mundo Científico” (MENEZZO; STADLER, 2012, p.147). Assim, reafirma-se a abordagem com a literatura infantojuvenil como uma rica ferramenta no ensino.

4.2.3 Aplicações ao Grupo de 5º ano

O grupo do 5º ano foi formado por 28 crianças.

Vale ressaltar que uma das crianças que fazia parte do grupo tinha laudo de hiperatividade, o que foi utilizado pela equipe pedagógica e professores das turmas para justificar todos os momentos de risadinhas e brincadeiras que a aluna fez durante todas as aplicações nessa turma. Considerando que foi uma situação que aconteceu também com as demais turmas, nessa situação apresentou maior dificuldade de retomada da atenção, não da turma como um todo, apenas dessa aluna em específico.

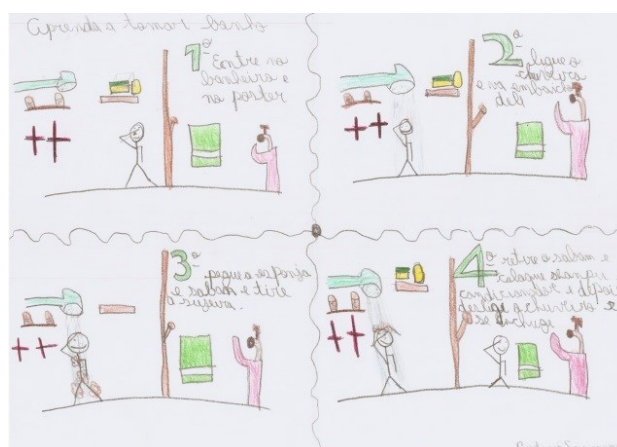
Outro ponto que acredito ter interferido no trabalho, foi que a pedagoga solicitou que fossem realizados dois momentos por dia com essa turma, para acelerar o processo, o que se percebeu que foi cansativo, desgastante e pouco produtivo.

Para o primeiro dia de aplicação com essa turma, optou-se por trabalhar com o livro “**Tomar banho é uma encrenca**” de autoria de Manuela Monari, buscando atingir aos seguintes conteúdos: cuidados com o corpo e higiene; aspectos importantes para a preservação da saúde; higiene pessoal e ambiental.

Reconhecendo aqui que “as manifestações da sexualidade não se justificam, apenas, pelo objetivo da “reprodução”” (FURLANI, 2011, p. 67-70).

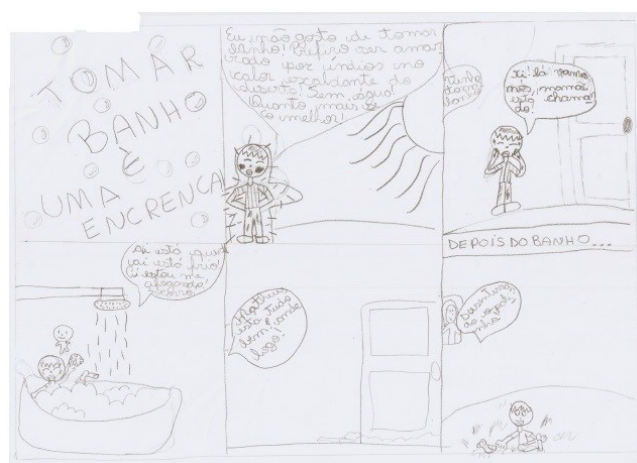
A questão da higiene com o corpo é trabalhada com a criança desde que ela entra na escola, mas deve ser reforçada sempre que possível; optou-se por solicitar uma releitura da história em formato de quadrinhos.

Figura 17: Quadrinhos ensinando como tomar banho.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Figura 18: Releitura da história em formato de quadrinho.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

O segundo livro escolhido para este dia foi “**É TUDO FAMÍLIA! – Sobre a filha da nova namorada, sobre o irmão da ex-mulher do papai e outros**

parentes.”, de autoria de Alexandra Maxeiner e Anke Kuhl, tradução de Hedi Gnadinger. Buscou-se nesse dia desenvolver os seguintes conteúdos: autoconhecimento; reconhecimento de si próprio como membro de vários grupos (famílias, étnico-cultural, escolar, vizinhança, religioso, recreativo, etc.); grupo de convivência família, o grupo com o qual o aluno vive (família), diferentes tipos de família (composição), importância de pertencer a uma família, atividades individuais e coletivas (rotina familiar), os usos e costumes da família, o desenho da casa e da rua.

A proposta foi retratar a família, e dividir com a turma posteriormente, para se reconhecer que no próprio grupo ao qual pertencem existem diferentes formações familiares, desconstruindo padrões estabelecidos socialmente.

Figura 19: Família formada por mãe e filha.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Figura 20: Família formada por pai mãe filhas.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

Figura 21: Família formada por mãe e filhos.



Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

O trabalho com o livro e com o desenho permite que a criança quebre barreiras e fale sobre sua família. Percebeu-se que algumas crianças estavam com dificuldade em falar sobre a família, como foi o caso do primeiro desenho, da mesma forma como nos grupos do 3º e 4º ano as crianças perdem o possível medo que tenham em falar sobre ao perceber as diferenças nas estruturas familiares dos próprios colegas de sala e enfim apresentam a sua família e a formação que ela se constitui. Defendendo aqui que uma criança sexualmente saudável é aquela que entre outras atitudes: “respeitam os membros da família e outras crianças” (HAFFNER, 2005, p.20 apud FURLANI, 2011, p. 65).

O próximo livro trabalhado no segundo dia foi “**Menino brinca de boneca?**” de autoria de Marcos Ribeiro. Buscando atingir aos seguintes conteúdos: temas transversais, ética, pluralidade cultural, valores e atitudes e convívio escolar.

Muito diferente do que aconteceu com a turma do quarto ano, durante a leitura do livro, os alunos não se manifestaram ou interagiram. Para buscar participação dos alunos solicitou-se que eles respondessem aos questionamentos apresentados pelo livro por escrito para só depois das ideias construídas no papel pudessemos fazer uma discussão sobre o assunto. “Conversando com os meninos: Você acha que os meninos devem ser sempre brutos? Você conhece algum garoto mais emotivo, mais sensível, como as meninas? E você, o que tem vontade de fazer, mas pelo fato de ser menino acha que não fica bem?” (RIBEIRO, 2011, p. 37)

Sobre a conversa com os meninos, poucos consideraram que meninos devem ser sempre brutos, um deles tratou como ser forte, mas que não seria necessário o tempo todo. Chamaram atenção nesse grupo as respostas referentes à última pergunta, em que os meninos citaram o cuidado de irmãos mais novos ou bebês na família, como na fala a seguir: “Cuidar de bebês parentes e brincar de coisas de meninas, mas se falar a alguém todos vão zoar de você.” Outra fala seria: “Fazer limpeza de casa, cuidar do bebê, brincar de boneca, cozinhar.” É importante lembrar que: “não deve haver segregação de gênero nos conhecimentos apresentados a meninos e meninas; portanto, a prática pedagógica da Educação Sexual deve acontecer sempre com coeducação.” (FURLANI, 2011, p. 67-70)

Percebeu-se que com a turma de 5º ano a questão do preconceito as características das pessoas se apresenta de forma mais enraizada, e que para se buscar uma mudança de pensamentos nesse grupo, seria interessante um trabalho mais amplo e diário, nas falas e atitudes de todos seus educadores.

Conversando com as meninas:

Você acha que as meninas, são mais frágeis que os meninos?

Você conhece meninas que são mais espertas do que meninos? E tem alguma coisa errada nisso?

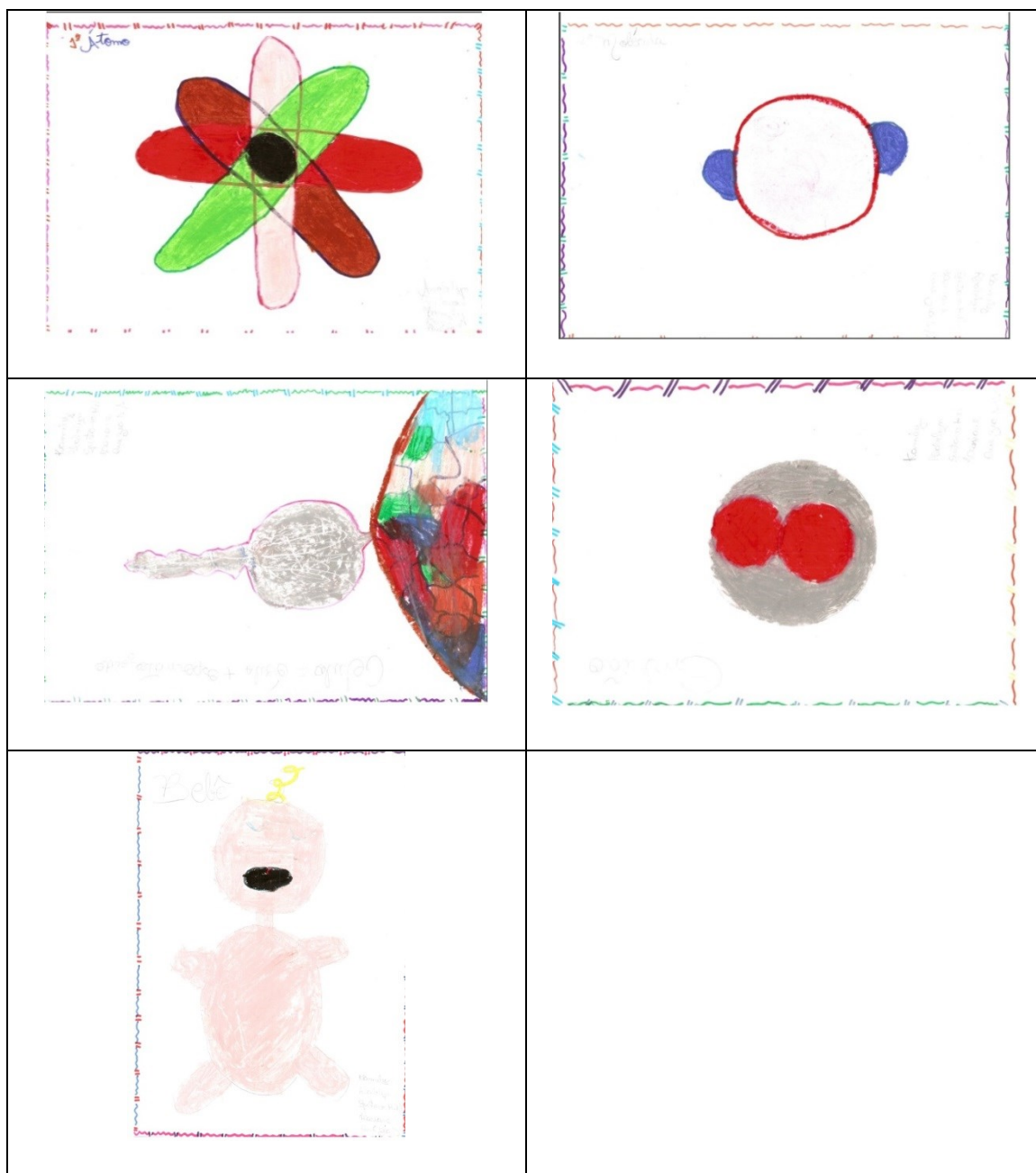
E você, o que tem vontade de fazer, mas pelo fato de ser menina, acha que não fica bem? (RIBEIRO, 2011, p. 36)

Na conversa com as meninas, algumas também afirmaram que meninas são mais frágeis, ou mais delicadas como declararam, mas diferente dos meninos todas quando responderam a última pergunta se ativeram as brincadeiras. Aparece aqui então uma preocupação, pois aparenta nessa discussão que os meninos já quando crianças percebem as meninas realizando cuidados de outras crianças e até atividades de casa, enquanto que as meninas percebem os meninos apenas brincando.

O segundo livro trabalhado nesse dia, foi “**De onde viemos?**” de autoria de Ely Rubens Barbosa. Foi selecionado este livro para tratar dos seguintes conteúdos: corpo humano, célula e tecido. Desenvolveu-se com a proposta a AC definida por Krasilchik e Marandino (2007) como nominal, pois o aluno passa a reconhecer terminologias científicas: átomo, célula, óvulo e espermatozoide, embrião...

A seguir segue atividade realizada por um dos grupos da turma:

Figura 22: Ilustração desenvolvida em grupo “De onde viemos?”



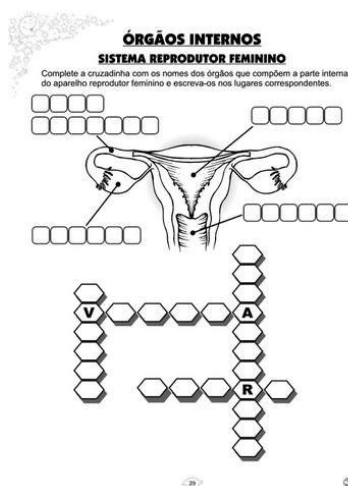
Fonte: autoria própria – dados da investigação (2016).

No último dia de aplicação uma das alunas solicitou sair do projeto, justificando que sua mãe havia pedido para não participar mais, no entanto a professora que acompanhava o grupo disse que ela na verdade havia se desentendido com uma das colegas no trabalho realizado no dia anterior que foi realizado em equipe e que por esse motivo não queria mais participar.

Para finalizar, o último dia de projeto foi trabalhado o livro “**De onde viemos? - Explicando os fatos da vida sem absurdos.**” escrito por Peter Mayle e Arthur Robins. Optou-se por este livro para trabalhar com os conteúdos seguintes: reprodução humana, corpo humano, cuidados com o corpo e atitudes de valorização de sua saúde.

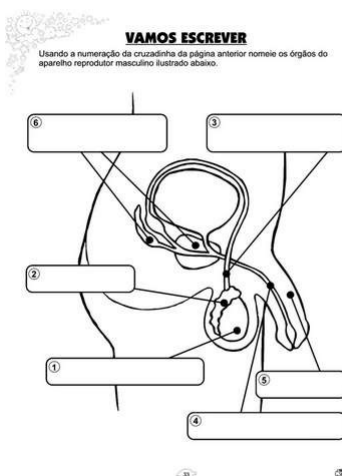
Foram apresentadas, além das imagens do livro, imagens dos sistemas reprodutor masculino e feminino, em slides no *datashow*, e realizadas as seguintes atividades:

Figura 23: Atividade Sistema Reprodutor Feminino



Fonte: Coleção atividade para todo dia – Ciências – Vol. 4 p.29.

Figura 24: Atividade Sistema Reprodutor Masculino.



Fonte: Coleção atividade para todo dia – Ciências – Vol. 4 p. 33.

Para finalizar a aplicação ao 5º ano, foi apresentado o vídeo da polícia sobre o abuso sexual destinado as crianças, porém diferente do grupo do 4º ano, a discussão terminou com a fala da pesquisadora de que as crianças deveriam confiar na equipe de professores da escola, pedagoga e diretora, que mesmo quando chamam a atenção por algum comportamento errado desejam apenas o bem dos alunos, então não houve questionamentos dos alunos.

Os alunos desse grupo não interagiram com a mesma intensidade dos demais grupos, e alguns dos fatores que podem ter influenciado foram: (a) a presença de uma professora da escola em todos os momentos (o que não aconteceu no grupo do quarto ano, por exemplo, que se sentiu mais seguro em realizar perguntas e falar daquilo que conheciam); (b) a situação já destacada da aluna com laudo de hiperatividade; (c) um grupo muito grande de crianças que não permite um vínculo em que a criança sintam-se mais segura para dialogar sobre o assunto; (d) o encurtamento do período de trabalho com o grupo; (e) a sobrecarga de assuntos a serem trabalhados em apenas um dia.

No entanto, ainda que não tenham interagido, entendemos que conseguimos de algum modo atingir a criança sobre o conteúdo, pois “a literatura, em prosa ou verso, tem o poder de, brincando com a violência e com o medo banalizá-los. Faz a criança superar os medos através da musicalidade das palavras, do lirismo mais puro, da ternura mais doce e do lúdico mais brincalhão.” (JOSÉ, 2009, p. 28). Assim, mesmo que elas não tenham apresentado falas relevantes, os desenhos produzidos e demais matérias representam que estavam cientes do conteúdo trabalhado.

5 CONSIDERAÇÕES

A Educação Sexual de forma sistematizada é uma necessidade na sociedade atual, sendo assunto que deve ser abordado em várias instâncias. É um tema que demanda preparo do responsável por essas ações.

Os educandos estão em constante contato com questões ligadas à sexualidade, não somente nas mídias, mas em seu dia-a-dia quando, por exemplo, na rua se deparam com casais de mãos dadas, se abraçando ou se beijando, quando observam seus pais trocando carinhos, quando acompanham uma gravidez na família ou na comunidade em que vivem, entre outras observações, enfim a criança presencia e vive a sexualidade desde o momento que nasce.

Considerando as complicações da temática optou-se pela abordagem no ensino de Ciências utilizando da literatura infantojuvenil a qual possibilita um acesso à temática de uma forma mais lúdica.

Durante a pesquisa, procurou-se responder à questão: “Que estratégias de ensino, usando a literatura infantojuvenil, criariam situações de desenvolvimento para uma Educação Sexual de qualidade?”.

Com o objetivo de responder, desenvolveram-se ações de ensino utilizando da literatura infantojuvenil que abordam questões ligadas à sexualidade. O estudo contemplou o reconhecimento do corpo, os cuidados com o corpo, o respeito as diferenças, as discussão de gênero, a reprodução sexual e a violência sexual.

A escolha do tema vem ao encontro do cenário atual da educação, sendo um assunto de grande relevância social. Apesar de ser uma ação que deve ser desenvolvida pela escola em parceria com a família, percebeu-se que todos os responsáveis apresentam dificuldade em desenvolvê-la. Essa situação foi confirmada na análise dos questionários aplicados aos professores pela pesquisadora.

A presente pesquisa estudou o uso da literatura infantojuvenil como facilitadora da abordagem de uma temática mais complexa, com o objetivo da elaboração de um caderno de orientação ao professor, apresentando o material como suporte para práticas educativas futuras, de modo a auxiliar educadores, que buscam meios de se efetivar a Educação Sexual e das questões ligadas a ela.

Considera-se que foram atingidos os objetivos inicialmente propostos nesta pesquisa. Os alunos sentiram-se seguros em discutir todos os assuntos abordados, mesmo quando demonstrou alguma resistência o medo era superado ao perceber a participação espontânea dos demais participantes.

Notou-se que estabelecer um vínculo com os educandos facilita o diálogo sobre o assunto, as crianças se expressavam muito mais quando somente a pesquisadora estava presente, o que aconteceu em grande parte do tempo na aplicação do 4º ano. Essa situação foi percebida na fala das próprias crianças que declararam ter medo de serem repreendidas ao falarem do assunto com professores ou equipe gestora.

Sugere-se, que dentro das possibilidades da escola, trabalhe-se com grupos menores de no máximo 20 crianças, e opte-se por ambientes que não sejam a sala de aula tradicional. Sugere-se que se faça uma roda de conversa em que se permita que as crianças se expressem, que sejam incentivadas para que isso ocorra; organizem-se grupos mistos, com meninos e meninas, pois nos próprios posicionamentos deles, possibilita-se a formação da empatia, ou seja, de se colocar no lugar do outro.

É também um fator importante que o professor esteja realmente preparado, inteirado do assunto, dos termos, das notícias mais recentes relacionadas à temática, pois a partir do momento que a criança sentir-se segura de dialogar sobre a temática, muitas questões surgiram, muitos questionamentos serão feitos. O educador também deve tomar muito cuidado com a sistematização dos conceitos dos educandos e a forma como responde as suas perguntas. Um tom elevado ou mais ríspido pode desconstruir o acesso que se teve através da contação de história.

Muito do conteúdo abordado nessa pesquisa, não apresenta resultados imediatos que possam ser medidos ou avaliados em resoluções de questionários ou atividades, o educando pode fazer discursos, responder questões corretamente, mas ter atitudes práticas totalmente contrárias a todo trabalho realizado. Os resultados só poderão ser percebidos em ações e relações sociais que virão a acontecer durante toda a vida do educando.

5.1 BENEFÍCIOS

Os benefícios que se apresentam foram o aprendizado de várias questões ligadas a Educação Sexual, que foram viabilizadas pelo uso da literatura infantojuvenil. A utilização desse mecanismo permite que o assunto seja abordado de forma lúdica, ampliando a afinidade na relação professor-aluno e assim possibilitando que o educando sinta-se mais à vontade para se expressar e realizar questionamentos para tirar as possíveis dúvidas que tenham sobre o assunto.

5.2 LIMITAÇÕES

O assunto abordado esteve pouco presente na formação inicial da pesquisadora, Licenciatura em Pedagogia. Durante o período em que cursava o mestrado, procurou por cursos específicos de formação em Educação Sexual, chegando a realizar dois cursos a distância, mas que considerou a abordagem muito superficial do tema.

A pesquisadora encontrou pouco referencial relacionado ao assunto nos acervos das bibliotecas das duas universidades públicas da cidade, tendo por esse motivo expandido significativamente seu acervo pessoal.

Ao seguir os modelos de documentação do Comitê de Ética em Pesquisa, os documentos ficaram muito extensos, o que dificultava a leitura e pareceu intimidar os participantes da pesquisa e seus responsáveis.

Outro aspecto relevante, foi a presença dos professores da escola durante a realização da pesquisa, apesar de estarem presentes para auxiliar a pesquisadora em qualquer eventual necessidade que viesse a ter, o assunto demanda confiança de ambas as partes, e as crianças demonstraram receio em vários momentos de serem repreendidas ao falarem abertamente do assunto.

A necessidade de autorização dos pais ou responsáveis para a participação das aplicações, pois conseguir a presença desses na escola é sempre um desafio, até mesmo para questões corriqueiras na escola. Essa foi uma dificuldade encontrada na pesquisa, mas que não será um problema em futuras ações dos

professores já que tudo o que foi trabalhado faz parte do conteúdo programático presente nas diretrizes curriculares que norteiam o trabalho pedagógico.

5.3 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Como sugestão para trabalhos futuros, acredita-se que o que mais se faz necessário e que ficou evidente com a pesquisa realizada é a formação de professores para se desenvolver o trabalho no dia a dia de sala de aula. O trabalho realizado pela pesquisadora foi por um período muito curto e marcado, e como foi discutido no próprio trabalho a Educação Sexual é um trabalho que deve acontecer na vida inteira de todos os sujeitos e não apenas em ações pontuais.

Além da formação dos professores, é preciso se pensar num trabalho realizado com os pais desses alunos, não como parte de um projeto, mas como parte das ações da escola, para se desconstruir preconceitos e barreiras que se construíram ao longo dos tempos nas questões ligadas a Educação Sexual.

Pode-se pensar também em um trabalho de investigação em que se compreenda como os professores utilizam o Caderno de Orientações para o desenvolvimento da Educação Sexual com abordagens científicas e o auxílio da literatura infanto-juvenil.

REFERÊNCIAS

BATISTA, C. A. **Educação e sexualidade**: um diálogo com educadores. São Paulo: Ícone, 2008.

BIZZO, N. **Ciências**: Fácil ou difícil. 2ª ed. 10ª impressão. São Paulo: Ed. Ática, 2008.

BRAGA, C. **Muito além dos gêneros masculino e feminino 2015**. Disponível em: <<http://www.reporterunesp.jor.br/muito-alem-dos-generos-masculino-e-do-feminino/>>. Acesso em: 22 de ago. de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação **Caderno Escola sem homofobia**: não publicado. 2015. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/pdf/kit-gay-escola-sem-homofobia-mec.pdf>>. Acesso em: 7 de jul. de 2015.

BRASIL. Constituição **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 24 de mar. de 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei 9394/96**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 24 de mar. de 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de Bolso das Doenças Sexualmente Transmissíveis** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. **Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (Viva): 2009, 2010 e 2011** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Nota Técnica nº 18/2015** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/comissoes/comissoespermanentes/cdhm/documentos/notas-taquigraficas>>. Acesso em: 23 de ago. de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental: Ética** Brasília, 1997a. Disponível em: <<http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/verContenido.aspx?ID=203464>>. Acesso em: 24 de mar. de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual** Brasília, 1997b. Disponível em: <<http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/verContenido.aspx?ID=203464>>. Acesso em: 24 de set. de 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Fundamental: Orientação Sexual.** Brasília, 1997c. Disponível em: <<http://www.portaleducarbrasil.com.br/Portal.Base/Web/verContenido.aspx?ID=203464>>. Acesso em: 24 de set. de 2013.

BRAUN, S. **A violência sexual infantil na família: do silêncio à revelação do segredo.** Porto Alegre-RS: Editora AGE, 2002.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar - um diálogo entre a teoria e a prática.** 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2003, n.22, pp.89-100. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000100009>>. Acesso em: jul. de 2015.

CICCO, R. R. de; VARGAS, E. P. As doenças Sexualmente Transmissíveis em livros didáticos: aportes para o ensino de ciências. **Revista electrónica de investigación en educación en ciencias** ISSN 1850-6666 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2733/273323593002/>>. Acesso em: jun. de 2016.

DAWSON, J. **Este livro é gay e hétero, e bi, e trans ...**Título original: This book is gay. Tradução: Rafael Montovani. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

DELIZOICOV, D.; LORENZETTI, L. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **Ensaio**. v3, nº1, jun.2001. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewFile/35/66>>. Acesso em: maio de 2015.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

DESLANDES, S. F. **Prevenir a violência** Um desafio para profissionais de saúde. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES – Jorge Careli, 1994.

DIAS, A.; PEREIRA, I. Prevenção da gravidez na Adolescência: Educação Sexual em contexto escolar. **Nursing Edição Portuguesa**. 2010 Disponível em: <<http://forumenfermagem.com/dossier-tecnico/revistas/nursing/item/3572-prevencao-da-gravidez-na-adolescencia-educacao-sexual-em-contexto-escolar#.V60OhlsrLIU>>. Acesso em: maio de 2016.

FARIAS, G. F. **Gênero no mercado de trabalho: Mulheres engenheiras**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia, CEFET- PR, Curitiba, 2007. Disponível em: <http://files.dirppg.ct.utfpr.edu.br/ppgte/dissertacoes/2007/ppgte_dissertacao_226_2007.pdf>. Acesso em: maio de 2014.

FERNANDES, L. M. et al. Análise do conhecimento de alunos da educação de jovens e adultos (EJA) sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 10, n. 2, p. 26-34, ago./dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/712/pdf>>. Acesso em: jun. de 2016.

FERREIRA, B. M. M. L.; LUZ, S. da. Sexualidade e gênero na escola. In: LUZ, N. S. da. CARVALHO, M. G. de. CASAGRANDE, L. S. (Org.) **Construindo a igualdade na diversidade: Gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FIEDLER, M. W.; ARAÚJO, A.; SOUZA, M. C. C. A prevenção da gravidez na adolescência na visão de adolescentes. Texto **Contexto Enferm**, Florianópolis, 2015 Jan-Mar; 24(1): 30-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00030.pdf>. Acesso em: jun. de 2016.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Revendo A História Da Educação Sexual No Brasil: Ponto De Partida Para Construção De Um Novo Rumo. **Nuances** Vol. IV – Setembro de 1998. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/84>> Acesso em: 07 de set. de 2014.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3 ed. ver. E atual. Londrina: Eduel, 2010.

FRASSON, P. C. **Os patamares de adesão das escolas à Educação Sexual.**; orientação: Alberto Villani. Tese Doutorado – (Programa de Pós-graduação em Educação. Área de concentração: ensino de Ciências e Matemática) .Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Prefácio. In: RIBEIRO, M. **Mamãe como eu nasci?**: Educação Sexual para crianças. 3ed. ver. E reform. São Paulo: Moderna, 2011.

FREIRE, P; GUIMARÃES, S. **Educar com mídias**: novos diálogos sobre educação. São Paulo. Paz e Terra, 2011.

FURLANI, J. **Educação Sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GARCIA, M.; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade.** UNESCO Brasil, 2004.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **Contos maravilhosos infantis e domésticos. (1812-1815).** Editora Cosac Nafy, 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse estatística da educação básica**: censo escolar 2002 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. – Brasília: O Instituto, 2002.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012. 42p.

JOSÉ, E. **Literatura infantil: ler, contar e encantar crianças.** Porto Alegre, Mediação, 2009.

KRASILCHIK, M.; MARANDINO, M. **Ensino de ciência e cidadania.** São Paulo, Editora Moderna, 2007.

KIRCHOF, E. R.; BONIN, I. T.; SILVEIRA, R. M. H. Literatura Infantil e Diferenças. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1045-1052, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: maio de 2015.

KODATO, S.; PEREIRA, H. M. G.; BORIN, T. B. Análise psicossocial da violência de gênero e da agressão sexual. In: PONZILACQUA, M. H. P. (Org.). **Violência doméstica, agressão sexual e direito: da constatação ao enfrentamento pela perspectiva transdisciplinar.** Curitiba- PR: Editora CRV., 2013.

LORENZETTI, L.; DELIZOICOV, D. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. **ENSAIO – Pesquisa em Educação em Ciências** Volume 03/ Número 1 – Junho de 2001.

LOURO, G. L. (Org.) **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. estud.** [online]. 2012, vol.17, n.1, pp. 151-156. ISSN 1413-7372. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a16.pdf>>. Acesso em: 2 de nov. de 2013.

MENEGAZZO, R. C. S.; STADLER, R. de C. A linguagem e o ensino de ciências. In STADLER, R. de C. (org). **A importância da linguagem no ensino de ciências: experiências e reflexões.** 1 ed. – Curitiba, PR: CRV. 2012.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MICHAELIS **DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. 2015. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/> >. Acesso em: maio de 2015.

MIZUNUMA, S.; LIMA, S. A. de. A Educação Sexual no currículo de Ciências na Rede Municipal de Ensino de Ponta Grossa. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA, 4º., 2014, Ponta Grossa. **Anais IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia**. Ponta Grossa: Utfpr, 2014. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://www.sinect.com.br/anais2014>>.

MIZUNUMA, S.; LIMA, S. A. de. Considerações sobre a importância da Educação Sexual para a criança pequena como forma de prevenção da violência. **Revista Tecné, Episteme y Didaxis: TED**. Año 2016, Número Extraordinario. ISSN Impreso: 0121-3814, ISSN web: 2323-0126 Memorias, Séptimo Congreso Internacional sobre Formación de Profesores de Ciencias. 12 al 14 de octubre de 2016, Bogotá.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2008. 2ª Ed.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Centauro. 2001.

NIGRO, R. G.; AZEVEDO, M. N. Ensino de ciências no fundamental 1: perfil de um grupo de professores em formação continuada num contexto de alfabetização científica. **Ciênc. educ. (Bauru)** [online]. 2011, vol.17, n.3, pp.705-720. ISSN 1516-7313. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132011000300012>>. Acesso em: jan. de 2016.

NUNES, C. **A educação sexual da criança e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas SP: Autores associados, 2000.

OLIVEIRA, J. de S. **Educação Sexual: anatomia, fisiologia e reprodução crises na adolescência (conceitos e tabus)**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora Nova Alvorada, 1995.

PALCHA, L. S.; OLIVEIRA, O. B. de. A evolução do ovo: quando leitura e literatura se encontram no ensino de ciências **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal Scientific Information System Revista Ensaio**. V. 16 n.01 p.101-114, jan-abr. 2014. Disponível em: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewArticle/1571>>. Acesso em: abr. de 2015.

PANIAGO, Z. M. de S.; REIS, M. S. A. O ensino de ciências nas séries iniciais. In: IV Simpósio de Educação do Sudoeste Goiano, 2005, Jataí. **ANAIS - IV Simpósio de Educação do Sudoeste Goiano**, 2005. p. 1-10. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/98/103%20acesso%20em%20%3C26>>. Acesso em: 26 de março de 2015.

PERRAULT, C. **Contos de mamãe gansa**. Editora L& pm Pocket, 2010.

PONTA GROSSA. **Diretrizes curriculares: ensino fundamental / Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, Secretaria Municipal de Educação**. – Ponta Grossa (PR), 2015. 220 p.

PONZILACQUA, M. H. P. (Org.). **Violência Doméstica, Agressão Sexual e Direito: da constatação ao enfrentamento pela perspectiva transdisciplinar**. Editora CRV. Curitiba- PR, 2013.

QUIRINO, G. da S.; ROCHA, J. B. T. da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educ. rev.** [online]. 2012, n.43, pp. 205-224. ISSN 0104-4060. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n43/n43a14.pdf>>. Acesso em: maio de 2015.

RIBEIRO, M. **Mamãe como eu nasci?: Educação Sexual para crianças**. 3ed. ver. E reform. São Paulo: Moderna, 2011.

ROSA, C. W; PEREZ, C. A. S; DRUM, C. Ensino de física nas séries iniciais: concepções da prática docente. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 3, p.357-368, 2007. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID176/v12_n3_a2007.pdf>. Acesso em 03 abr. 2010.

SEVERI, F. C. Violência e discriminação contra as mulheres e o acesso à justiça: algumas considerações sobre os desafios em se construir um Justiça de Gênero. In: PONZILACQUA, M. H. P. (Org.) **Violência Doméstica, Agressão Sexual e Direito: da constatação ao enfrentamento pela perspectiva transdisciplinar**. Editora CRV. Curitiba- PR, 2013.

SILVA, D. Q.; GUERRA, O. U. Práticas de educação sexual: un análisis en escuelas municipales del sur de Brasil. **Revista académica evaluada por pares, independiente, de acceso abierto y multilíngue** 2011. vol. 19 n. 14 Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=275019735014>>. Acesso em: março de 2015.

SILVA, A. C. A.; ANDRADE, M. S.; SILVA, R. S. da; EVANGELISTA, T. J. (et.al) Fatores de risco que contribuem para a ocorrência da gravidez na adolescência: revisão integrativa da literatura. **Revista Cuidarte, Programa de Enfermeria** – Universidad de Santander – UDES ISSN: 2216-0973 E-ISSN: 2346-3414. Disponível em: <<http://www.revistacuidarte.org/index.php/cuidarte/article/view/14>>. Acesso em: junho de 2016.

SOARES, J. dos S. F.; LOPES, M. J. M. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, jun. de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013000600009&script=sci_arttext>. Acesso em: março de 2015.

SOARES, B. M.; CAETANO, R. de O.; SOARES, S. de S. **A sexualidade no ensino de ciências**. Disponível em: <<http://sinect.com.br/anais2014/anais2014/artigos/ensino-de-ciencias/01409336252.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2016.

SOUZA, A. X. A.; NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. da P. L. Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. **Psicol. Soc.** vol.24 no.3, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000300012>. Acesso em: junho de 2016.

SUPLICY, M. **Conversando sobre Sexo**. Petrópolis – RJ. 4. Ed. 1983.

TEIXEIRA, F. M. Alfabetização científica: questões para reflexão. **Ciênc. educ. (Bauru) [online]**. 2013, vol.19, n.4, pp.795-809. ISSN 1980-850X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132013000400002>>. Acesso em: outubro de 2015.

UZIEL, A. P.; RIOS, L. F.; PARKER, R. G. **Construções da sexualidade: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids**. Rio de Janeiro. Editora Pallas: Programa em Gênero e Sexualidade IMS/UERJ e ABIA, 2004.

VIECHENESKI, J. P.; LORENZETTI, L.; CARLETTO, M. R. Desafios e práticas para o ensino de ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **ATOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO - PPGE/ME** ISSN 1809-0354 v. 7, n. 3, p. 853-876, set./dez. 2012.

WENETZ, I. Gênero, corpo e sexualidade: negociações nas brincadeiras do pátio escolar. **Cad. Cedes Campinas**, vol. 32, n. 87, p. 199-299, mai.- ago. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n87/06.pdf>>. Acesso em: março de 2015.

APÊNDICE A – APROVAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Educação científica no Ensino Fundamental I: a questão da Educação Sexual

Pesquisador: SAMANTA MIZUNUMA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 37973014.9.0000.5547

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 985.319

Data da Relatoria: 12/03/2015

Endereço: SETE DE SETEMBRO 3165

CEP: 80.230-901

UF: PR

Município: CURITIBA

(41)3310-4943

E-mail: coep@utfpr.edu.br

Apresentação do Projeto:

Segundo a autora, o ingresso das crianças na escola tem ocorrido cada dia mais cedo. No entanto, mesmo com a antecipação, sua bagagem cultural tem se apresentado cada vez mais ampla devido a grande facilidade de acesso à informação. Quando pensado nas questões sexuais, percebe-se uma banalização destas pelas mídias e meios de comunicação. Nesse sentido, este trabalho tem por intenção desenvolver um mecanismo para uma Educação Sexual científica de qualidade, como busca na formação integral do educando. Utilizando neste mecanismo a literatura infantojuvenil como instrumento de ensino na disciplina de Ciências. Para isso, será feita uma pesquisa aplicada de observação participante com abordagens qualitativas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral:

Criar um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual no Ensino Fundamental I

Objetivos específicos:

Verificar como os educadores da cidade de Ponta Grossa compreendem o trabalho sobre sexualidade em conformidade com o currículo de ciências;

Identificar as principais dificuldades e necessidades dos educadores para desenvolver

Continuação do Parecer: 985.319

trabalhos com as questões de sexualidade;

Endereço: SETE DE SETEMBRO 3165

CEP: 80.230-901

UF: PR

Município: CURITIBA

(41)3310-4943

E-mail: coep@utfpr.edu.br

Examinar/interpretar os posicionamentos dos educadores com relação à situação problema deste trabalho;

Elaborar um material que venha a servir de apoio aos educadores, das séries iniciais no Ensino de Ciências.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a autora os riscos da pesquisa são: Não haverá desconforto do ponto de vista físico ou biológico. O único risco é a possibilidade de constrangimento ao tratar do assunto Sexualidade. No mais, não há riscos. Os alunos e os professores não serão expostos ao público. Seus nomes bem como imagens não serão divulgados, bem como não será identificada a escola nem a cidade onde ocorrerá a pesquisa.

Segundo a autora os benefícios da pesquisa são: A Educação Sexual é uma questão que deve ser trabalhada em conjunto entre família e escola. Porém devido à complexidade do assunto, muitas vezes, acaba sendo deixada de lado por ambas as partes. O trabalho tem por objetivo, beneficiar pais, educadores ou interessados no assunto, para que tenham um mecanismo de apoio para desenvolver uma Educação Sexual de qualidade. Para isso, a realização da pesquisa com os sujeitos apresentados se faz necessário.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa referente à Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia, da UTFPR – Ponta Grossa. O objeto de estudo é de extrema importância e está relacionado ao aprimoramento dos conhecimentos relativos à sexualidade a serem tratados na disciplina de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Endereço: SETE DE SETEMBRO 3165

CEP: 80.230-901

UF: PR

Município: CURITIBA

(41)3310-4943

E-mail: coep@utfpr.edu.br

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atende na íntegra os termos da Resolução 466 de 12/12/2012.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: SETE DE SETEMBRO 3165

CEP: 80.230-901

UF: PR

Município: CURITIBA

(41)3310-4943

E-mail: coep@utfpr.edu.br

APÊNDICE B – TCLE PARA PROFESSORES E QUESTIONÁRIO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**Título da pesquisa:**

Educação Científica no Ensino Fundamental I: a questão da Educação Sexual

Pesquisador(es), com endereços e telefones:

Samanta Mizunuma

Rua: Major Manoel Grott, 691. Vila Liane. Ponta Grossa-Pr. CEP:84015-350

Telefones: (42) 32384231/ (42) 99384400

Engenheiro ou médico ou orientador ou outro profissional responsável:

Siumara Aparecida de Lima

Doutora em Letras

Professora do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia

UTFPR - Câmpus Ponta Grossa

Local de realização da pesquisa:

Escolas da Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa

Endereço, telefone do local:

Av. Visconde de Taunay, 950. CEP: 84051-900

Telefones: (42) 3220-1127/ (42) 3220-1221

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE**1. Apresentação da pesquisa.**

Durante o desenvolvimento de um projeto de leitura surgiu uma polêmica diante do livro "Meus dois pais" de Walcyr Carrasco, o qual faz referências às questões de gênero sexual. Toda a situação criada em torno do livro, envolveu pais e

professores, que diante de tal polêmica realizaram diferentes comentários e apontamentos, na maior parte delas, errôneas, em relação à Educação Sexual. Estes acontecimentos geraram questionamentos que deram origem ao problema desta pesquisa.

Nesse sentido, compreende-se que as questões de sexualidade fazem parte do currículo da educação, sendo assim, devem ser trabalhadas dentro da escola. No entanto, existem barreiras que acabam atrapalhando o desenvolvimento de atividades relacionadas a tais questões, acabando por tornar aos educando os modelos transmitidos pelas mídias e meios de comunicação, onde são fortemente expostos de forma banalizada tratando essas questões de forma vulgar e transformando os seus conceitos em mero negócio/mercadoria.

Toda essa “avalanche” de informações que recebem nossos educandos deve ser trabalhada na escola, de modo a sistematizar as informações adquiridas através dos meios de comunicação, para que estes se tornem um novo conhecimento, considerando essa atuação do educador como sua função social.

Porém além das informações e caracterizações das mídias em relação a essas temáticas, existem as bagagens culturais trazidas por toda a comunidade escolar, que acaba por interferir na realização de trabalhos voltados para as questões sexualidade. Percebe-se que estas questões, são muitas vezes deixadas de lado, para se evitar conflitos entre a escola e a comunidade, ou mesmo educadores que procuram trabalhar, fazem-no de maneira restrita e cautelosa, justamente por responder a uma sociedade que em sua maioria ainda trata do sexo como pecado.

Tem-se por intenção nesse trabalho, compreender a perspectiva dos educadores da cidade de Ponta Grossa, em relação às questões de sexualidade. Considerando suas bagagens culturais e sua formação profissional, reconhecendo que existem ou não dificuldades de se trabalhar com os temas e quais as consequências de não se sistematizar os conhecimentos dos educandos sabendo que estes estão cheios de dúvidas e curiosidades e que existe um farto “arsenal” de informações de livre acesso em todos os meios de comunicação.

Ao compreender as problemáticas do trabalho, espera-se poder desenvolver um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual, com práticas de projetos desenvolvidos a partir da literatura infantojuvenil relacionada às temáticas de sexualidade, que possa vir a contribuir com os educadores presentes nos anos iniciais do ensino fundamental (3º ao 5º ano, com 7 a 10 anos de idade), de modo que passem a realizar reflexões e assim melhorar a qualidade do trabalho realizado com seus alunos.

2. Objetivos da pesquisa.

Objetivo geral:

- ✓ Criar um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual no Ensino Fundamental I

Objetivos específicos:

- ✓ Verificar como os educadores da cidade de Ponta Grossa compreendem o trabalho sobre sexualidade em conformidade com o currículo de ciências;
- ✓ Identificar as principais dificuldades e necessidades dos educadores para desenvolver trabalhos com as questões de sexualidade;
- ✓ Examinar/interpretar os posicionamentos dos educadores com relação à situação problema deste trabalho;
- ✓ Elaborar um material que venha a servir de apoio aos educadores, das séries iniciais no Ensino de Ciências.

3. Participação na pesquisa.

A pesquisa acontecerá em dois momentos, possuindo dois sujeitos de pesquisa:

1º Momento- os sujeitos de pesquisa serão os professores das series iniciais do Ensino Fundamental, respondendo a um questionário sobre suas atividades referentes à educação sexual, nas series iniciais do Ensino Fundamental.

2º Momento- os sujeitos de pesquisa serão alunos das series iniciais, os quais participaram nas aplicações do material desenvolvido com a literatura infantojuvenil para a educação sexual, nas series iniciais do Ensino Fundamental.

Sua participação diz respeito ao 1º momento da pesquisa, quando responderá ao questionário que está anexado a esse documento.

4. Confidencialidade.

A utilização de declarações feitas pelos sujeitos de pesquisa, bem como as imagens fotografadas ou filmadas serão utilizada somente para fins acadêmicos. Ainda reforçamos, que em nenhum trabalho será divulgado o nome dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

5. Desconfortos, Riscos e Benefícios.

5a) Desconfortos e ou Riscos:

Não haverá desconforto do ponto de vista físico ou biológico. O único risco é a possibilidade de constrangimento ao tratar do assunto Sexualidade. No mais, não há riscos. Os alunos e os professores não serão expostos ao público. Seus nomes bem

como imagens não serão divulgados, bem como não será identificada a escola nem a cidade onde ocorrerá a pesquisa.

5b) Benefícios:

A Educação Sexual é uma questão que deve ser trabalhada em conjunto entre família e escola. Porém devido à complexidade do assunto, muitas vezes, acaba sendo deixadas de lado por ambas as partes. O trabalho tem por objetivo, beneficiar pais, educadores ou interessados no assunto, para que tenham um mecanismo de apoio para desenvolver uma Educação Sexual de qualidade. Para isso, a realização da pesquisa com os sujeitos apresentados se faz necessário.

6. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão:

A temática da pesquisa e sua intenção de material a ser elaborado na finalização do trabalho serviram como critérios de seleção dos sujeitos de pesquisa. Onde se faz necessário que todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, estejam incluídos nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Os professores da rede de Ensino Municipal na cidade onde será desenvolvido o projeto.

6b) Exclusão:

Professores que após informados sobre como será a pesquisa, não se dispuserem a participar da pesquisa.

7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Durante todo o processo, o sujeito de pesquisa poderá tirar qualquer dúvida que precise de esclarecimentos, sendo necessário apenas que entre em contato por telefone ou e-mail com o pesquisador responsável pelo trabalho.

É de direito do sujeito pesquisado, não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento da pesquisa. Sem nenhum prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

8. Ressarcimento ou indenização.

Caso haja a necessidade de ressarcimento e/ou indenização decorrente da pesquisa, estes serão de responsabilidade da equipe/instituição que fará o acompanhamento e se encarregará de seus custos.

B) CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento utilizem os dados obtidos através dos questionários, para fins de pesquisa científica/educacional.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Os questionários e seus respectivos dados, ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/_____ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: ___/___/_____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____ Data: _____

(ou seu representante)

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Samanta Mizunuma, via e-mail: mizunumasamanta@gmail.com ou telefone: (42) 99384400.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado
Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)
REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

OBS: este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do sujeito de pesquisa

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1- Identificação:

Nome (opcional): _____

Formação:

Pedagogia

Outra licenciatura. Qual? _____

Especialização

Sim Não

Se sim, qual? _____

Mestrado

Sim Não

Função atual na escola:

Professora – 1ºano 2ºano 3ºano 4ºano 5ºano

2- O ensino de ciências e a educação sexual:

1) Durante sua graduação, teve alguma formação específica na área de ciências?

Sim Não

2) Leciona a disciplina de ciências?

Sim Não

3) Sua formação inicial foi suficiente para o desenvolvimento do seu trabalho com a disciplina de ciências?

Sim Não

Justifique: _____

 Rubrica do Pesquisador

 Rubrica do sujeito de pesquisa

4) Desenvolve atividades na disciplina de ciências sobre a Educação Sexual?

Sim Não

Justifique: _____

5) Já vivenciou alguma situação na sua escola, envolvendo questões de sexualidade (comportamentos, atitudes ou falas dos alunos)?

Sim Não

Se sim, descreva:

6) Quais foram as atitudes tomadas frente à situação citada?

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, portador(a) do RG _____ concordo em participar, voluntariamente, da pesquisa de autoria da Professora Samanta Mizunuma. Autorizo, para fins acadêmicos, a utilização dos dados apresentados nesse questionário, sabendo que em momento algum da pesquisa o meu nome será citado. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização.

Ponta Grossa, _____ de _____ de 20____.

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Samanta Mizunuma, via e-mail: mizunumasamanta@gmail.com ou telefone: (42) 99384400.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

 Rubrica do Pesquisador

 Rubrica do sujeito de pesquisa

APÊNDICE C: MODELO DE PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Protocolo de observação baseado em Metodologias da pesquisa para o professor pesquisador (MOREIRA e CALEFFE, 2006)	
DATA: TURMA:	CARCATERÍSTICAS DA TURMA:
Anotações descritivas:	Anotações reflexivas:

APÊNDICE D: TCLE (PARA OS PAIS)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Titulo da pesquisa:

Educação Científica no Ensino Fundamental I: a questão da Educação Sexual

Pesquisador(es), com endereços e telefones:

Samanta Mizunuma

Rua: Major Manoel Grott, 691. Vila Liane. Ponta Grossa-Pr. CEP:84015-350

Telefones: (42) 32384231/ (42) 99384400

Engenheiro ou médico ou orientador ou outro profissional responsável:

Siumara Aparecida de Lima

Doutora em Letras

Professora do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia

UTFPR - Câmpus Ponta Grossa

Local de realização da pesquisa:

Escolas da Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa

Endereço, telefone do local:

Av. Visconde de Taunay, 950. CEP: 84051-900

Telefones: (42) 3220-1127/ (42) 3220-1221

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

9. Apresentação da pesquisa.

Durante o desenvolvimento de um projeto de leitura surgiu uma polêmica diante do livro "Meus dois pais" de Walcyr Carrasco, o qual faz referências às questões de gênero sexual. Toda a situação criada em torno do livro, envolveu pais e professores, que diante de tal polêmica realizaram diferentes comentários e apontamentos, na maior parte delas, errôneas, em relação à Educação Sexual.

Estes acontecimentos geraram questionamentos que deram origem ao problema desta pesquisa.

Nesse sentido, compreende-se que as questões de sexualidade fazem parte do currículo da educação, sendo assim, devem ser trabalhadas dentro da escola. No entanto, existem barreiras que acabam atrapalhando o desenvolvimento de atividades relacionadas a tais questões, acabando por tornar aos educando os modelos transmitidos pelas mídias e meios de comunicação, onde são fortemente expostos de forma banalizada tratando essas questões de forma vulgar e transformando os seus conceitos em mero negócio/mercadoria.

Toda essa “avalanche” de informações que recebem nossos educandos deve ser trabalhada na escola, de modo a sistematizar as informações adquiridas através dos meios de comunicação, para que estes se tornem um novo conhecimento, considerando essa atuação do educador como sua função social.

Porém além das informações e caracterizações das mídias em relação a essas temáticas, existem as bagagens culturais trazidas por toda a comunidade escolar, que acaba por interferir na realização de trabalhos voltados para as questões sexualidade. Onde se percebe que estas questões, são muitas vezes deixadas de lado, para se evitar conflitos entre a escola e a comunidade, ou mesmo educadores que procuram trabalhar, fazem-no de maneira restrita e cautelosa, justamente por responder a uma sociedade que em sua maioria ainda trata do sexo como pecado.

Tem-se por intenção nesse trabalho, compreender a perspectiva dos educadores da cidade de Ponta Grossa, em relação às questões de sexualidade. Considerando suas bagagens culturais e sua formação profissional, reconhecendo que existem ou não dificuldades de se trabalhar com os temas e quais as consequências de não se sistematizar os conhecimentos dos educandos sabendo que estes estão cheios de dúvidas e curiosidades e que existe um farto “arsenal” de informações de livre acesso em todos os meios de comunicação.

Ao compreender as problemáticas do trabalho, espera-se poder desenvolver um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual, com práticas de projetos desenvolvidos a partir da literatura infantojuvenil relacionada às temáticas de sexualidade, que possa vir a contribuir com os educadores presentes nos anos iniciais do ensino fundamental (3° ao 5° ano, com 7 a 10 anos de idade), de modo que passem a realizar reflexões e assim melhorar a qualidade do trabalho realizado com seus alunos.

10. Objetivos da pesquisa.

Objetivo geral:

- ✓ Criar um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual no Ensino Fundamental I

Objetivos específicos:

- ✓ Verificar como os educadores da cidade de Ponta Grossa compreendem o trabalho sobre sexualidade em conformidade com o currículo de ciências;
- ✓ Identificar as principais dificuldades e necessidades dos educadores para desenvolver trabalhos com as questões de sexualidade;
- ✓ Examinar/interpretar os posicionamentos dos educadores com relação à situação problema deste trabalho;
- ✓ Elaborar um material que venha a servir de apoio aos educadores, das séries iniciais no Ensino de Ciências.

11. Participação na pesquisa.

A pesquisa acontecerá em dois momentos, possuindo dois sujeitos de pesquisa:

1º Momento- os sujeitos de pesquisa serão os professores das series iniciais do Ensino Fundamental, respondendo a um questionário sobre suas atividades referentes à educação sexual, nas series iniciais do Ensino Fundamental.

2º Momento- os sujeitos de pesquisa serão alunos das series iniciais, os quais participaram nas aplicações do material desenvolvido com a literatura infantojuvenil para a educação sexual, nas series iniciais do Ensino Fundamental.

A participação se seu filho(a) acontecerá apenas no segundo momento, com o projeto **Educação Científica no Ensino Fundamental I: a questão da Educação Sexual**, que é um trabalho desenvolvido na escola e constará de atividade de aprendizagem a serem realizadas a partir de um projeto que visa à Educação Sexual do educando. Por meio dessa atividade, os educandos serão orientados a respeito de assuntos relacionados aos conteúdos planejados para a série em que se encontram sobre questões da sexualidade.

Além de ser uma prática realizada por educandos e educadores envolvendo o ensino, também é parte da pesquisa de autoria da educadora Samanta Mizunuma, a qual é mestranda em Ensino de Ciências e Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná- Campus Ponta Grossa.

Durante a realização das atividades, serão feitos registros das falas e das atividades realizadas pelo seu filho(a).

12. Confidencialidade.

A utilização de declarações feitas pelos sujeitos de pesquisa, bem como as imagens fotografadas ou filmadas serão utilizada somente para fins acadêmicos. Ainda reforçamos, que em nenhum trabalho será divulgado o nome dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

13. Desconfortos, Riscos e Benefícios.

5a) Desconfortos e ou Riscos:

Não haverá desconforto do ponto de vista físico ou biológico. O único risco é a possibilidade de constrangimento ao tratar do assunto Sexualidade. No mais, não há riscos. Os alunos e os professores não serão expostos ao público. Seus nomes bem como imagens não serão divulgados, bem como não será identificada a escola nem a cidade onde ocorrerá a pesquisa.

5b) Benefícios:

A Educação Sexual é uma questão que deve ser trabalhada em conjunto entre família e escola. Porém devido à complexidade do assunto, muitas vezes, acaba sendo deixadas de lado por ambas as partes. O trabalho tem por objetivo, beneficiar pais, educadores ou interessados no assunto, para que tenham um mecanismo de apoio para desenvolver uma Educação Sexual de qualidade. Para isso, a realização da pesquisa com os sujeitos apresentados se faz necessário.

14. Critérios de inclusão e exclusão.**6a) Inclusão:**

A temática da pesquisa e sua intenção de material a ser elaborado na finalização do trabalho serviram como critérios de seleção dos sujeitos de pesquisa. Onde se faz necessário que todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, estejam incluídos nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Alunos matriculados na rede de Ensino Municipal na cidade onde será desenvolvido o projeto.

6b) Exclusão:

Alunos cujos pais ou responsáveis, depois de informados sobre como se dará a pesquisa, não autorizem a participação de seus filhos. Alunos que não tiverem o interesse em participar da pesquisa.

15. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Durante todo o processo, o sujeito de pesquisa poderá tirar qualquer dúvida que precise de esclarecimentos, sendo necessário apenas que entre em contato por telefone ou e-mail com o pesquisador responsável pelo trabalho.

É de direito do sujeito pesquisado, não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento da pesquisa. Sem nenhum prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

16. Ressarcimento ou indenização.

Caso haja a necessidade de ressarcimento e/ou indenização decorrente da pesquisa, estes serão de responsabilidade da equipe/instituição que fará o acompanhamento e se encarregará de seus custos.

B) CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a participação do meu filho(a), a qualquer momento sem dar uma

razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Os dados obtidos durante as observações, ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/____ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____

Data: ___/___/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador:

Data: _____

(ou seu representante)

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Samanta Mizunuma, via e-mail: mizunumasamanta@gmail.com ou telefone: (42)99384400.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)

REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

OBS: este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do sujeito de pesquisa

APÊNDICE E: TCUISV (PARA OS PAIS)

**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E SOM DE VOZ
(TCUISV)**

Título da pesquisa:

Educação Científica no Ensino Fundamental I: a questão da Educação Sexual

Pesquisador(es), com endereços e telefones:

Samanta Mizunuma

Rua: Major Manoel Grott, 691. Vila Liane. Ponta Grossa-Pr. CEP:84015-350

Telefones: (42) 32384231/ (42) 99384400

Engenheiro ou médico ou orientador ou outro profissional responsável:

Siumara Aparecida de Lima

Doutora em Letras

Professora do Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Tecnologia

UTFPR - Câmpus Ponta Grossa

Local de realização da pesquisa:

Escolas da Secretaria Municipal de Educação de Ponta Grossa

Endereço, telefone do local:

Av. Visconde de Taunay, 950. CEP: 84051-900

Telefones: (42) 3220-1127/ (42) 3220-1221

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

17. Apresentação da pesquisa.

Durante o desenvolvimento de um projeto de leitura surgiu uma polêmica diante do livro "Meus dois pais" de Walcyr Carrasco, o qual faz referências às questões de gênero sexual. Toda a situação criada em torno do livro, envolveu pais e professores, que diante de tal polêmica realizaram diferentes comentários e apontamentos, na maior parte delas, errôneas, em relação à Educação Sexual. Estes acontecimentos geraram questionamentos que deram origem ao problema desta pesquisa.

Nesse sentido, compreende-se que as questões de sexualidade fazem parte do currículo da educação, sendo assim, devem ser trabalhadas dentro da escola. No entanto, existem barreiras que acabam atrapalhando o desenvolvimento de atividades relacionadas

a tais questões, acabando por tornar aos educando os modelos transmitidos pelas mídias e meios de comunicação, onde são fortemente expostos de forma banalizada tratando essas questões de forma vulgar e transformando os seus conceitos em mero negócio/mercadoria.

Toda essa “avalanche” de informações que recebem nossos educandos deve ser trabalhada na escola, de modo a sistematizar as informações adquiridas através dos meios de comunicação, para que estes se tornem um novo conhecimento, considerando essa atuação do educador como sua função social.

Porém além das informações e caracterizações das mídias em relação a essas temáticas, existem as bagagens culturais trazidas por toda a comunidade escolar, que acaba por interferir na realização de trabalhos voltados para as questões sexualidade. Onde se percebe que estas questões, são muitas vezes deixadas de lado, para se evitar conflitos entre a escola e a comunidade, ou mesmo educadores que procuram trabalhar, fazem-no de maneira restrita e cautelosa, justamente por responder a uma sociedade que em sua maioria ainda trata do sexo como pecado.

Tem-se por intenção nesse trabalho, compreender a perspectiva dos educadores da cidade de Ponta Grossa, em relação às questões de sexualidade. Considerando suas bagagens culturais e sua formação profissional, reconhecendo que existem ou não dificuldades de se trabalhar com os temas e quais as consequências de não se sistematizar os conhecimentos dos educandos sabendo que estes estão cheios de dúvidas e curiosidades e que existe um farto “arsenal” de informações de livre acesso em todos os meios de comunicação.

Ao compreender as problemáticas do trabalho, espera-se poder desenvolver um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual, com práticas de projetos desenvolvidos a partir da literatura infantojuvenil relacionada às temáticas de sexualidade, que possa vir a contribuir com os educadores presentes nos anos iniciais do ensino fundamental (3° ao 5° ano), de modo que passem a realizar reflexões e assim melhorar a qualidade do trabalho realizado com seus alunos.

18. Objetivos da pesquisa.

Objetivo geral:

- ✓ Criar um mecanismo de apoio para o desenvolvimento científico da Educação Sexual no Ensino Fundamental I

Objetivos específicos:

- ✓ Verificar como os educadores da cidade de Ponta Grossa compreendem o trabalho sobre sexualidade em conformidade com o currículo de ciências;
- ✓ Identificar as principais dificuldades e necessidades dos educadores para desenvolver trabalhos com as questões de sexualidade;
- ✓ Examinar/interpretar os posicionamentos dos educadores com relação à situação problema deste trabalho;

19. Elaborar um material que venha a servir de apoio aos educadores, das séries iniciais no Ensino de Ciências. Participação na pesquisa.

A pesquisa acontecerá em dois momentos, possuindo dois sujeitos de pesquisa:

1º Momento- os sujeitos de pesquisa serão os professores das series iniciais do Ensino Fundamental, respondendo a um questionário sobre suas atividades referentes à educação sexual, nas series iniciais do Ensino Fundamental.

2º Momento- os sujeitos de pesquisa serão alunos das series iniciais, os quais participaram nas aplicações do material desenvolvido com a literatura infantojuvenil para a educação sexual, nas series iniciais do Ensino Fundamental.

20. Confidencialidade.

A utilização de declarações feitas pelos sujeitos de pesquisa, bem como as imagens fotografadas ou filmadas serão utilizada somente para fins acadêmicos. Ainda reforçamos, que em nenhum trabalho será divulgado o nome dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

21. Desconfortos, Riscos e Benefícios.

5a) Desconfortos e ou Riscos:

Não haverá desconforto do ponto de vista físico ou biológico. O único risco é a possibilidade de constrangimento ao tratar do assunto Sexualidade. No mais, não há riscos. Os alunos e os professores não serão expostos ao público. Seus nomes bem como imagens não serão divulgados, bem como não será identificada a escola nem a cidade onde ocorrerá a pesquisa.

5b) Benefícios:

A Educação Sexual é uma questão que deve ser trabalhada em conjunto entre família e escola. Porem devido à complexidade do assunto, muitas vezes, acaba sendo deixadas de lado por ambas as partes. O trabalho tem por objetivo, beneficiar pais, educadores ou interessados no assunto, para que tenham um mecanismo de apoio para desenvolver uma Educação Sexual de qualidade. Para isso, a realização da pesquisa com os sujeitos apresentados se faz necessário.

22. Critérios de inclusão e exclusão.

6a) Inclusão:

A temática da pesquisa e sua intenção de material a ser elaborado na finalização do trabalho serviram como critérios de seleção dos sujeitos de pesquisa. Onde se faz necessário que todos os sujeitos envolvidos na pesquisa, estejam incluídos nas series iniciais do Ensino Fundamental.

Alunos matriculados na rede de Ensino Municipal na cidade onde será desenvolvido o projeto. Os professores da rede de Ensino Municipal na cidade onde será desenvolvido o projeto.

6b) Exclusão:

Alunos cujos pais ou responsáveis, depois de informados sobre como se dará a pesquisa, não autorizem a participação de seus filhos. Alunos que não tiverem o interesse em participar da pesquisa. Professores que após informados sobre como será a pesquisa, não se dispuserem a participar da pesquisa.

23. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Durante todo o processo, o sujeito de pesquisa poderá tirar qualquer duvida que precise de esclarecimentos, sendo necessário apenas que entre em contato por telefone ou e-mail com o pesquisador responsável pelo trabalho.

É de direito do sujeito pesquisado, não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento da pesquisa. Sem nenhum prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

24. Ressarcimento ou indenização.

Caso haja a necessidade de ressarcimento e/ou indenização decorrente da pesquisa, estes serão de responsabilidade da equipe/instituição que fará o acompanhamento e se encarregará de seus custos.

B) CONSENTIMENTO (do sujeito de pesquisa ou do responsável legal – neste caso anexar documento que comprove parentesco/tutela/curatela)

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins de pesquisa científica/educacional.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome completo: _____

RG: _____ Data de Nascimento: __/__/____ Telefone: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura: _____ Data: __/__/____

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisador: _____

(ou seu representante) _____ Data: _____

Nome completo: _____

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com Samanta Mizunuma, via e-mail: mizunumasamanta@gmail.com ou telefone: (42) 99384400.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR)
REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

OBS: este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente ao pesquisador e outra ao sujeito de pesquisa.